

UNIVERSIDADE METODISTA DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS DA RELIGIÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS DA RELIGIÃO

**FÉ CRISTÃ E COMPROMISSO SOCIAL HOJE:
UM DIÁLOGO COM O PENSAMENTO DE JOSÉ COMBLIN**

EDILENE DA SILVA DIAS

SÃO BERNARDO DO CAMPO

2007

**FÉ CRISTÃ E COMPROMISSO SOCIAL HOJE:
UM DIÁLOGO COM O PENSAMENTO DE JOSÉ COMBLIN**

**Por
Edilene da Silva Dias**

**Dissertação apresentada em cumprimento
parcial às exigências do Programa de Pós-
Graduação em Ciências da Religião, para
obtenção do grau de Mestra.**

Orientador: Prof. Dr. Jung Mo Sung

**SÃO BERNARDO DO CAMPO
AGOSTO/2007**

FICHA CATALOGRÁFICA

D543f Dias, Edilene da Silva

Fé cristã e compromisso social hoje: um diálogo com o pensamento
de José Comblin, 2007
116fl.

Dissertação (mestrado em Ciências da Religião) – Faculdade de Filosofia e
Ciências da Religião, Universidade Metodista de São Paulo, São Bernardo do Campo

Orientação de : Jung Mo Sung

1. Teologia social **2.** Neoliberalismo **3.** Sociedade brasileira **4.** Exclusão social –
Brasil **5.** Fé **6.** Solidariedade **7.** Compromisso social **8.** Comblin, José, 1923-
Crítica e interpretação **I.** Título.

CDD 261.8

DEDICATÓRIA

A **Davi**, meu amado esposo, à **Letícia e Vinícius**, meus queridos filhinhos, pessoas amadas e especiais do meu coração que me compreenderam e sofreram em momentos de minha ausência e acompanharam minhas inquietações em função deste trabalho, a quem reconheço o incentivo.

Ao meu querido e inesquecível pai – **Joaquim Pedro da Silva** (*In memoriam*) – que desde minha infância e juventude investiu, me apoiou e sonhou em me ver atingindo o alvo a ser aqui concretizado.

À mulher que viveu dedicada à família, minha querida mãe, **Julia Barbosa da Silva**, que criou e amou três filhos e que muito contribuiu para a finalização deste trabalho.

AGRADECIMENTOS

Ao se chegar ao final de um trabalho dessa natureza, são incontáveis os agradecimentos, e uma síntese pode provocar injustiças.

Agradeço ao meu orientador, professor Dr. Jung Mo Sung, com quem pude dialogar e interagir para chegar a uma direção, e que cuidou para que a fidelidade quanto ao objetivo deste trabalho se mantivesse.

Aos professores das disciplinas cursadas que muito contribuíram na minha formação. Registro em particular a contribuição dos professores doutores que compuseram a banca de Exame de Qualificação, professores doutores Geoval Jacinto da Silva e Ronaldo Sathler Rosa, cujas recomendações tiveram grande valia e me conduziram a novos horizontes de pesquisa. Também agradeço aos professores doutores Carlos Caldas e Geoval Jacinto da Silva por aceitarem participar da banca examinadora na apresentação desta dissertação.

Um agradecimento especial cabe à querida amiga e aluna Maria Cecília Cappellano Brejão, bacharelada em Teologia, graduada em Francês e Português e dentista da rede pública, que me deu apoio durante a fase final de elaboração da dissertação. Embora exercendo sua profissão em lugares diferentes, o que lhe limitava o tempo, esteve disposta no processo de revisão do trabalho.

À Universidade Metodista pela bolsa CAPES e aos seus funcionários que de alguma maneira contribuíram na conclusão deste trabalho registro meus sinceros agradecimentos.

Ao Pai, ao Filho e ao Espírito Santo seja toda a honra e a glória pelos séculos dos séculos. Amém.

DIAS, Edilene da Silva. *Fé Cristã e Compromisso Social Hoje: Um diálogo com o pensamento de José Comblin*. São Bernardo do Campo, Universidade Metodista de São Paulo, 2007. Mestrado - Ciências da Religião. Orientação de Dr. Jung Mo Sung.

SINOPSE

Neste início de século percebemos que as implicações da ideologia neoliberal têm influenciado os mais variados setores da sociedade no mundo: social, econômico, cultural, político e também religioso, proporcionando aos mais ricos, sejam países ou pessoas, acúmulo de riquezas e privilégios e desprezo aos mais pobres e desfavorecidos, promovendo assim uma distância cada vez maior entre as classes e grupos sociais e formando uma mentalidade cada vez mais insensível e individualista nos cidadãos.

Este trabalho efetuará uma pesquisa sobre a concepção de José Comblin – em diálogo com alguns outros autores – a respeito da fé cristã, que deve se expressar em uma efetiva práxis religiosa, também no âmbito público, o que significa que a fé cristã tem uma dimensão pública e que deve contribuir criticamente na transformação da nossa sociedade.

Essa pesquisa se propõe a contribuir para uma maior compreensão e envolvimento da Igreja Cristã brasileira em comprometer-se junto a questões sociais mais abrangentes, como demonstração de seu entendimento sobre a fé por ela defendida e ensinada.

Palavras chaves: Sociedade, exclusão social, fé cristã, solidariedade, compromisso social.

DIAS, Edilene da Silva, *Christian Faith and Social Commitment Today: A dialogue with José Comblin's thought*. São Bernardo do Campo, Methodist University of São Paulo, 2007. Master's in degree in Religious Studies. Advisor: Dr. Jung Mo Sung.

ABSTRACT

In the beginning of the century we realize that neo liberal ideology implications have influenced the most varied sectors of the world society such as: social, economical, cultural, political and also religious, giving a great amount of wealth and privileges to the richest and disdain to the poorest increasing the distance between the classes and social groups and forming more and more insensitive and individualistic mentality in the citizens.

A research will be done about José Comblin's conception – with dialogue with other authors about the Christian faith which must express itself in an effective religious practice also in the public, which means that Christian faith has a public dimension which must contribute critically in our society transformation.

This research aims to contribute for a better comprehension and the involvement of Brazilian Christian church by committing herself to the wider social issues such as the demonstration of its understanding about the faith she defends and teaches.

Key words: society, social exclusion, Christian faith, solidarity and social commitment.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	11
CAPÍTULO I - GLOBALIZAÇÃO, NEOLIBERALISMO E EXCLUSÃO SOCIAL	15
1 NEOLIBERALISMO: ORIGEM, CONCEITUAÇÃO E ABRANGÊNCIA	17
2 NEOLIBERALISMO E A GLOBALIZAÇÃO	27
3 EFEITOS DA POLÍTICA NEOLIBERAL NA SOCIEDADE	33
4 PARADIGMA NEOLIBERAL E RELIGIÃO	35
5 PARADIGMA CULTURAL: CONSUMISMO E INSENSIBILIDADE	38
CONSIDERAÇÕES SOBRE O CAPÍTULO	44
CAPÍTULO II - FÉ CRISTÃ E SUAS CONTRIBUIÇÕES PARA A SOCIEDADE	46
1 ORIGINALIDADE DA VIDA E FÉ CRISTÃS	46
1.1 Conceituação / Interpretação Acerca da Fé Cristã	47
1.2 Religião e Fé Cristã	55
1.3 Diferença Entre Seguir Jesus e Religião	57
1.4 Evolução Histórica de Vida Cristã	59
2 A FÉ CRISTÃ E A CONTRADIÇÃO COM O MUNDO	64
3 A FÉ CRISTÃ E O DESAFIO DA PRÁXIS TRANSFORMADORA	70
CONSIDERAÇÕES SOBRE O CAPÍTULO	74
CAPÍTULO III - O AMOR E A LIBERDADE CRISTÃ NO MUNDO DE HOJE	75
1 A IGREJA CRISTÃ FRENTE AO NEOLIBERALISMO NA AMÉRICA LATINA	75
2 FÉ CRISTÃ E AMOR AO PRÓXIMO	81
2.1 Obstáculos em Demonstrar Amor ao Próximo	84
2.2 O Cristianismo e a Liberdade para Amar	87
2.2.1 Definição de Liberdade Segundo Paulo	89
2.2.2 O Conteúdo da Liberdade	92
2.3 Como Aplicar o Amor ao Próximo?	93

3 O DESAFIO CRISTÃO NA SOCIEDADE -----	94
3.1 Atuação Social do Cristianismo no Início de sua História-----	96
3.2 Exemplo de Posicionamento Social Cristão -----	98
3.3 Olhando para os Cristãos com Otimismo -----	101
 CONSIDERAÇÕES SOBRE O CAPÍTULO-----	 104
 CONSIDERAÇÕES FINAIS -----	 106
 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS -----	 109

INTRODUÇÃO

Esta dissertação pretende abordar a relação entre a fé cristã e o compromisso social no mundo de hoje. Um dos motivos fundamentais para esta escolha se deve ao fato de que diversos segmentos das igrejas cristãs procuram viver o Evangelho de um modo alheio aos problemas sociais fundamentais do nosso tempo, especialmente alheio aos temas que se relacionam com necessidades básicas do ser humano.

A nossa pesquisa terá como eixo central, obras de José Comblin, sem deixar de lado outros autores que nos ajudem a aprofundar os temas aqui tratados. A escolha deste autor deve-se ao interesse que a leitura de seus livros despertou em mim, pelo seu grande conhecimento sobre as questões sociais e teológicas ligados ao nosso tema, além da identificação com as suas propostas e linha teológica. Teremos Comblin como o autor-guia, mas esta dissertação não é sobre a obra dele, por isso procuraremos estabelecer um constante diálogo também com outros autores.

Esta pesquisa parte do pressuposto de que o ser humano é um grande colaborador da preservação da sociedade em que vive e interage, e até pode ser considerado potencialmente responsável pela harmonia da mesma, e as conseqüências de suas decisões, escolhas e atitudes podem influenciar e interferir na vida de pessoas ao seu redor, quer política, social, religiosa, intelectual ou economicamente.

A escolha do tema desta dissertação originou-se de uma percepção pessoal obtida em seminários e igrejas cristãs (protestantes) onde atuei como professora e pregadora. Pude perceber nestes ambientes que uma grande parte dos ouvintes tinham o interesse pessoal em receber uma “palavra”¹ que se adequasse com um estilo de vida tranqüilo, através do qual não precisassem se esforçar para manter sua rotina privada. Estas pessoas queriam evitar o confronto com a realidade de

¹ Essa forma de se referir ao sermão pregado numa igreja é muito comum entre os protestantes.

que não estão sós no mundo, ou na sociedade em que vivem, e que os cristãos devem demonstrar a sua fé através de ações pessoais e sociais baseados no amor e solidariedade para com as pessoas mais necessitadas. Percebia claramente o desconforto dessas pessoas quando tocava nestes assuntos.

Compreendemos, no entanto que, uma vez que os cristãos fazem parte da sociedade, podem tornar-se capazes, a partir de uma compreensão clara da implicação da fé em suas vidas, de contribuir com a mesma, de forma ativa e comprometedora.

Comblin declara que: “a Igreja está a serviço do mundo. Não pode sair dele”². Não existe uma possibilidade de os cristãos se alienarem e simplesmente fecharem os olhos para a realidade que lhes está patente.

Partindo da experiência de ver a realidade social tão difícil e poucas comunidades cristãs assumindo a sua missão de contribuir para melhorar tal situação, surge a pergunta: Que tipo de fé cristã pode motivar essas pessoas a saírem dessa insensibilidade ou apatia?

Frente a esta pergunta, desenvolveremos a nossa pesquisa a partir da hipótese de que é fundamental relacionar a fé cristã com a noção de amor e liberdade cristã. Uma fé que não se articula com a noção de amor e liberdade não leva as comunidades cristãs a assumirem o desafio de enfrentar os graves problemas sociais do nosso tempo. É nesta reflexão que a obra de José Comblin nos servirá como guia.

Este trabalho se deterá em mostrar algumas problemáticas atuais, que vêm formando obstáculos para uma conscientização mais abrangente das Igrejas Cristãs. Também tem a pretensão de atingir cristãos que já se aperceberam da realidade aqui explicitada.

² COMBLIN, José. *Cristãos Rumo ao século XXI. Nova caminhada de libertação*. São Paulo: Paulus, 1996, p. 6

A pesquisa em questão propõe estudar sobre a fé cristã e o compromisso social, compreendendo que a missão da Igreja de Jesus Cristo, e de cada indivíduo que a proclama e vive, visa a participação na transformação das realidades sociais e históricas das pessoas que sofrem e das excluídas da sociedade.

A nossa metodologia será a pesquisa bibliográfica em diferentes áreas como a teologia, história e ciências sociais. Pretendemos fazer um levantamento da realidade social e estudar sistematicamente a missão do Cristianismo com o objetivo de oferecer maior visibilidade e esclarecimento da importância da dimensão pública da fé cristã.

Esta dissertação está organizada em três partes, além desta introdução. Na primeira, faremos uma abordagem sobre as origens históricas do neoliberalismo, entendida em dupla dimensão: enquanto uma ideologia reivindicada por intelectuais e governantes, com forte influência no comportamento de indivíduos e de vários grupos sociais; e enquanto um conjunto de políticas econômico-sociais, adotadas pela maioria dos governos hoje existentes. Adicionalmente, evidenciaremos as consequências sociais daí decorrentes, em especial o desemprego e a exclusão social.

Neste mesmo capítulo abordaremos o processo de globalização, visto num plano mais geral, como um processo de aprofundamento do sistema capitalista, apesar de apontar também para o surgimento de novas situações e novos problemas. Assim, conceituaremos esses fenômenos para uma visão mais clara quanto à sua participação na formação da mentalidade dos indivíduos nos mais variados grupos sociais. Também focalizaremos o aspecto religioso no sistema neoliberal, bem como sua influência na Igreja Cristã.

A seguir, no segundo capítulo, trataremos a fé cristã e suas contribuições para a sociedade, compreendida como uma resposta do Cristianismo frente à estagnação e acomodação de diversos segmentos cristãos. Estudaremos a definição da fé a partir de José Comblin e outros teólogos ressaltando a possível contribuição efetiva dos cristãos na organização e transformação da sociedade. Será

destacada ainda a importância da noção do amor ao próximo e da liberdade que o Cristianismo prega e que os cristãos têm de viver e expressar nos dias de hoje.

No terceiro capítulo, estudaremos como o Cristianismo, desde o seu início, fez do amor solidário e do amor ao inimigo uma chave fundamental para superar modelos de sociedade que se fundam na divisão e na exclusão. Veremos também algumas propostas contemporâneas da concretização desta noção de amor e de liberdade cristã nos dias de hoje.

Efetuiremos também nossas considerações finais acerca das abordagens percorridas neste trabalho, com o intuito de contribuir para melhor compreensão e avaliação dos efeitos sociais e históricos na esfera religiosa.

CAPÍTULO I

GLOBALIZAÇÃO, NEOLIBERALISMO E EXCLUSÃO SOCIAL

O objetivo deste capítulo é compreender a situação atual da sociedade marcada pela globalização guiada pela ideologia neoliberal. Para isto vamos estudar o conceito de neoliberalismo, a sua origem e os seus fundamentos teóricos. Além disso, vamos efetuar uma exposição dos fatos e efeitos dos mesmos que têm contribuído diretamente para a formação do paradigma que estrutura esta sociedade.

Neste início de século percebemos as implicações da ideologia neoliberal que têm influenciado os mais variados setores da sociedade no mundo: social, econômico, cultural, político e também religioso, proporcionando aos mais ricos, sejam países ou pessoas, acúmulo de riquezas e privilégios e desprezo aos mais pobres e desfavorecidos, promovendo assim uma distância cada vez maior entre as classes e grupos sociais e formando uma mentalidade cada vez mais insensível e individualista nos cidadãos.

Efetuaremos uma abordagem acerca da adesão latino-americana junto à ideologia neoliberal para melhor elaboração do tema.

O neoliberalismo encontrou na América Latina um terreno particularmente acolhedor, devido às características da história latino-americana, à sua cultura e à sua estrutura social. Foi recebido aqui num mundo dependente não só econômica, mas também culturalmente.

A dificuldade do desenvolvimento na América Latina seria o problema das elites. Uma das características das elites latino-americanas é, segundo Celso Furtado, a "obsessão de reproduzir o perfil daqueles que se auto-intitulam

desenvolvidos"³. Desta maneira, há uma defasagem entre os desejos das elites e a capacidade tecnológica do país. Diante de tal situação, há dois caminhos: ou desenvolver a tecnologia própria com recursos próprios e com a formação de tecnologias nacionais, ou importar tecnologias, bens e serviços que a nação ainda não pode fornecer. Os asiáticos, Japão, Coréia, Taiwan escolheram o primeiro caminho e saíram do subdesenvolvimento. A América Latina escolheu o caminho da importação e do apelo às multinacionais para importar bens e tecnologias. Isto porque as elites queriam todo o consumo do Primeiro Mundo⁴.

Com essa opção das elites, os recursos nacionais necessários para o desenvolvimento foram desviados à importação do consumo de luxo para os privilegiados. Nesta época em que as tecnologias se multiplicam cada vez mais e se tornam cada vez mais sofisticadas, é inevitável que se chegue a um momento em que essa situação se torne insustentável! Além disso, as elites não somente querem o consumo, mas não querem pagar impostos. Com uma consciência aristocrática herdada dos colonizadores, acham natural que os impostos sejam pagos pelos pobres.

Na América Latina, as classes médias e abastadas negam-se a pagar impostos, por muitas razões - muitas delas egoístas e inaceitáveis, mas também por uma muito boa: acreditam que o seu dinheiro será mal gasto, roubado ou desperdiçado por governos antidemocráticos, insensíveis e impunes⁵.

Quanto ao problema cultural, as elites latino-americanas sentem-se ocidentais. Têm consciência de estarem em continuidade com o mundo ocidental. Podem venerar os antigos heróis negros, índios, mas não se identificam de modo algum com os negros e os índios da atualidade. São brancos, querem ser brancos e querem um modo de viver branco com todas as mordomias. Muitos membros das elites são imigrantes ou filhos de imigrantes recentes que não cortaram os laços culturais com a Europa. Como diz Celso Furtado, "seria assumir a própria

³ Cf. Celso Furtado, *O Capitalismo Global*. São Paulo: Paz e Terra, 1998, p.67.

⁴ Ibidem, p.69-72.

⁵ Cf. Jorge Castañeda. *Utopia desarmada*. São Paulo: Companhia das Letras, p.353.

identidade"⁶. Essa identidade não seria aceita, as elites fogem dela. Atualmente vivem com nostalgia de Miami, Disneylândia ou Nova Iorque⁷.

A ideologia neoliberal que triunfou nos Estados Unidos e na Inglaterra na década de oitenta⁸ foi imposta através de pressões governamentais e especialmente através do F.M.I. (Fundo Monetário Internacional) e Banco Mundial, que condicionavam as ajudas aos países com alta dívida externa e os pobres à aceitação do receituário neoliberal e também recebida com entusiasmo como o mais novo dos produtos culturais, a última moda do Primeiro Mundo. Não receber esta ideologia seria como vestir-se na moda do passado⁹.

Entre o final da década de setenta e início dos anos oitenta, a ideologia neoliberal tornou-se a oficial na Inglaterra e nos Estados Unidos, envolvendo os europeus e finalmente o mundo todo. Tal ideologia passou a exercer forte influência no mundo inteiro, nas assembleias legislativas, nos governos, no mundo acadêmico, na mídia mundial, e também nos púlpitos das igrejas. Segundo o comentário de Comblin: "Quem não se submete ao pensamento comum (neoliberal) fica excluído de todos os lugares importantes na sociedade. Já não pode falar ou, se falar, não será ouvido"¹⁰.

1 NEOLIBERALISMO: ORIGEM, CONCEITUAÇÃO E ABRANGÊNCIA

O fenômeno político/ideológico denominado neoliberalismo, disseminado mundo afora a partir dos fins dos anos 70 de forma fulminante, tornou-se, em apenas duas décadas, um guia teórico e prático para partidos e governos de quase todos os países ocidentais. Aclamado de forma dominante nas academias e demais centros de produção de conhecimento, foi vulgarizado para o grande público, com apoio e influência decisivos da mídia. Os seus princípios passaram a ser aceitos,

⁶ Cf. Celso Furtado, *Op.cit.*, p.71.

⁷ COMBLIN. José. *O Neoliberalismo: ideologia dominante na virada do século*. Petrópolis: Vozes, 2000.p.52-53.

⁸ Ainda que este período seja citado, veremos que tal ideologia não é exatamente nova.

⁹ Cf. COMBLIN. *Op.cit.*, p.53-53.

¹⁰ COMBLIN. *Ibidem*, p.11-13.

consciente ou inconscientemente, pela maior parte da população, evidenciando-se, assim, a constituição de uma hegemonia na forma de se pensar a vida em sociedade, com influência crucial nas ações cotidianas dos indivíduos. Em suma, o neoliberalismo assumiu a condição de hegemonia cultural, no sentido mais abrangente que este conceito possa ter. No entanto, a construção deste pensamento remonta a muito antes da década de 70, quando começou, de fato, a sua ascensão e aceitação generalizada¹¹.

Constituiu-se numa continuação / inovação com relação ao liberalismo dos séculos XVIII e XIX, tendo em vista a existência de diferenças fundamentais nas circunstâncias históricas particulares, econômico-sociais. O liberalismo surgiu e ganhou influência na sociedade europeia com o desenvolvimento do capitalismo e a consolidação da ordem burguesa, contrapondo-se claramente e de forma direta ao chamado “Estado Absolutista”. Este tipo de Estado, que fora, nos primórdios do capitalismo, uma alavanca decisiva para a “revolução comercial” e a chamada “acumulação primitiva”, passou a se constituir em um entrave à “liberdade do capital”.

No momento de destruição da produção artesanal, surgimento da manufatura e, posteriormente, da grande indústria, num processo que culminou com a constituição das forças produtivas especificamente capitalistas, a regulamentação existente e a interferência do Estado na vida econômica, na forma e conteúdo como vinha sendo feita, dificultavam a “livre mobilidade do capital” e a “liberdade contratual”. No entanto, o ataque às restrições impostas pelo Absolutismo assume, no liberalismo, a feição de um ataque à intervenção do Estado em geral, que se expressa na sua tese principal de que o indivíduo se caracteriza por ser a célula elementar de constituição da sociedade, cuja iniciativa e ação não podem ser contrariadas pelo Estado, tendo o mesmo, portanto, direito à total liberdade econômica e política¹².

¹¹ ANDERSON, P. Balanço do Neoliberalismo, in Sader, E. (org.) *Pósneoliberalismo - As políticas sociais e o Estado Democrático*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1995, p. 9-23.

¹² Idem.

No plano internacional, essa ideologia deu origem à doutrina das “vantagens comparativas”, que fundamentava a aparente vantagem de total liberdade comercial entre as nações, de acordo com os interesses econômicos hegemônicos da Inglaterra. “A teoria econômica do livre comércio estava presente já nos primeiros economistas clássicos ingleses e a sua formulação clássica é de David Ricardo.¹³ Segundo esta teoria – a Teoria das Vantagens Comparativas –, cada país tem determinadas vantagens na produção de certas mercadorias, e não de outras. Esta vantagem pode ser “natural” (atividades extrativas ou agropecuárias) ou “adquirida” (produção industrial ou serviços). Para esta corrente econômica, esta vantagem sempre se traduz em menores preços, como resultado de menor custo pela economia de escala. E com o livre comércio entre os países, estas vantagens comparativas se traduziriam em benefícios para os consumidores de todo o mundo que teriam produtos de melhor qualidade com menor preço.

Paul A. Samuelson, prêmio Nobel de economia, aprofundando um aspecto já presente em David Ricardo, defendeu a idéia de que o livre comércio e a especialização dos países naquelas atividades de maior vantagem comparativa conduziram à difusão do progresso técnico e do desenvolvimento para todos os países¹⁴.

É importante destacar que esta teoria de livre comércio internacional é anunciadora de uma solução (de uma boa-nova) para os países pobres. Os países pobres (e também os países não-pobres) devem se especializar nos setores de economia que alcançam maior produtividade e abrir suas economias para importações de mercadorias que os produtores internos produzem a um custo mais alto comparados com os produtores estrangeiros mais competitivos. Isso significa, sem dúvida, a quebra das empresas nacionais destes setores e o respectivo desemprego de muitos trabalhadores. Mas, em termos globais significaria mais crescimento econômico (medido em PIB) para todos os países e a satisfação dos consumidores de todo o mundo. A quebra de alguns setores de economia e o

¹³ No seu livro *Princípio da economia política e tributação*, São Paulo, Abril Cultural, (Os Economistas), 1982.

¹⁴ "Internacional Trade and Equalization of Factor Prices", *Economic Journal*, 58, 06/1948, pp.163-184; e "Internacional Factor-Price Equalization Once Again", *Economic Journal*, 59, 06/1949, pp.181-197.

desemprego seriam um custo social (ou "sacrifício", em linguagem religiosa, que também é muito utilizado por economistas) necessário para o progresso do país.

O neoliberalismo surgiu no pós-Segunda Guerra Mundial, como uma reação teórica e política ao Estado Intervencionista, presente na Europa e nos EUA. As suas críticas se voltam contra qualquer limite, por parte do Estado, ao funcionamento dos mecanismos do mercado; o "mercado livre" seria a garantia da liberdade econômica e política, esta última também ameaçada pelo intervencionismo. Portanto, neste caso, é uma doutrina que se constrói em oposição a uma certa forma de intervenção do Estado, isto é, o chamado Estado de Bem-Estar Social Europeu ou o New Deal norte americano e tendo por princípio mais geral que a desigualdade é um valor positivo e imprescindível na constituição de uma sociedade democrática, pois é a base da liberdade e da vitalidade da concorrência¹⁵.

Do ponto de vista econômico, recusa em aceitar o exercício de políticas ativas por parte do Estado; quer sejam macroeconômicas, no sentido de estimular em geral a atividade produtiva e o emprego, quer sejam políticas setoriais (industrial, por exemplo) e regionais. Em ambos os casos, segundo a doutrina neoliberal, o resultado final é um desastre; porque a tentativa de impulsionar a economia, através de políticas monetárias e fiscais, termina apenas com mais inflação sem contudo reduzir o patamar de desemprego, enquanto o apoio a regiões e setores específicos provoca ineficiências e desperdícios, em razão da distorção do mecanismo de formação dos preços.

Por isso, o objetivo maior, e quase que único, da política econômica, deve ser o de defender a moeda, assegurando a estabilidade dos preços, e garantir o cumprimento dos contratos e da "livre concorrência". Esta última deve ser viabilizada através da desregulamentação em geral, e do mercado de trabalho em particular, com destaque para a flexibilização das relações trabalhistas. No plano internacional

¹⁵ Os partidários mais destacados dessa doutrina criaram a Sociedade de Mont Pelerin (Suíça) em 1947, para combater as idéias associadas ao "solidarismo". Entre outros, podem ser mencionados Friedrich Hayek, Milton Friedman, Karl Popper, Lionel Robbins, Ludwig Von. In ANDERSON, op.cit. p. 9-23.

se materializa na livre mobilidade de capitais e mercadorias, com a derrubada de restrições ao comércio e a livre circulação do capital financeiro.

Do ponto de vista social, também não deveria haver políticas ativas que procurem diminuir as desigualdades sociais entre os indivíduos, pois isto acomoda seus beneficiários e arrefece a competição, motor maior da sociedade e da liberdade. Mesmo quando seus adeptos reconhecem, contrariadamente, a necessidade inevitável de alguma ação neste campo, o foco se dirige para o indivíduo, isto é, há uma aversão por qualquer solução ou benefício de natureza coletiva, próprios das políticas de bem-estar social do pós-guerra.

Do ponto de vista político, o neoliberalismo ressalta, também, a democracia representativa, o Estado de Direito e os direitos individuais¹⁶, mas procura descaracterizar qualquer tipo de ação coletiva, em particular as de natureza sindical, que são sempre vistas como “corporativistas” e contrárias ao “interesse geral”¹⁷. Em resumo, em todas as instâncias, econômica, social e política, o pensamento neoliberal tem como referência maior os indivíduos, sendo a própria sociedade concebida como um mero somatório dos mesmos¹⁸.

Da mesma forma que o “velho liberalismo”, o “novo liberalismo”, do ponto de vista da ação política, também não implicou no fim da intervenção do Estado na economia, mas apenas no redirecionamento dessa intervenção. Esta é uma questão crucial para se compreender, para além das aparências, o porquê da suposta contradição, muitas vezes manifestada, entre a doutrina neoliberal e a ação política dos governos que se inspiram, admitidamente ou não, na mesma.

Os extraordinários gastos militares do Estado americano durante o Governo Reagan, assumidamente neoliberal, e o “socorro” dado aos bancos no Brasil pelo

¹⁶ O que não impede de seus mais ferrenhos defensores aceitarem ou, no mínimo, se omitirem, com relação à realização das ditas reformas neoliberais sob um regime ditatorial, como foi o caso do Chile (será citado adiante).

¹⁷ Os sindicatos são vistos assim porque intervêm no contrato feito entre o trabalhador-indivíduo e a empresa e propõe um contrato coletivo, que é visto como uma forma de intervenção no mercado. Isto diminuiria a concorrência e assim seria contrária ao interesse geral.

¹⁸ Esta concepção foi explicitada de forma clara por Margareth Thatcher ao afirmar que “Isto que chamam de sociedade é algo que não existe”. Cf. ORMEROD, P. *A morte da economia*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

Governo FHC (nem tanto assumido), através do Programa de Reestruturação Bancária (PROER), evidenciaram que, na realidade, essa contradição se dá apenas no plano do discurso formal. Isto porque a doutrina neoliberal, de supremacia do mercado e de total liberdade econômica, é objetivamente coerente e funcional, e se ajusta perfeitamente à sustentação e legitimação de todas as políticas que favorecem e fortalecem o capital na sua correlação de forças com o trabalho, tanto no interior do espaço fabril quanto no conjunto da sociedade.

Desse modo, o cotejamento das duas versões da mesma ideologia/doutrina indica alguns pontos comuns essenciais. Antes de tudo, a convicção de que o capitalismo é a própria “ordem natural”, começo e fim da história, de acordo com uma concepção que enxerga a sociedade governada por “leis naturais” imutáveis, que existem “desde quando o mundo é mundo”, semelhantes à lei da gravidade, isto é, leis que sempre existiram, existem e sempre existirão. Nessa medida, nesse processo de “naturalização” das relações sociais, o capitalismo e a sociedade burguesa, no limite, significam a própria realização da natureza humana.

Adicionalmente, os três outros elementos comuns a essas duas versões da mesma doutrina são: o individualismo, político e social; o princípio de que o mercado deve ser o único regulador da economia; e a afirmação da democracia representativa como valor inquestionável, apesar de que neste último caso, mais uma vez, nem sempre os autointitulados (neo)liberais apresentem coerência com suas respectivas práticas políticas¹⁹.

Apesar de uma identidade, praticamente total, entre o liberalismo e neoliberalismo, há uma diferença essencial entre ambos, determinada pelas circunstâncias históricas em que surgiram e floresceram. O liberalismo expressou, no plano das idéias, um momento de expansão do modo de produção capitalista, de superação de uma ordem social regressiva, de caráter religioso e estamental; apesar de ser, antes de tudo, uma doutrina apropriada para os interesses da burguesia em ascensão, era o anúncio da modernidade, de um tempo em que os

¹⁹ Isto é explicitado por Fukuyama ao considerar a democracia liberal americana como o limite máximo da evolução político/ideológica da humanidade. FUKUYAMA, F. *O fim da história e o último homem*. São Paulo: Ed.Rocco, 1992.

interesses econômicos de classe e os conflitos sociais passariam a ser explicitados de forma clara, sem os subterfúgios criados pela política, os costumes, a religião ou qualquer outra instância de ação dos homens.

O neoliberalismo, por sua vez, nasceu como uma reação à forma assumida pelo capitalismo depois da Segunda Guerra Mundial, caracterizada pela presença decisiva do Estado na esfera econômica, enquanto expressão do pacto social-democrata. Pacto este no qual os trabalhadores e suas organizações sindicais e partidárias participavam como sujeitos fundamentais, o que resultou na inclusão econômico-social das grandes massas trabalhadoras, a partir da distribuição dos ganhos de produtividade. O neoliberalismo surgiu como uma doutrina que postulava um retorno ao passado, no qual a regulação econômica era feita, essencialmente, através do mercado e a exclusão social da maior parte da população era a marca registrada.

O neoliberalismo é uma utopia ou teoria que pretende dar uma explicação total do ser humano e da sua história em torno da economia. Faz da economia o centro do ser humano, a partir do qual todo o resto se explica. Seus principais ideólogos foram Friedrich Hayek²⁰ e Milton Friedman²¹. O capitalismo adotou o neoliberalismo como a melhor arma para conquistar as mentes do mundo ocidental, bem como do mundo inteiro. Este caráter totalitário é proveniente dos fundamentos do liberalismo clássico²², no qual os economistas liberais, principalmente Adam Smith²³, o mais famoso, preocupavam-se em emancipar a economia de preceitos

²⁰ Friedrich Hayek, austríaco, formado em direito e ciência política, foi professor na Áustria, Inglaterra e Estados Unidos, recebeu o prêmio Nobel em 1976. Para Hayek toda economia gira em torno do mercado, havendo equilíbrio perfeito do mercado quando os produtos oferecidos são exatamente os procurados; sua teoria atribui todos os males do capitalismo à ação exclusiva do governo e dos sindicatos. Cf. CARNEIRO, Ricardo (Org.). *Os Clássicos da Economia*. São Paulo: Ática, 1997. p.175.

²¹ Milton Friedman, norte-americano, estudante e professor na Universidade de Chicago, onde se tornou o líder da escola monetarista, ganhou o prêmio Nobel em 1976. Para Friedman é no mercado que se joga o presente e o futuro da liberdade. Segundo ele, há somente dois métodos para organizar as atividades econômicas de milhões de pessoas: o Estado totalitário ou o livre-mercado. Cf. MADI, Maria Alejandra Caporale. *Milton Friedman. Estabilidade com regras monetárias. Os Clássicos da Economia*. São Paulo: Ática, 1997, p.221-233.

²² As idéias liberais consideravam os homens, por natureza, iguais política e juridicamente. Liberdade e justiça eram direitos de todo cidadão. DAHRENDORF, Ralf. *As classes e seus conflitos na sociedade industrial*. p.111-112. Idéias originárias do liberalismo, descrito acima.

²³ Adam Smith – pai fundador da economia burguesa, sua visão do ser humano competitivo estaria historicamente condicionada pela resistência da Igreja e da nobreza contra implantação de uma economia regida pela livre iniciativa. ASSMANN, Hugo e SUNG, Jung Mo. *Competência e Sensibilidade Solidária: Educar para a Esperança*. 3ª ed. Petrópolis: Vozes, 2000. p.172.

morais e de dogmas religiosos externos à própria economia, descobrindo o mercado. O mercado dispensava os valores morais, os preceitos, a subordinação a princípios éticos que entravam em contradição com a economia²⁴.

Segundo Hugo Assmann, assistimos hoje a uma intensa messianização do mercado, com sua expressão máxima na exacerbada retórica neoliberal, cuja qualidade teológica tornou-se indisfarçável. Para Assmann, mais do que nunca, a cultura capitalista alardeia seu caráter de “boa nova”, e os opressores se sentem benfeitores, imbuídos de serviço. “Estamos confrontados com uma lógica despreocupada com a maioria da humanidade e insensível a seus reclamos”²⁵.

Na ótica de Hugo Assmann, observamos articulações complexas da contingência humana nas ambiguidades da economia de mercado, lutando pela priorização inadiável de metas sociais. Isto implicaria uma relação profunda com a dor e o prazer. Porque o Ocidente, e nele o Cristianismo, nunca teria feito as pazes com o sofrimento e o prazer, assim o capitalismo teria ocupado, à sua maneira, este vazio. No Ocidente, o sofrimento e o prazer nunca teriam sido respeitados em si mesmos, mas integrados em teorias finalistas, dor-para e prazer-para. O capitalismo seria uma fantástica revolução nestes temas, teria invertido o sacrificalismo, silenciando e invalidando o clamor das vítimas. A proposta seria uma teoria da felicidade e do prazer, manipulando os desejos humanos na sua dimensão mais profunda e moldando os corpos.

Para Assmann

no paradigma do mercado, o ‘homo oeconomicus’, inventado pelos neoclássicos, a quem não se lhe reconhecem quaisquer necessidades (*needs*), e que é definido unicamente por suas preferências (*wants*) é o consumidor soberano, que sempre tem razão, se tiver poder de compra. Se o não tiver deixa de existir como agente econômico. É fácil compreender que a

²⁴ COMBLIN. Op.cit., p.15 e 17.

²⁵ ASSMANN, Hugo. *Desafios e Falácias. Ensaio sobre a conjuntura atual*. São Paulo: Paulinas, 1991. p.13.

messianização do mercado irrestrito funciona como cobertura ideológica, extremamente eficiente, para aquela insensibilização profunda de inúmeros seres humanos diante das necessidades de seus semelhantes. A pura lógica econômica é insensível, ao desconsiderar o ser humano como um ser-com-necessidades²⁶.

Assmann diz que o triunfalismo do Ocidente e a messiânica do mercado já dispensam a maioria da população dos países pobres como não aproveitável, improdutiva, não rentável, inútil, porém se precisa desses países como exportadores de matéria prima e de capital, e facilitadores de mão-de-obra a baixíssimo custo. Fora isso, a maioria da população do mundo pobre tornou-se um peso ²⁷.

Essa população pobre são as pessoas que se tornam as chamadas excluídas da sociedade, vítimas da competitividade, porque o modelo é indiferente à pessoa humana. Uma vez dispensável para o mercado, esta pessoa desaparece, não há razão para sobrevivência²⁸.

José Comblin avalia a fala dos teóricos neoliberais como conseqüência de sua distância em relação ao povo, desconhecem a maneira de viver dos seres humanos reais, e tal distância cresce cada vez mais. A desigualdade de condição econômica e social é tal que produz distância física, geográfica, e dificilmente as elites têm a oportunidade de encontrar em seu caminho cidadãos comuns, nem conhecem a vida dos seus empregados domésticos. Sendo assim, não sabem que há pessoas que devem comer, vestir-se, ter um teto para dormir em segurança, que há pessoas que têm filhos para criar, que têm problemas de saúde. Desconhecem as coisas simples do cidadão comum. Aquilo que não entra nas equações do mercado, não cabe nos cálculos econômicos. Vivem num mundo abstrato²⁹.

Na concepção de José Comblin, o Neoliberalismo ainda não perdeu o seu prestígio intelectual, devido a seus poderosos interesses, pois, segundo ele, “A

²⁶ Ibidem, p.16.

²⁷ Ibidem, p.14.

²⁸ BUARQUE, Cristovam. *O Colapso da Modernidade Brasileira e um Programa de Proposta Alternativa*. São Paulo: Paz e Terra, 1992. p.13-20.

²⁹ COMBLIN. Op.cit, p.25.

aplicação do programa neoliberal na política das nações permitiu que novas elites mundiais localizadas, sobretudo nos Estados Unidos e seus satélites³⁰, acumulassem riquezas inimagináveis. Os novos ricos acumularam riquezas no mesmo momento em que crescia a miséria das massas³¹. Mesmo diante das evidentes conseqüências negativas na sociedade, os defensores do modelo argumentam que não há alternativa. O modelo neoliberal seria o único possível. Seria o neoliberalismo ou o caos total no mundo³².

Podemos notar que a globalização neoliberal tem sido debatida e avaliada por autores de áreas diversas, filosofia, economia, teologia, sociologia, e questões negativas podem ser observadas em comum entre eles, a saber: a acentuação da pobreza, o crescimento do desemprego, as desigualdades sócio-econômico-culturais em escala local e global, a desintegração social, a debilidade dos países componentes de grupos em desenvolvimento.

De maneira geral a repartição da riqueza mundial piorou e os índices de pobreza se mantiveram sem mudanças entre 1980 e 2000. O que se coloca em questão é a forma como eles são produzidos, em condições sub-humanas, exploração, violação de direitos humanos, ambientais e muitas vezes com uma qualidade questionável, isto sob os critérios ditos estabelecidos pelas sociedades desenvolvidas.

³⁰ Conforme Hugo Assmann, “existe um Terceiro Mundo, porque os países que assim são denominados têm sido impedidos de constituir-se em grupo solidário capaz de defender adequadamente seus direitos. Devem ser caracterizados como satélites dominados por um ou outro dos blocos imperialistas. Apud FLORES, Alberto Vivar. *Antropologia da Libertação Latino Americana*. São Paulo: Paulinas, 1991. p. 55.

³¹ COMBLIN. Op.cit, p.13.

³² COMBLIN. Op.cit. p.25.

2 NEOLIBERALISMO E A GLOBALIZAÇÃO

Numa primeira aproximação, a globalização pode ser entendida como um aprofundamento, nos anos 80, da internacionalização das relações capitalistas de produção e distribuição, impulsionada pelo processo de reestruturação produtiva iniciado na década anterior nos países capitalistas centrais. Um processo econômico/social/político de “desmonte dos espaços nacionais”, que tem levado, entre outras conseqüências, à constituição de três grandes áreas de influência, com as respectivas hegemonias dos Estados Unidos (NAFTA - Acordo de Livre Comércio da América do Norte), Alemanha (CEE - Comunidade Econômica Européia) e Japão (Sudeste Asiático), e de outras áreas de menor porte, como é o caso do MERCOSUL (Mercado Comum da América do Sul) ³³.

Para alguns, este processo não apresentava nada de novo, sendo apenas a continuidade de um movimento que já estava presente desde os primórdios do modo de produção capitalista, qual seja, sua permanente tendência à expansão e, nessa medida, à mundialização. Para outros, ao contrário, seria algo totalmente novo, de tal sorte que estaria se constituindo uma nova “sociedade global”, pós-capitalista; uma realidade, portanto, que estaria, no limite, superando as relações sociais capitalistas de propriedade, produção e distribuição. Em suma, continuidade para alguns e ruptura para outros.

Nesse processo podiam ser identificados a radicalização e o aprofundamento de todas as suas características constitutivas, a começar pelo direito de propriedade que lhe é próprio, bem como o acirramento de todas as suas tendências imanentes. Assim, pode se observar que a competição intercapitalista, tendo por arma as inovações de todos os tipos mundializava-se, quase que sem limites impostos pelas barreiras nacionais; que acelerava-se fantasticamente o desenvolvimento das forças produtivas e crescia o volume e o valor dos meios de produção por trabalhador; que intensificava-se a concentração e a centralização de capitais, com o domínio

³³ Cf. COUTINHO, L.. Terceira revolução industrial e tecnológica: as grandes tendências de mudança, Revista Economia e Sociedade, Campinas, n.1, ago., 1993, p. 69-87.

mundial de poucas empresas gigantescas em cada ramo de produção; que a esfera financeira assumia um papel preponderante no conjunto do funcionamento do sistema, com um superdimensionamento da “acumulação fictícia”, num ambiente cada vez mais instável e com crescimento da incerteza e do risco; e, por fim, que potencializava-se a possibilidade da crise e os seus efeitos destrutivos em escala planetária.

Todas essas características e tendências estruturais do capitalismo não são negadas pelo processo de globalização; antes, pelo contrário, esse processo, juntamente com o neoliberalismo libera o capital, em seu movimento de acumulação, de todas as amarras e restrições, permitindo-lhe uma flexibilidade quase que total no seu afã e necessidade de valorização. No entanto, de um ponto de vista mais concreto, a forma e a amplitude, como as características e tendências acima mencionadas vêm se realizando com o processo de globalização, evidenciam a existência de novos elementos e novas circunstâncias, tanto no plano das relações de concorrência intercapitalistas, quanto da própria relação capital/trabalho que funda e define esse modo de produção. Antes de mais nada, a concorrência centra-se cada vez mais no domínio do conhecimento e da informação. Com isto, as vantagens competitivas naturais tendem a desaparecer, deixando de ser relevantes para definir uma inserção melhor ou pior de qualquer região na nova ordem econômica internacional.

A relação centro/periferia torna-se mais complexa e mais instável. Ao mesmo tempo em que há transferências de capitais especulativos e atividades produtivas, algumas vezes com alto conteúdo tecnológico, de países centrais para países da periferia, cresce a subordinação destes últimos e, portanto, os riscos de interrupção abrupta dos elementos impulsionadores do processo de desenvolvimento.

A globalização da produção e dos mercados de produtos, bem como a formação de um mercado financeiro mundial têm levado a interpenetração patrimonial das multinacionais, implicando, num certo sentido, na desterritorialização da grande burguesia dos países mais poderosos. Além disso, também têm determinado a constituição de modelos e práticas culturais mundiais (supranacionais), usufruídos por minorias que possuem rendas mais elevadas,

inclusive aquelas situadas na periferia, e construídos a partir das várias formas de comunicação e informação, desenvolvidas recentemente. Nessa medida, o mundo vem se tornando cada vez mais semelhante, tanto no uso de altas tecnologias e nos padrões de consumo sofisticados, quanto nas desigualdades econômicas e na exclusão social; apesar das barreiras nacionais e culturais, quase intransponíveis, para a globalização do mercado de trabalho.

No plano das relações capital/trabalho as redefinições são profundas. O processo de globalização, ao difundir as novas tecnologias e as novas formas de gestão da força de trabalho, vem alterando crucialmente a correlação de forças entre as partes. Com isto, tem reaparecido velhas formas de consumo da força de trabalho e surgido novas formas de exploração, que vêm afetando especialmente o “modo de ser” da classe trabalhadora³⁴, dando lugar a uma classe mais heterogênea, diversificada em suas condições de trabalho, formas de remuneração e identidades coletivas, o que tem impulsionado a crise dos sindicatos em todo mundo.

A América Latina assumiu a posição da ideologia neoliberal e assim caiu no conto da globalização. Mais do que outras regiões do mundo a modernização global possui uma força particular. Os latino-americanos sofrem porque querem ser ocidentais, de Primeiro Mundo. Uma das razões fortes para tal é a mestiçagem que provoca nos latino-americanos um forte complexo de inferioridade, sendo assim, a modernização significaria sair da condição de inferioridade, ou seja, ser moderno é ser igual ao Primeiro Mundo³⁵.

A sua primeira oportunidade histórica na América Latina foi no Chile, quando em mil novecentos e setenta e cinco, Pinochet entregou o Ministério da Economia a Sérgio de Castro e aos seus “Chicago Boys” da Escola de Economia da Universidade Católica de Santiago, formados nesta Universidade, conveniada com a Universidade de Chicago para a formação de economistas, o programa elaborado por estes jovens economistas destinava-se a planejar a reconstrução da economia

³⁴ DRUCK, M. G.. Terceirização: (Des)Fordizando a Fábrica - um estudo do complexo petroquímico da Bahia. Tese (Doutorado em Ciências Sociais), Unicamp, 1995, p. 275.

³⁵ Cf. José Comblin. Op.cit. p.63,66.

do Chile após 40 anos de forte intervenção estatal.. Deste convênio e nomeação, o Chile tornou-se o terreno de experimentação das teorias do neoliberalismo, se expandindo para a América Latina e ao mesmo tempo para o mundo e na América Latina ajuste ou reajuste, como alavanca capaz de reerguer sua economia destruída³⁶.

Vários países seguiram o caminho do Chile. México, Argentina, Uruguai, Paraguai, Peru, Venezuela, Brasil, e as demais repúblicas da América Central, por não conseguirem deixar de se submeter à nova doutrina oficial das principais potências financeiras do mundo.

No Brasil, o então presidente Fernando Collor de Mello, na insistência pela modernização ao considerar como “carroças” os automóveis construídos no país, na realidade estava tratando do consumo e não da modernização da educação, da tecnologia e pesquisa. Tal situação tornava evidente o desejo das elites pelo moderno, pelos “efeitos da modernização mais do que a própria modernização”. Esta modernização no neoliberalismo, no entanto, seria entregue às companhias multinacionais: bancos, indústrias, comércios, serviços, comunicação, entregues progressivamente aos estrangeiros, para que estes trouxessem a modernidade³⁷.

Comblin cita a experiência mexicana de 1994, que teve sua moeda desvalorizada pelo governo, provocando a falência de centenas de empresas e milhares de desempregados. Lembra ainda de outros países assolados pela miséria e revolta popular, Coreia do Sul, Tailândia, Malásia e Indonésia. Também a situação da Rússia em 1998 e seu caso de corrupção, entrando em decadência³⁸.

A globalização, portanto, é um fenômeno moderno que surgiu com a evolução dos novos meios de comunicação cada vez mais rápidos e mais eficazes. Há, no entanto, aspectos tanto positivos quanto negativos na globalização. No que concerne aos aspectos positivos, esta globalização serve para os mais fracos se equipararem aos mais fortes, pois tudo se consegue adquirir através da grande autoestrada informacional do mundo que é a Internet. Quanto aos aspectos

³⁶ COMBLIN. Op.cit. p.9-10.

³⁷ Ibidem, p.64.

³⁸ Ibidem, p.12-13.

negativos, encontra-se a grande instabilidade econômica que se cria no mundo, pois qualquer fenômeno que acontece num determinado país atinge rapidamente outros criando-se contágios tal como as epidemias se alastram a todos os pontos do globo como se de um único ponto se tratasse. Os países cada vez estão mais dependentes uns dos outros e já não há possibilidade de se isolarem. Como aspectos positivos, temos sem sombra de dúvida, a facilidade com que as inovações se propagam entre países e continentes, o acesso fácil e rápido à informação e aos bens³⁹. Com a ressalva de que para as classes menos favorecidas economicamente, especialmente nos países em desenvolvimento, esse acesso não é fácil porque seu custo é elevado.

Segundo o mito da globalização, haveria um só mercado e este seria mundial. Todos os homens seriam vendedores e compradores no único mercado mundial⁴⁰. Comblin diz que as grandes potências, mediante as suas instituições financeiras e as suas multinacionais, graças aos seus magnatas das finanças, têm poder de influir nos mercados, de exercer um certo controle e de reservar posições privilegiadas. Os países de Terceiro Mundo não podem crer que poderão colocar livremente seus produtos num mercado mundial aberto.

As potências econômicas controlam o comércio e põem inúmeras barreiras à livre circulação. Defendem teoricamente a abertura dos mercados, mas esta mensagem vale para alguns somente⁴¹. Os países ricos colocam barreiras comerciais e alfandegárias para produtos agrícolas, além de subsídios aos seus produtores que abaixam artificialmente os preços no mercado internacional, prejudicando enormemente os países mais pobres exportadores destes produtos; enquanto que exigem o livre comércio para produtos de maior tecnologia que eles dominam. Este processo indica dependência. Pois nunca os países que compõem o Terceiro Mundo poderão dominar o mercado. A globalização serve para enganar os povos mais fracos, para forçar a livre entrada nos seus mercados, sem nenhuma reciprocidade garantida.

³⁹ SANCHEZ, W.Lopez(Org)*Cristianismo na América Latina e no Caribe*. São Paulo:Paulinas, 2003, p.232.

⁴⁰ CHONCHOL, Jacques. *Formas y consecuencias de la globalización*, Cuadernos ARCIS-LOM, La invención y la herencia. Santiago,1997, p. 85-122.

⁴¹ COMBLIN. Op.cit, p.67.

No neoliberalismo global, é pregada uma modernização que elevaria o Terceiro Mundo à semelhança do Primeiro Mundo. Esta modernização, porém, está entregue às companhias transnacionais⁴² (bancos, indústrias, comércio, serviços, comunicação), tudo se entrega progressivamente aos estrangeiros para que tragam a modernidade. Estes, no entanto, preocupam-se apenas em vender seus produtos. Cristovam Buarque enfatiza que nem todos podem ter acesso aos supermercados, menos ainda aos shopping centers. A maioria da população fica longe, contemplando o que mostra a publicidade da TV. Os recursos nacionais não permitem que o conjunto dos cidadãos tenha acesso aos bens de consumo da classe superior⁴³.

Para muitos trabalhadores, a modernização significa desemprego, visto que a modernização da indústria, do comércio, dos bancos e dos serviços em geral significa que uma maquinaria mais sofisticada permite dispensar os trabalhadores. Com esta situação, a maioria instala-se no setor informal, dedica-se a pequenos comércios: os menos pobres abrem lanchonetes, outros vendem bebidas, pipoca ou amendoim, na praia ou na rodoviária, outros fazem artesanatos e procuram vender na rua. Ainda há os que se dedicam ao roubo, os que se envolvem em vendas de drogas, lembrando que na realidade, infelizmente, as drogas são verdadeiras providências que sustentam milhares de famílias humildes, além de fazer a fortuna de alguns magnatas acolhidos na alta sociedade⁴⁴.

O mundo vem se tornando cada vez mais semelhante, tanto no uso de altas tecnologias e nos padrões de consumo sofisticados, quanto nas desigualdades econômicas e na exclusão social; apesar das barreiras nacionais e culturais, quase

⁴² Após a II Guerra Mundial, iniciou-se o mais longo período de crescimento contínuo do capitalismo, abalado apenas pela crise do petróleo, em fins de 1973. Durante os últimos 30 anos, o valor da produção econômica quadruplicou e as exportações quase sextuplicaram nos países desenvolvidos. Uma das principais causas desse crescimento do capitalismo foi a expansão de um grupo bem definido de grandes empresas, das quais cerca de 500 atingem dimensões gigantescas. Essas empresas, passaram a ser denominadas multinacionais, a partir de 1960, mas essa expressão se popularizou após 1973, quando a revista Business Week publicou artigos e relatórios sobre elas. Segundo as Nações Unidas, as empresas multinacionais “são sociedades que possuem ou controlam meios de produção ou serviço fora do país onde estão estabelecidas”. Hoje, no entanto, toma-se consciência de que a palavra transnacional expressa melhor a idéia de que essas empresas não pertencem a várias nações, mas sim que atuam além das fronteiras de seus países de origem. <http://www.globalizacion.org>

⁴³ BUARQUE. Cristovam. *A desordem do progresso*, Paz e Terra: São Paulo, 1991.

⁴⁴ COMBLIN. Op.cit, p.66.

intransponíveis, para a globalização do mercado de trabalho. Além disso, também tem determinado a constituição de modelos e práticas culturais mundiais, usufruídos por minorias que possuem rendas mais elevadas, inclusive aquelas situadas na periferia, e construídos a partir das várias formas de comunicação e informação, desenvolvidas recentemente.

3 EFEITOS DA POLÍTICA NEOLIBERAL NA SOCIEDADE

Ao nível da sociedade como um todo, o maior resultado desse processo é a ampliação da exclusão social, de países e regiões inteiras do planeta e de grupos sociais e étnicos, mesmo dentro dos países desenvolvidos. O crescimento da pobreza, com todos os seus males (doenças físicas e mentais, alcoolismo, violência, criminalidade), é uma realidade presente mesmo na sociedade americana, cuja economia ainda é a mais poderosa do globo. O ataque aos benefícios sociais, só agrava o quadro e acirra a incerteza e desconfiança dos indivíduos frente ao futuro.

Comblin diz que

os resultados da política neoliberal são conhecidos, surgiu uma nova categoria: os novos pobres. Os pobres antigos eram uma parte da humanidade que não tinha entrado no processo de desenvolvimento: camponeses sem terra, imigrantes nas grandes cidades, sem preparação para o trabalho industrial, vítimas dos flagelos, das guerras, da violência diária, viúvas, órfãos, toda a população dos países em que ainda não existia o sistema de previdência social num Estado dito de bem-estar. Eram os atrasados da história. Podia-se pensar que, com o tempo, com algumas revoluções, os pobres poderiam recuperar o atraso⁴⁵.

⁴⁵ Ibidem p. 24.

Segundo Comblin, os novos pobres seriam os excluídos do sistema mais desenvolvido e não teriam o privilégio de ser explorados porque ninguém precisa deles. Os ex-operários de indústrias, do comércio ou dos bancos, alguns, entre estes, exerciam funções de responsabilidade e até mesmo possuíam certo status profissional e social, porém foram substituídos por computadores, pela tecnologia avançada da atualidade proporcionando maiores vantagens para a indústria⁴⁶.

Assmann e Sung explicam que o termo “excluído” é utilizado para designar “aquele/a pessoa pobre que, mesmo estando dentro do mesmo território, da sociedade e do alcance dos meios de comunicação que socializa a cultura e os desejos de consumo, encontra-se distante do mercado de trabalho ou de postos de trabalhos razoavelmente remunerados”, dessa forma, “está excluído/a do mercado consumidor e das relações sociais significativas e reconhecidas pela sociedade”⁴⁷.

Os efeitos da globalização são variados e até mesmo contraditórios. Um processo de industrialização acelerado tanto pode vir a oferecer uma melhoria nos padrões de vida para um número considerável de indivíduos quanto apenas para uma minoria. Em alguns países o aumento do Produto Interno Bruto (PIB) possibilitou a melhora dos sistemas de saúde e educação. Os fluxos de informação hoje possíveis devido ao moderno sistema de comunicação, como exemplo a internet, expõem às pessoas uma nova realidade e compreensão do mundo, e podem afetar valores tradicionais e modos de vida. Por outro lado, a cobertura mundial realizada pelas grandes redes de televisão pode denunciar violações dos direitos do ser humano que, de outra forma, passariam despercebidas em determinadas regiões. Em suma, os efeitos e as próprias características do fenômeno da globalização são capazes de mudar o curso de eventos relevantes, quer seja de forma negativa ou positiva.

Parece ser consenso, no entanto, que o aprofundamento das desigualdades sociais seja resultante da globalização. O aumento do PIB, através do crescimento das trocas comerciais, gera diferenças significativas nos salários entre países do sul e do norte. O custo para a inserção de determinados países no competitivo mercado

⁴⁶ Idem.

⁴⁷ ASSMANN, Hugo e SUNG, Jung Mo. Op.cit. p.94.

internacional tem se mostrado inviável. O desenvolvimento da indústria da comunicação constitui um impeditivo para os países mais pobres. Esse fenômeno foi apontado como responsável pela vantagem competitiva permanente para um número reduzido de países ricos que possuem indústrias de ponta nesta área.

Até a presente geração, todos os economistas importantes ensinaram que não se pode transferir de uma nação para outra o modelo de desenvolvimento, pois cada país tem sua cultura, seu modo de viver, seu tipo de relações sociais e, sobretudo, uma história única. O desenvolvimento faz-se a partir da história do país.

As mesmas causas produzem efeitos diferentes de acordo com a história de cada país. Por outro lado, o processo de desenvolvimento não pode ser igual nos países dominantes e nos países dominados. O que é bom para os dominadores não será necessariamente bom para os dominados. Pode-se prever que o bom dos dominadores é bom justamente porque aumenta a dominação. Pode-se prever que o que é bom para o dominador, só pode ser mau para o dominado⁴⁸.

4 PARADIGMA NEOLIBERAL E RELIGIÃO

Os teólogos neoconservadores, entre os quais se destacam M. Novak, P. Berger, R. Neuhaus, salientam as coincidências entre o Cristianismo e o capitalismo. Por isso, apresentam o capitalismo como o caminho único para realizar a opção preferencial pelos pobres⁴⁹. Seria a única maneira de tirar os pobres da pobreza. De acordo com eles, os socialistas, liberais (no sentido norte-americano), os protagonistas do Estado de Bem-estar, os social-democratas são mentirosos, enganam o povo oferecendo-lhe puras utopias, promessas sem possibilidade de

⁴⁸ Javier Elgue. *Lãs teorias del desarrollo social em Améria Latina. Uma reconstrucción racional*, Apud em COMBLIN. Op.cit.p.103.

⁴⁹ Cf. Amy L. Sherman. *Preferencial Option. A christian and Neoliberal Strategy for Latin American 's Poor*. W. Erdmans, Grand Rapids, 1992 Apud em Comblin. Op.cit p.77.

realização efetiva. São os verdadeiros inimigos dos pobres. Somente o capitalismo pode libertar os pobres.

Segundo eles, o mercado concebido por Adam Smith produz o indivíduo comunitário. Como prova da efetividade de tal teoria, os autores enumeram todos os efeitos de igualitarismo conseguidos nas sociedades ocidentais. No concreto, atribuem ao capitalismo todos os efeitos do Estado de Bem-estar e deixam de mencionar que, desde o momento em que o neoliberalismo reduziu o alcance do Estado de Bem-estar, imediatamente a desigualdade aumentou e continua aumentando, nos Estados Unidos mais do que em qualquer outro país. Atribuir ao capitalismo a tendência para a igualdade de condição socioeconômica seria fechar os olhos à realidade. Somente impondo limites ao mercado foi que o New Deal ou a social-democracia conseguiram reduzir as desigualdades⁵⁰.

Comblin ressalta que o cristianismo promove a liberdade na interdependência. O Cristianismo produz tolerância, pluralismo, espírito de liberdade no respeito ao outro. Seriam as virtudes do mercado que parecem ser o fruto do Cristianismo. Na realidade, o mercado não produz nenhuma solidariedade entre pessoas humanas, nem cria laços sociais, nem comunidades. O mercado harmoniza funções de produtores e consumidores. Realiza acordos entre vendedores e compradores. Porém, a pessoa fica alheia a essa harmonia entre vendedor e comprador. A relação de mercado não gera nada entre as pessoas que momentaneamente realizam as funções de vender ou comprar. Nem a concorrência entre vendedores ou compradores pode gerar nenhuma forma de solidariedade⁵¹.

O Cristianismo, dizem eles, leva a assumir a história humana concreta, longe das utopias e sonhos irrealistas. Por isso, coincide com o capitalismo que é mercado concreto, real sem nada de utopia. O Cristianismo estimula as virtudes adaptadas a uma sociedade de mercado livre: iniciativa, responsabilidade, realismo, apego ao concreto.

⁵⁰ COMBLIN.Idem.

⁵¹ Cf. Comblin, Idem.

Por fim, o Cristianismo desperta a vontade de defender a liberdade do cidadão contra todo tipo de tirania, seja o Estado absoluto, seja qualquer poder privado. Porém, não se vê por onde isto se concilia com o capitalismo, pois este levou à construção de poderes econômicos de alcance mundial, diante dos quais os governos se inclinam, submetem os países do Terceiro Mundo ao seu espírito de conquista. As grandes multinacionais são mais poderosas do que quase todas as nações de hoje, supostamente independentes. O livre mercado abre caminho para grandes poderes econômicos. As empresas vencedoras suprimem ou engolem as empresas vencidas na concorrência. Diante do poder econômico, o cidadão sente-se sem defesa⁵².

Na concepção de Comblin

se o argumento principal em favor do capitalismo é que constitui uma solução realista ao problema da pobreza, consta que se trata de uma ilusão escandalosa. A realidade do capitalismo não coincide em nada com a utopia que se oferece como solução. O neoliberalismo é pura utopia e a realidade é opressão extrema dos pobres.

Uma vez estabelecida a afinidade profunda entre o Cristianismo e o capitalismo, os neoconservadores estimam que a contribuição da religião cristã para a salvação do capitalismo é fundamental.

Em primeiro lugar, faz-se um apelo para que os cristãos legitimem o capitalismo⁵³, pois haveria muitos cristãos que desacreditariam nele e buscariam outras soluções. Diante do questionamento de todos os valores, o próprio capitalismo estaria sendo atacado.

Em segundo lugar, apelam para as Igrejas cristãs para que tratem de dar remédio ao vazio espiritual e moral do mundo atual. O capitalismo supõe as virtudes puritanas tradicionais e a continuidade da sociedade supõe a transmissão de valores

⁵²Ibidem, p.78.

⁵³ Cf. José María Mardones, *Capitalismo y religión. La religión política neoconservadora*. Santander: Sal Terrac, 1991, p. 158-164.

sociais. O capitalismo precisaria de liberdade, iniciativa, solidariedade social, ordem social, aceitação das leis, espírito cívico, submissão ao bem comum. Seria preciso refazer uma sociedade porque chegamos a um ponto tal que a sociedade se dissolve e as antigas solidariedades desaparecem⁵⁴.

Comblin afirma que, no fundo, o que se pretendia era que o Cristianismo mantivesse a sociedade para que o capitalismo pudesse continuar destruindo-a. O capitalismo destruiria toda solidariedade e cultivaria o indivíduo puro, solitário, praticando os únicos atos sociais de vender e comprar. Para que esse jogo pudesse continuar, as Igrejas estariam encarregadas de corrigir os danos, compensar os estragos feitos e assim indefinidamente. O que o capitalismo destruísse, o Cristianismo reconstruiria para que o capitalismo pudesse destruir de novo. Na prática, as empresas tratariam de comprar a colaboração das Igrejas, oferecendo-lhes um status interessante na sociedade⁵⁵.

5 PARADIGMA CULTURAL: CONSUMISMO E INSENSIBILIDADE

A sociedade atual tem presenciado mudanças em todos os fundamentos organizacionais que a envolve. Diante deste quadro, José Comblin comenta: “A vida econômica entrou numa fase de transição da qual ninguém conhece o fim”⁵⁶.

É compreensível que milhares de pessoas se esforcem por oferecer estabilidade e conforto a si e aos seus familiares, porém o que se vê com maior frequência nos dias atuais é a “frieza” com que se olha os miseráveis e necessitados.

Temos visto em vários textos a importância do mercado para a ideologia neoliberal. Esta é a cultura transmitida na sociedade globalizada, cultura que consiste em comprar e consumir, e o trabalho intelectual do consumidor consiste em avaliar tudo o que se pode comprar com determinada quantia de dinheiro.

⁵⁴ Idem.

⁵⁵ COMBLIN. Op.cit, p.79.

⁵⁶ COMBLIN, José. *Cristãos Rumo ao século XXI*. p.17.

Segundo Comblin, o neoliberalismo funciona, mas com resultados terríveis no Terceiro Mundo. Em todos os países que experimentaram o sistema, uma pequena elite foi promovida a tal ponto que o seu entusiasmo supera as ilusões do Primeiro Mundo. A elite crê que já se acha no Primeiro Mundo, pois goza de todas as suas vantagens. O sistema funciona, porém, com o preço da exclusão da maioria da população e do distanciamento crescente entre a minoria privilegiada e maioria excluída⁵⁷.

Nos últimos anos a nova economia tem utilizado poucos trabalhadores de alta qualificação, enquanto milhares que não possuem uma qualificação exigida pelo mercado se tornam desempregados e possivelmente nunca tenham a oportunidade de trabalhar. Essas pessoas formam o grande grupo dos excluídos da sociedade dominante, muitos constituem um mundo paralelo, sem participação das atividades e da cultura. Muitas pessoas desse mundo paralelo cada vez maior, vivem “ou sobrevivem” em favelas, bairros pobres, cortiços, comunidades rurais que têm atividades próprias e que estão numa rede de relações sociais próprias⁵⁸.

O neoliberalismo é individualista ao extremo. Cada indivíduo deve agir como produtor/consumidor. O seu relacionamento com os outros realiza-se mediante o mercado onde todos agem egoisticamente, cada um buscando a sua vantagem. O outro é o comprador ou o vendedor de quem vai tirar o máximo de dinheiro possível e entregar o mínimo possível. O mercado é tal que cada um procura salvar a própria vida com detrimento da vida do outro. Comblin diz que outras culturas valorizaram mais o não-consumo do que o consumo. Outros valores foram mais apreciados do que o consumo: o pensamento, a religião, a meditação, o trabalho, a produção artística, ou artesanal, a prática das artes: música, poesia.

O sistema neoliberal estimula o consumo para que a produção possa aumentar e acumular mais dinheiro. O melhor consumo é o mais caro, porque concentra mais dinheiro, o consumo dos ricos é o que dá maior margem de lucro e

⁵⁷ COMBLIN, José. *O Neoliberalismo...* p.115-116

⁵⁸ Cf. COMBLIN, José. *O Caminho: Ensaio sobre o seguimento de Jesus*. São Paulo: Paulus, 2004, p.151.

permite acumular mais. O que importa mais no consumo não é o conteúdo dos bens consumidos, e sim o dinheiro que se gastou.

Jung Mo Sung analisa algumas características do mundo moderno, especialmente o capitalista e diz que

antes do capitalismo, a aquisição econômica era vista como um meio para satisfazer as necessidades materiais da vida humana. Quando uma família ou uma coletividade conseguia adquirir um montante de riqueza suficiente para garantir a reprodução material da vida por um tempo considerável, parava de trabalhar ou diminuía o seu ritmo de trabalho e se dedicava a outras atividades para viver a sua vida com mais prazer e alegria⁵⁹.

Com o capitalismo, o homem passou a ser dominado pela produção do dinheiro, pela aquisição encarada como finalidade última da sua vida. Para Sung, hoje com a globalização de corte neoliberal e a difusão da cultura capitalista por quase todas as partes do mundo, esse princípio orientador foi radicalizado e disseminado por quase todo o mundo e invadiu quase todas as esferas da vida econômica e social.

Na medida em que esse sentido último da vida vai sendo internalizado pelas pessoas, parece óbvio que a vida consiste em trabalhar mais para ganhar mais dinheiro, para ganhar mais dinheiro ainda. Não somente as pessoas mais pobres precisam trabalhar cada vez mais horas para poder sobreviver com dignidade, mas também a própria elite. Ganhar mais dinheiro para ganhar mais dinheiro, sem fim e sem limite, pressupõe a possibilidade de uma acumulação ilimitada de riqueza. Só assim o ganhar dinheiro pode se tornar o sentido último da vida. Para Sung,

se pensamos em certo limite para essa busca, vem a pergunta pelo que vem depois de ganhar o dinheiro; isto é, o ganhar dinheiro se toma um meio para algo mais

⁵⁹ SUNG, Jung Mo. *Educar para Reencantar a vida*. Petrópolis: Vozes, 2006, p.65-66.

importante na vida, como, por exemplo, ser feliz ao lado de pessoas amadas (pois é difícil para não dizer impossível ser feliz na solidão) ou se realizar como pessoa humana. Assim, o ganhar dinheiro para ganhar mais dinheiro não é mais o sentido último da vida e o dinheiro volta a ser uma mediação para uma vida boa⁶⁰.

O autor ressalta que quando os seres humanos pretendem ir além dos seus limites e possibilidades, tentam agir como deuses e agem como insensatos. Insanidade que coloca em risco a sua própria sobrevivência, além de gerar ansiedades e frustrações sem fim. Mas, um dos segredos da fascinação que o capitalismo exerce sobre as pessoas é exatamente essa promessa de ir além da condição humana e dos limites da própria natureza⁶¹.

Essa cultura, na qual o padrão de consumo ocupa um lugar central para a identidade pessoal, relações sociais e o sentido de vida, é chamada de cultura de consumo. Sung faz referência a Mike Featherstone, dizendo que para este autor, 'usar a expressão 'cultura de consumo' significa enfatizar que o mundo das mercadorias e seus princípios de estruturação são centrais para a compreensão da sociedade contemporânea'⁶². Isto significa que as mercadorias não seriam simples produtos materiais, mas que, além da sua utilidade, são bens simbólicos e servem como comunicadores da identidade, de sentimento de pertença, sentido de vida e outros aspectos da vida social⁶³.

Segundo Sung,

na nossa sociedade o consumir torna o nosso mundo mais inteligível. Através do consumo nós sabemos quem somos e a que grupo pertencemos, qual o nosso lugar na hierarquia social e nos comunicamos com os demais. O desejo de consumo de mercadorias faz convergir os desejos erráticos dos membros da sociedade, fazendo

⁶⁰ Ibidem, p. 68.

⁶¹ Idem.

⁶² FEATHERSTONE, Mike. *Cultura de consumo e pós-modernismo*. São Paulo: Studio Nobel, 1995, p.121 Apud em Sung Idem.

⁶³ Ibidem, p. 69.

passar de um amontoado de indivíduos a um conjunto de consumidores-cidadãos. E, como tudo isso passa no interior do mercado, os desejos são transformados em demandas econômicas que estão sob a regulação da sociedade, tais como a lei da oferta e procura e a relação ou o contrato de compra e venda⁶⁴.

Sung explica que, na verdade, a economia não é um mundo somente material. O mundo da economia seria também profundamente simbólico como todas as coisas da vida humana. Como um exemplo, cita o modelo de análise da força e da fraqueza das marcas proposto por Thomas Gad⁶⁵, um executivo do mundo do marketing e propaganda. Este autor propõe um modelo baseado em quatro dimensões. A primeira é a dimensão funcional, que descreve as características únicas do produto ou serviço. A segunda, a dimensão social, trata da experiência do consumidor como usuário. A terceira, a dimensão mental, analisa a criação da experiência individual através da marca, a construção de valores na mente do consumidor e a quarta dimensão: a dimensão espiritual, que vai direto ao coração do sistema de valores do consumidor. O mundo das relações humanas, onde podemos encontrar ou construir o sentido mais profundo da vida e a experiência da humanização, é substituído pelo mundo das relações com mercadorias ou das relações entre pessoas mediadas pelas *griffes*.

Sung ressalta que na nossa sociedade o consumir não visa, em primeiro lugar, a satisfação das necessidades biológicas e materiais da pessoa e da sociedade, mas sim as 'necessidades' culturais e existenciais. Encanta, seria a fonte de respeito e auto-estima, dá sentido à vida, faz convergir os desejos das pessoas e forma grupos, e serve para comunicar e tentar satisfazer os desejos, esperanças e aspirações mais profundas do ser humano. Consumir se tornou algo profundamente espiritual⁶⁶.

⁶⁴ Ibidem, p.70.

⁶⁵ GAD, Thomas. 4-D Branding: Cracking the corporate code of the network economy. London: financial times-Prentice Hall. 2000. Apud em Sung, Ibidem, 69.

⁶⁶ Ibidem, p.72.

O sistema neoliberal favorece o individualismo: os bens oferecidos são bens individuais. O ideal proposto é: cada um seu carro, cada um sua TV, cada um seu computador, cada um fazendo sua refeição no *self-service* ou na lanchonete, cada um com seus amigos, cada um na sua moradia. Na família encontram-se mais ou menos cinco minutos por dia, pois os produtos de consumo apresentados pelo sistema são concebidos para ser consumidos solitariamente. De alguma maneira, permitem que cada indivíduo possa isolar-se e ficar sozinho, não precisando de ninguém e não sendo atado por ninguém. O indivíduo, achando-se sozinho, não terá o trabalho de escolher: a publicidade e a moda, que é filha da publicidade, já escolheram por ele. Claro está que muitos elementos das culturas tradicionais ainda subsistem e tornam a vida possível. No entanto, a tendência é reduzir tudo ao movimento do dinheiro e à lógica do consumo.

A família dissolve-se, a comunidade local desaparece. Há boas relações na fábrica, na oficina, na loja, qualquer lugar de trabalho, mas sem compromisso. Quanto à comunidade nacional, no neoliberalismo, a corrupção aumenta, a fraude, a sonegação de impostos. Já que o Estado fica desmoralizado, cada cidadão se sente desligado dos deveres ou das obrigações da cidadania⁶⁷.

O neoliberalismo influi também na religião numa sociedade movida por uma cultura neoliberal. O dinheiro é o único valor social. Quando a mídia se interessa pela religião é porque há sinais de dinheiro. Para uma religião triunfar precisa de muito dinheiro, pelo menos se quer triunfar dentro da sociedade atual.

Como ganhar dinheiro com a religião? É preciso chamar a atenção através de fatos extraordinários: milagres, festival de canção, gestos. Trata-se, em primeiro lugar, de chamar a atenção da mídia. Uma vez que a mídia adota o assunto, o negócio está feito, pois, a mídia interessa-se pelo dinheiro, vai onde ele está e quando vai, aumenta-o. A colaboração entre fenômenos religiosos e mídia cria um ciclo vicioso: todos enriquecem.

⁶⁷ Georges Corm, *Lê nouveau désordre économique mondial. Aux racines des échecs du développement*, La Découverte, Paris, 1993. Apud em COMBLIN. *O Neoliberalismo...* p.136.

No mercado religioso há muitos produtos religiosos, remédios, consolos, terapias, meios de salvação, emoções agradáveis. Trata-se de saber oferecer, pois a concorrência é forte.

Enquanto o sair das paredes do individualismo para ver os que sofrem, os excluídos, os pobres, o neoliberalismo postula que o capitalismo salvará os pobres espontaneamente em virtude da sua dinâmica. Basta saber esperar. Os pobres vão desaparecer. Vão tornar-se ricos, sem que seja necessário fazer nada, que qualquer forma de ajuda somente pode atrasar a salvação dos pobres, porque a assistência é uma fábrica de pobres. Há pobres porque existe a assistência pública e o Estado de Bem-estar. Basta suprimir toda assistência e os pobres, assim estimulados, tornar-se-ão ricos. É preciso ter a coragem de não dar aos pobres! Basta abrir os olhos para ver que tudo isso é ilusão e provavelmente hipocrisia porque os que assim falam sabem que mentem, afirma Comblin. Em lugar de opção pelos pobres, chegue-se à ignorância dos pobres⁶⁸.

CONSIDERAÇÕES SOBRE O CAPÍTULO

Vimos aqui a conceituação e a trajetória histórica dos fenômenos neoliberalismo e globalização, e como têm influenciado a sociedade mundial com suas “doutrinas” salvíficas envolvendo pessoas e nações.

Nestes dias em escala mundial dos valores capitalistas, assiste-se a um processo de diferenciação das sociedades. Notamos que parcelas minoritárias abastadas das diversas sociedades se identificam entre si, buscando cada vez mais suprir seus desejos e anseios em toda espécie de privilégios oferecidos pelo mercado. Ao mesmo tempo amplos contingentes populacionais são jogados à margem do processo de criação e consumo da riqueza; enquanto uma terceira parcela, majoritária, vivencia um permanente estado de incerteza e ansiedade com relação ao seu destino, ameaçada de ir fazer companhia aos que já foram

⁶⁸ Ibidem, p. 139.

dispensados pelo sistema capitalista de produção e distribuição de mercadorias, os que sofrem por este sistema.

Desse modo aprofunda-se a diferenciação no interior de cada espaço nacional, mesmo nos países mais desenvolvidos. Nessa medida, globaliza-se o desemprego e a exclusão social, a instabilidade e as incertezas, inclusive entre as parcelas privilegiadas das sociedades, de se estar destruindo um “modo de vida” sem, contudo, se ter ainda a clareza do que se está colocando em seu lugar.

Uma vez que os cristãos vivem em contextos sócio-econômicos⁶⁹, percebemos que muitos valores transmitidos pela ideologia neoliberal os têm desafiado a uma reação perante a sociedade, porém também percebemos o envolvimento de muitos seguimentos cristãos a esses mesmos valores, a saber, o consumo e a busca por seus interesses pessoais. Sendo assim uma ampla compreensão da situação vista na sociedade pode proporcionar maior significação para tal reação em prol dos que sofrem.

⁶⁹ Assmann, Hugo e Hinkelammert, Franz. *A Idolatria do Mercado: Ensaio sobre Economia e Teologia*. Série V: Desafios da Vida na Sociedade. São Paulo: Vozes, 1989, p.428.

CAPÍTULO II

FÉ CRISTÃ E SUAS CONTRIBUIÇÕES PARA A SOCIEDADE

Conceituados autores ligados à teologia têm demonstrado sua preocupação com o reflexo da fé cristã perante as inúmeras necessidades e dificuldades percebidas em nossos dias. Concentraremos este capítulo na concepção de José Comblin a respeito da fé cristã, que deve se expressar em uma efetiva práxis religiosa⁷⁰ também no âmbito público, o que significa que a fé cristã tem uma dimensão pública e que deve contribuir criticamente na transformação da nossa sociedade.

1 ORIGINALIDADE DA VIDA E FÉ CRISTÃS

Uma religião⁷¹ pode ter influência sobre o desenvolvimento da sociedade na medida em que, entre outras coisas, possibilita a orientação na conduta das pessoas que a compõem, bem como as instrui a vivenciar esta fé recebida através de seus fundamentos doutrinários. Limitaremos-nos a discorrer sobre o papel da fé cristã enquanto participante na orientação de seus professores.

⁷⁰ Segundo Floristan, “toda práxis religiosa tem como objetivo último a transformação de um determinado ser social, que por sua vez transforma a sociedade”. FLORISTAN, Casiano. *Teologia Prática: Teoria y Práxis de la Acción Pastoral*. Salamanca: Sigueme, 2002, p.173-196.

⁷¹ Na definição de Émile Durkheim “religião é um sistema solidário de crenças e de práticas relativas a coisas sagradas, isto é, separadas; crenças e práticas que unem em uma mesma comunidade moral, chamada igreja, todos aqueles que a elas aderem”. DURKHEIM, Émile. *As formas elementares de vida religiosa*. São Paulo: Paulinas, 1989, p.538.

1.3 Conceituação / interpretação acerca da fé cristã

Através da consulta a um dicionário de teologia bíblica verificamos alguns conceitos e interpretações da palavra “fé”: Bauer apresenta inicialmente expressões no hebraico em duas raízes, a saber: 1. *aman*, baseia-se na certeza, na firmeza; a forma verbal *h`emin* (creu) designa a atitude daquele que se entrega àquilo ou àquele que não pode enganar, que é absolutamente firme e seguro; significa dar-se inteiramente àquele que merece esta doação total e sem reserva; e 2. *batah*, que traz a indicação de confiança, e mostra que nela não há lugar para passividade, pois contém em si algo de esperança. Neste sentido a palavra aparece uma centena de vezes nos salmos, sendo traduzida tanto por “crê”, como por “confiar”, ou ainda por “esperar” (“Confiai no Senhor” - Salmos. 4:6; “A ti me entrego” - 25:2; Confio em ti, Senhor” - 55:24).

Segundo Bauer, a fé vetero-testamentária origina-se de uma religião histórica: A Aliança⁷². A fé seria a primeira resposta do povo (de Israel) à Aliança. O autor enfatiza que na Bíblia Deus está no centro da história, dirige e governa tudo: tudo seria, em última análise, redutível a Ele; nem mesmo o mal tem existência se Deus não o permite. Assim a fé para a Bíblia é a atitude que busca encontrar a Deus, em todas as coisas e acontecimentos, a Ele que pode dar a tudo o seu sentido último. Esta atitude é que, acima de todas as angústias e incertezas presentes, constitui o homem bíblico, o que está diante de Deus com um constante sim⁷³.

No Novo Testamento a fé seria descrita como aceitação do reino de Deus proposto na pregação de Jesus: “*Completo-se o tempo e o reino de Deus chegou;*

⁷² A palavra hebraica correspondente a aliança pode ser traduzida por ter obrigação, pacto, laço ou contrato. Na concepção do Antigo Testamento podemos compreender que a vida não é possível sem aliança, subjacente a toda vida do grupo ou da comunidade como um todo; as relações entre Deus e Israel são expressas por aliança. Através da noção de aliança faz-se possível compreender os conceitos de amor de Deus, de sua justiça, sua graça, sua salvação, e só ela torna inteligível o caráter do pecado, por isso seu lugar central no Antigo Testamento. No grego o termo *diatheke* é geralmente traduzido por aliança e testamento; no Novo Testamento, é utilizada a expressão nova aliança. O adjetivo vem afirmar que Jesus dá cumprimento às alianças do Antigo Testamento que, em Cristo, recebem seu sentido exato. Significa que a aliança, selada em Jesus Cristo, participa desde já do reino de Deus, onde todas as coisas se farão novas. Cf. ALLMEN, Jean-Jacques Von. *Vocabulário Bíblico*. São Paulo: ASTE, 1972, p. 22-25.

⁷³ BAUER, Johannes B. *Dicionário de Teologia Bíblica*. Tradução de Helmuth Alfredo Simon. v.1, São Paulo: Loyola, 1979, p. 412-416.

convertei-vos e crede na Boa Nova” (Marcos 1:15), ou seja, aquilo que foi prometido no Antigo Testamento, se realiza na pessoa e na obra de Jesus de Nazaré⁷⁴.

Na concepção de José Comblin, “se a fé é a resposta ao anúncio da boa-nova⁷⁵, ela somente pode ser um grito de alegria. Só pode ser o grito alegre daquele que descobre simultaneamente: a plenitude da realidade, a si mesmo e a verdade do mundo, sabendo que esse descobrimento é a revelação da face de Deus”⁷⁶. O autor salienta que durante muito tempo, para a maioria dos cristãos, a fé era uma obrigação. Na modernidade era uma obrigação penosa, exigente, que provocava a rejeição de muitos, deixando a impressão de que aderir a ela significava ser excluído do mundo. Segundo ele:

a fé era vivida como renúncia e não como plenitude e, por essa razão muitas pessoas perderam a fé e conservaram apenas um vago sentimento religioso, uma vaga noção de Deus, do pecado, de Jesus e da salvação no céu. Tinham o sentimento de que essa fé os separava do resto do mundo e essa separação era vista como sacrifício. A espiritualidade daquele tempo exaltava o sacrifício e fazia dele um valor positivo, uma provação para merecer a salvação eterna⁷⁷.

Após efetuar uma análise histórica, José Comblin ressalta que a fé, no início do Cristianismo era vista como libertação da mente e do coração, como uma iluminação que transformaria a vida e lhe daria valor para uma vida superior, infinita de alguma maneira, e que, os mártires não entendiam sua morte como sacrifício, mas como triunfo⁷⁸. A fé era alegre e respondia à exortação do apóstolo Paulo, na

⁷⁴ Idem.

⁷⁵ A expressão boa-nova é a interpretação referente a Evangelho, na linguagem paulina, sendo definida por José Comblin como “uma realidade nova capaz de transformar completamente a vida, dar uma nova compreensão do destino do homem e uma nova orientação à sua ação”. COMBLIN, José. *A Liberdade Cristã*. Vozes: Petrópolis, 1977, p.18

⁷⁶ COMBLIN, José. *O Caminho...*, p.93.

⁷⁷ Ibidem, p.93.

⁷⁸ Em vários períodos da história da Igreja há diversos testemunhos e tradições acerca das perseguições e martírios de cristãos. Corria o ano de 155 e ainda estava vigente a política estabelecida pelo Imperador Trajano de perseguir e punir os cristãos, tantos quantos se negassem a abandonar sua fé, deveriam ser castigados. Tal política deveria ser seguida pelo seu governador, Plínio Segundo, o jovem (nomeado governador em 111 da região da Bitínia – costa norte do que hoje

carta aos Filipenses 4:4: “Alegrai-vos sempre no Senhor! Repito: Alegrai-vos!”. O autor ressalta que durante a época em que era entendida como luta contra as heresias, aderir a ela significava efetuar uma separação com a vida natural, com a espontaneidade e com os sentimentos naturais, era uma atitude forçada. Porém, para o autor, “a fé em sua plenitude cristã, tem as suas raízes numa fé primordial, básica, mais profunda do que a fé explícita em Jesus”, Ele diz ainda que “não podemos entender a fé em Jesus Cristo sem olhar para as suas raízes na consciência humana”⁷⁹.

Para Comblin, no fundo da fé despertada por Jesus, há uma fé básica, uma confiança no ser humano, em si mesmo, no seu valor, na sua razão de existir e na sua dignidade; essa consciência não seria perfeita, devido ao sentimento de culpa, de insatisfação contra ao que o ser humano realmente é. Ainda que a pessoa tente reprimir sua consciência do mal, não consegue, pois o sentimento de inferioridade existente é profundo e complexo. No entanto, a consciência negativa, com exceção dos casos patológicos, não consegue destruir a confiança básica que toda pessoa tem em si mesma; sendo assim, só poderá entender a fé em Jesus a pessoa que experimenta esse sentimento de dignidade⁸⁰. “A dignidade vem da importância do lugar que uma pessoa ocupa na sociedade. Sente-se digna a pessoa que sabe e pode fazer, cujas capacidades são reconhecidas, que merece ser honrada”⁸¹.

Segundo Comblin, a fé cristã situa-se nessa fé em si mesmo, na própria capacidade e na busca da liberdade e da vida. A fé, diz ele:

é o descobrimento, a iluminação que faz descobrir um mundo novo, um “eu” novo, Jesus estimula que se abram os olhos para esse novo mundo. (...) O que não parecia

é a Turquia). Policarpo, bispo de Esmirna, quando preso e levado diante do procônsul, foi-lhe dito que pensasse em sua avançada idade e adorasse ao Imperador. “Policarpo negou-se e após insistência, respondeu: Vivi oitenta e seis anos servindo-lhe (a Jesus), e nenhum mal me fez. Como poderia eu maldizer ao meu rei, que me salvou? (...) Atado já ao meio da fogueira, e quando estavam a ponto de acender o fogo, Policarpo elevou os olhos ao céu e orou em voz alta: Senhor Deus Soberano (...) dou-te graças, porque me consideraste digno deste momento, para que, junto a teus mártires, eu possa fazer parte no cálice de Cristo. (...) Por isso te bendigo e te glorifico. (...) Amém. GONZALEZ, Justo L. *E até aos confins da Terra: uma história ilustrada do Cristianismo - A Era dos Mártires*. Tradução Key Yuasa. v.1. São Paulo: Vida Nova, 1995. p. 70-72.

⁷⁹ COMBLIN. O Caminho..., p.94.

⁸⁰ Ibidem, p. 95.

⁸¹ Ibidem, p.33.

ter nem sentido e nem valor, de repente revela uma riqueza escondida. Em Jesus, cada um descobre a sua importância, o seu valor. Fé é crer nessa transformação, nessa transfiguração do mundo, de tal modo que o que parecia medíocre, se revela maravilhoso⁸².

Comblin ressalta que na apologética dos últimos séculos sempre se insistiu na dificuldade da fé. A fé era como um ato de humilhação da razão, uma submissão mental a algo superior que não se podia entender, era também obediência do intelecto. Tal teologia seguia a tendência histórica de transformar todo o Cristianismo num sistema centrado na obediência. Porém, lembra Comblin, “na tradição das verdadeiras experiências espirituais, a fé sempre foi, e ainda é, uma iluminação da inteligência, é a libertação dos preconceitos, dos erros, das mentiras e das falsificações. (...) Dessa maneira suas ações são orientadas com coerência”⁸³. As pessoas que não vivem esta fé, mas que pelo contrário, vivem-na como uma carga pesada e não como um privilégio, não professam a verdadeira fé, não acolheram a boa-nova.

A verdadeira fé, a qual Comblin se refere, há de refletir a alegria e a gratidão de que “o conhecimento / reconhecimento de Deus, o qual nos é oferecido em Jesus Cristo, é, ele próprio, dádiva de Deus. Ele não é conhecido / reconhecido como nós chegamos a conhecer / reconhecer um acontecimento, um fato ou uma pessoa, mas ele, na sua liberdade, reservou-se o direito de se revelar (a nós)”⁸⁴.

Segundo José Comblin, na época da modernidade muitos cristãos sentiram-se rejeitados até mesmo condenados pela sociedade, tratados como primitivos que ainda não se libertaram do infantilismo da religião, que confia a experiência religiosa ao campo da irracionalidade⁸⁵. Essa concepção teria criado um julgamento de que a fé seria sinônimo de sacrifício e, uma vez sendo objeto de acusações, exigia ainda

⁸² Idem.

⁸³ Ibidem, p.102.

⁸⁴ H. J. IWAND, *Nachgelassene Werke*, München: Kaiser, 1966, v. 2, p. 92. Cf. K. BARTH, *Fé em busca de compreensão: fides quaerens intellectum*, São Paulo: Novo Século, 2000, p.155-62.

⁸⁵ Cf. BITTENCOURT FILHO, J. *Matriz religiosa brasileira – notas ecumênicas*, in *Tempo e Presença*, nº 264, Rio de Janeiro, CEDI, 1992, p. 49-54.

um grande sacrifício da inteligência. Mas Comblin ressalta que atualmente as religiões não têm girado tanto em torno da obediência.

O autor diz que Jesus não pediu que a razão fosse sacrificada, o que Ele pretendia através de sua mensagem era a libertação da mente humana dos preconceitos, das mentiras e ilusões: “Jesus veio para abrir os olhos daqueles que se encontravam nas trevas, sem rumo, ou perdidos em suas falsas concepções”⁸⁶.

Na interpretação de Comblin, a fé é também força, tem o poder de transformar as pessoas, proporciona-lhes atitude, coragem, ânimo, energia e as encoraja a anunciar a chegada do Reino de Deus⁸⁷. Ela não pode ser apenas um ato intelectual, passivo, porém, move e orienta à ação a parte da inteligência que dirige a prática da vida, que percebe os valores, que aprecia as grandes opções da vida, diferentemente da compreensão puramente intelectual, que possibilita a pessoa, até mesmo o teólogo a conceituá-la, explicá-la, porém não a tem como opção e prática em sua vida⁸⁸.

Para Paul Tillich

Fé é estar possuído por aquilo que nos toca incondicionalmente. Como todos os outros seres vivos, o homem se preocupa com muitas coisas; sobretudo ele se preocupa com coisas tão necessárias como alimento e moradia. Mas à diferença de outros seres vivos, o homem também tem preocupações espirituais, isto é, estéticas, sociais, políticas e cognitivas. Algumas dessas preocupações são urgentes, muitas vezes até extremamente urgentes, e cada uma delas, tanto quanto exigências do sustento, pode ser considerada como imprescindível para a vida de um indivíduo bem como de toda uma comunidade. Quando isto acontece, a preocupação em foco exige dedicação total por parte

⁸⁶ COMBLIN. O Caminho..., p.102.

⁸⁷ “O Reino de Deus é a libertação do ser humano oprimido graças a uma mudança total da sociedade: todos se reconhecem ‘próximos’”. Ibidem, p.33.

⁸⁸Ibidem.103.

daquele que aceita essa exigência. Mas ao mesmo tempo ela promete realização perfeita, e por isso mesmo exige a dedicação total⁸⁹.

Na religião do Antigo Testamento, o Deus da criação e da justiça é a preocupação incondicional, como expressa, segundo Tillich, no mandamento de amar a Deus “de todo o coração, de toda a alma e de toda a força”⁹⁰. Aqui estaria expresso o significado de “preocupação última”, proclama a natureza da fé genuína e a exigência de dedicação total. O autor explica que

a expressão “preocupação incondicional” engloba os aspectos subjetivo e objetivo do ato de crer: a fé pela qual se crê, proveniente do íntimo da pessoa, ou sua preocupação incondicional; e a fé que é crida, é a expressão clássica para aquilo a que se dirige o ato, para o incondicional como tal⁹¹.

A fé teria o seu lócus no centro da vida pessoal, seria o ato mais íntimo e global do espírito humano. Tillich diz que

ela não é um processo que se dá numa seção parcial da pessoa nem uma função especial da vivência humana. Todas as funções do homem estão conjugadas no ato de fé. A fé, no entanto, não é apenas a soma das funções individuais. Ela ultrapassa cada uma das áreas da vida humana ao mesmo tempo em que se faz sentir em cada uma delas⁹².

Tillich diz que a fé é importante para o desenvolvimento da pessoa humana, pois, “a preocupação incondicional empresta a todos os outros interesses a sua profundidade, direção e unidade”. Sendo assim, o incondicional não seria um objeto entre outros e sim a base e origem de todo ser, e como tal, o centro unificador da

⁸⁹ TILLICH, Paul. *Dinâmica da Fé*. São Leopoldo: Sinodal, 1985, p. 5-6.

⁹⁰ Deuteronômio 6:5.

⁹¹ TILLICH. Op. cit. p.7-8.

⁹² Ibidem, p.8.

vida como pessoa. O autor ressalta que o centro da pessoa une todos os elementos da vida e da personalidade – as forças corporais, inconscientes, conscientes e intelectuais⁹³.

Na concepção de Tillich, do ato de fé participaria todo nervo do corpo humano, toda aspiração da alma, todo impulso do espírito humano. Ele ressalta que corpo, alma e espírito não seriam três partes isoladas do homem, seriam dimensões do ser pessoa e sempre estariam entrelaçadas, pois o homem seria uma unidade e não um composto de diversas partes. Por isso, “fé não tange somente o espírito ou apenas a alma ou exclusivamente a vitalidade, e sim ela é a orientação da pessoa inteira em direção ao incondicional”⁹⁴. De modo positivo, “a fé é um ato de paixão infinita”⁹⁵ que brota de um ponto de concentração no qual habita a totalidade do ser pessoal.

Tillich relaciona fé e amor. Para ele, “o amor é o impulso para a reunião do separado, o *eros* em direção a Deus, a pulsão espiritual que move o homem na direção do seu fundamento essencial, do qual foi separado na existência, assim sendo, a fé e o amor estão intimamente relacionados. Portanto, a fé inclui o amor, isto é, o desejo e a aspiração pela reunião do separado”⁹⁶.

Tillich assinala dois tipos fé: a fé ontológica, que seria um tipo de fé no qual a ênfase está na consciência do fundamento da realidade, na percepção da natureza sacramental da realidade empírica. São incluídas aqui as fé sacramentais, com forte inclinação ritualística, e a forma mística de fé ontológica apareceria como uma tentativa de superar a fé meramente sacramental. Uma vez que esta tem a tendência de identificar o sagrado com seu veículo sacramental, localiza a presença do incondicional na profundidade da alma humana, onde o finito e o infinito coincidem e a cisão entre sujeito e objeto é transcendida, através da renúncia a tudo o que é condicionado, por amor ao incondicionado.

⁹³ Ibidem, p. 69.

⁹⁴ Idem.

⁹⁵ Idem.

⁹⁶ Ibidem, p.43.

O outro tipo de fé, segundo o autor, é a fé moral, que seria a fé que gravita em torno da exigência moral de Deus, imposta e conferida no dom da lei; é a fé que tem consciência da distância moral entre Deus e homem, por causa da culpa⁹⁷.

Para Tillich, haveria três formas básicas de fé moral: a jurídica, encontrada no judaísmo talmúdico e no islã; a convencionalista, como exemplo, o Confucionismo; e a forma ética da religião do Antigo Testamento, que enfatiza a justiça e a santidade de Deus. Segundo Tillich, em um exame do campo cristão, aponta no catolicismo o domínio do tipo sacramental, e no protestantismo o do tipo moral de fé. O ideal, no entanto, seria para ele o redescobrimto da unidade do tipo ontológico e do tipo moral de fé⁹⁸.

Segundo Colin Brown, quando se fala da fé na tradição sinótica “o que se tem em mente é a confiança na missão de Jesus e no seu poder para livrar as pessoas das aflições. Na interpretação dos milagres que Jesus fazia, Brown diz que as histórias dos milagres são vinculadas à questão da fé e visavam a confirmação de uma fé existente. Sendo assim, podemos entender que Jesus não procurava apenas libertar as pessoas de suas aflições físicas, mas também transformar as pessoas em testemunhas de sua obra salvífica. Ele não tinha a intenção de ser um “curador”, estava mais interessado em pedir ao ser humano a sua confiança, e esta apresenta a possibilidade de Deus fazer Sua obra, e isso a Igreja haveria de declarar⁹⁹.

Brown interpreta a concepção de Jesus sobre fé em Deus dizendo que, seria estar aberto às possibilidades que Deus apresenta, (cf. Marcos 11:22) “tende fé em Deus”, inclui contar com Deus. O significado mais amplo compreendido nos ensinamentos de Jesus, segundo o autor, referia-se a um tipo de fé em Deus especial: *a fé em Jesus*. Jesus falava de uma fé ilimitada como quem descreve algo novo, ele se voltava para o indivíduo, toda declaração da sua parte continha os elementos da fé, da confiança, do conhecimento, da decisão, da obediência e da

⁹⁸ Ibidem, p.48-49.

⁹⁹ BROWN, Colin. *O Novo Dicionário Internacional de Teologia do Novo Testamento*. Tradução de Gordon Chown. São Paulo: Vida Nova, 1982, p. 224.

direção. A fé de Jesus era dirigida para a realidade e estava envolvida no ato do viver¹⁰⁰. Nas palavras do autor:

O Cristianismo é um evento da fé, sem igual. O ato da fé, juntamente com as formas do pensamento e com as estruturas que com ela se vinculam, bem como os relacionamentos e normas relevantes (o evangelho, a palavra de Deus), têm um significado especial no Cristianismo. O Cristianismo veio a ser considerado um evento da fé, porque este conceito dava a expressão mais poderosa ao seu entendimento da situação histórica e do seu modo de encarar as coisas tendo em vista as reivindicações do evangelho¹⁰¹.

1.4 Religião e fé cristã

José Comblin, numa explanação sobre o sentido de religião enquanto participação de quem a professa na sociedade, diz que esta deveria “ser feita na prática do amor, da misericórdia, do serviço (...) o que se realizaria na vida a cada dia, com gestos e atividades¹⁰²”. Segundo Comblin há religiosos que procuram viver aqui no mundo, porém constroem um mundo à parte, este seria visto como um mundo pelo qual não vale a pena se esforçar para melhorá-lo¹⁰³. Esta crítica já está presente em Lutero, que ressaltava que a fé não se limita à contemplação ou ao ato de assentir a um sistema de verdades reveladas, mas consiste em se envolver com Jesus, sua palavra e ação.

Zwinglio M. Dias diz que pensar e rearticular a vivência religiosa numa situação como a até aqui descrita exige dos cristãos uma atitude de profunda humildade frente ao que temos sido até agora. Também de total dedicação Àquele

¹⁰⁰ Ibidem. p. 225.

¹⁰¹ BROWN. op.cit. p.229.

¹⁰² Citação de Lothar Carlos Hoch, SCHNEIDER-HARPPRECHT, Cristoph. *Teologia Prática no Contexto da América Latina*. ASTE/Sinodal, 1998, p.24.

¹⁰³ COMBLIN, José. *A Oração de Jesus*. Petrópolis: Vozes, 1973, p. 14.

que, a partir da fé, afirmamos como o único capaz de abrir-nos o futuro e que na situação histórica em que vivemos, onde milhares de pessoas se encontram em desespero e conformismo, a fé que anima a comunidade cristã é e continuará sendo um chamado à esperança¹⁰⁴.

Crises e desafios caracterizam o mundo de hoje. Todos nós somos afetados pelo impacto destes dois fatores. A igreja não pode ficar fora do alcance dos impactos e das conseqüências das crises e dos desafios¹⁰⁵. Podemos perceber que os preceitos transmitidos pela ideologia neoliberal¹⁰⁶ têm “invadido” a Igreja Cristã em diversos sentidos: alterando o comportamento dos seus integrantes, tornando-os mais individualistas, insensíveis e, introduzido direta ou indiretamente estes preceitos, afetando os mais básicos ensinamentos cristãos como: o amor a Deus e ao próximo.

Deparamo-nos com uma série de acontecimentos que se sucedem, se misturam e transtornam o contexto histórico: o desenvolvimento da tecnologia capitalista; o sistema de acumulação de capital às custas da própria sobrevivência da humanidade, gerando pobreza e exclusão de milhões de pessoas.

Clóvis Pinto de Castro, em uma proposta para que a fé cristã torne explícita as implicações da sua fé na sociedade, diz: “ ser cristão é assumir um compromisso permanente com a justiça. É um compromisso ‘intra’ e ‘extra’ muros, alcançando assim, o mundo público”¹⁰⁷.

Constatamos a busca das pessoas por mensagens que lhes tragam conforto e motivação, pessoal, familiar, profissional e espiritual, e os cristãos como portadores de tais mensagens para além de sua comunidade, poderão cumprir o

¹⁰⁴ Quarta Assembléia Geral do CLAI. *Missão, Unidade e Identidade da Igreja*. DIAS, Zwinglio M., (Notas sobre a Missão e a Identidade da Comunidade Cristã no presente contexto histórico) “...E serão minhas testemunhas...” Quito, Ecuador, 2000, p.75.

¹⁰⁵ BARBIERI, Sante Uberto. *Igrejas que desafiam*. SBC. Imprensa Metodista. 1989. p.7.

¹⁰⁶ Segundo a ótica de Durkheim, entendemos que a ideologia neoliberal se trata de um fato social, cuja característica é a coerção social, ou seja, a força que os fatos exercem sobre os indivíduos, levando-os a conformarem-se às regras da sociedade em que vivem, independentemente de suas vontades e escolhas. COSTA, Maria Cristina Castilho. *Sociologia.Introdução à ciência da sociedade*. São Paulo, Moderna, 1997. P. 51-88.

¹⁰⁷ CASTRO, Clóvis Pinto de. *Por uma Fé Cidadã: A Dimensão Pública da Igreja*. São Paulo: Loyola, 2000, p.95.

papel de instruí-las, transmitindo este incentivo aonde quer que estejam, afinal o Cristianismo tem a missão de elevar os padrões morais, culturais e espirituais na sociedade.

1.3 Diferença entre seguir Jesus e religião

Há diversos questionamentos entre os não cristãos e também cristãos acerca da distinção entre religião e seguir Jesus. Comblin afirma que “a Igreja sempre fez a distinção entre as virtudes ditas teológicas, fé, esperança e caridade, que são dons de Deus, e a virtude da religião que é virtude natural, formada pelos povos dentro de suas culturas”¹⁰⁸.

Neste momento em que se multiplicam os contatos entre os cristãos e as outras culturas, é importante distinguir entre aquilo que é fundação de Jesus e o que é elaboração cultural a partir de elementos tirados de outras religiões¹⁰⁹.

José Comblin lembra que os primeiros cristãos, também conhecidos como primitivos, ou aqueles que formaram a Igreja narrada no Novo Testamento, deram o nome de “caminho¹¹⁰” à nova vida de convertidos a Jesus¹¹¹. Com o passar dos tempos o Cristianismo deu origem a uma religião, que segundo a definição de Comblin é “um sistema de crenças, ritos, preceitos morais e instituições dirigidas por um corpo especializado”¹¹².

Em cada cultura há uma religião elaborada, havendo, portanto, muitas religiões no mundo, constituindo o centro de sua vida cultural. Ao inserir-se na

¹⁰⁸ COMBLIN. *O Caminho*. p.8.

¹⁰⁹ Cf. Comblin, Idem.

¹¹⁰ José Comblin define “o caminho” com base em Hebreus 10:20 – “Jesus é um caminho novo e vivo”. Os discípulos (seguidores) de Jesus têm a condição de peregrinos e estrangeiros, a peregrinação de nossa vida consiste em seguir o caminho que é Jesus, e o objetivo desse peregrino ao chegar ao fim de sua jornada é ser transformado segundo o modelo de Jesus. COMBLIN, *Ibidem*, p.66-67.

¹¹¹ Termo conhecido e utilizado na teologia, bem como na Igreja Cristã para denominar todo(a) aquele(a) que passa a ter uma mudança de vida, de mente ou de história (destino) ao conhecer a Jesus Cristo e seus ensinamentos e propostas.

¹¹² *Ibidem*, p.7.

religião de Israel, Jesus foi considerado um herege e traidor da sua religião. No decorrer da história diversos elementos de várias religiões foram adotados pelos cristãos, de acordo com os países por eles habitados, havendo uma série de adaptações à mensagem e à vida de Jesus.

Comblin diz que a religião cristã efetuou a integração de muitos elementos de religiões já existentes, originando muitas religiões cristãs, de acordo com a multiplicidade das culturas e suas tradições religiosas. Sendo assim, entendemos que há distinção entre religião, – uma criação humana, proveniente da cultura de povos –, e seguir Jesus, o que pode ocorrer independentemente da cultura.

Nas palavras de Comblin “este se vive no contexto de uma religião, mas é superior a ela e permanece crítico com relação a todas as religiões”. Jesus criticou a religião de seu povo, pois esta, frisa Comblin, “tende a se afastar do caminho de Jesus e se tornar autônoma, sem referir-se ao Reino de Deus”¹¹³. “O caminho de Jesus é a sua vida humana”, quem quiser seguir a Jesus há de ter em vista sua vida, com sua trajetória, seus fins e particularidades.

Com o decorrer dos tempos, o Cristianismo chegou a identificar-se de tal maneira com a religião, que muitos não percebem a diferença e se acham cristãos simplesmente porque se submetem a todas as prescrições da sua religião. Porém ainda sendo um fervoroso devoto à sua religião, praticante de seus ritos, favorável aos dogmas, cegamente obediente às normas da instituição e observador da moral, um indivíduo pode ignorar a mensagem e o caminho de Jesus. Essa situação foi objeto de grande conflito entre Jesus e os sacerdotes, doutores e fariseus, defensores e “praticantes”¹¹⁴ de sua religião, sendo por isso orgulhosos, e na verdade, desapercibidos e incrédulos quanto aos ensinamentos de Jesus e seu caminho.

No mundo atual, o cristão precisa ser capaz de expressar o que Jesus veio trazer ao mundo. Se veio convocar a humanidade para seguir o seu caminho é

¹¹³ Ibidem. p.9.

¹¹⁴ Na concepção e fala de Jesus, estes religiosos, na verdade, cobravam inteira fidelidade do povo, porém muitos entre eles defendiam sua tradição e não praticavam os *mandamentos de Deus*. Marcos 7:1-23.

necessário saber qual é esse caminho. A religião, enquanto parte mais visível da Igreja, fará parte de um segundo plano, de acordo com a cultura de um povo¹¹⁵.

Comblin observa que,

Uma instrução formal pode divulgar as palavras da fé, mas não a própria fé. As palavras permanecem vazias de conteúdo e rapidamente caem na indiferença quando a fé desaparece. A fé só nasce ao contato com outra fé. A fé não nasce pelos processos habituais de educação humana; transmite-se de pessoa para pessoa. Há uma cadeia de fé que vai percorrendo os povos e as gerações, e a origem da cadeia é Jesus na cruz, emitindo o seu próprio ato culminante de fé, diante do Pai e do mundo¹¹⁶.

1.4 Evolução histórica de vida cristã

Podemos verificar que no decorrer de sua história, a vida cristã ou perspectiva do Cristianismo vem assumindo diferentes facetas, ou seja, que o foco da sua mensagem toma a forma do contexto ou situação pela qual passa o mundo, e dá-nos perceber que isso ocorre para que a necessidade do momento possa ser assistida.

Na época da Igreja Antiga, ou de Atos dos Apóstolos, o povo cristão aguardava a iminente volta de Cristo, dirigida ao mundo vindouro, predominando a esperança. No Período Medieval, o pensamento dominante era que o Reino de Deus estava na terra, a cristandade uniu Igreja e mundo de tal maneira, que formavam, quase que totalmente, uma só realidade. Por não mais haver o que se esperar neste mundo a não ser o segundo advento de Cristo, havia a necessidade de proteger esse reino, vivendo-o no presente, o que levou a instituição a destacar a

¹¹⁵ COMBLIN, José. *O Caminho...*, p.9.

¹¹⁶ COMBLIN, José. *O Clamor dos Oprimidos. O clamor de Jesus*. Petrópolis: Vozes, 1985. p. 41.

caridade como a doutrina oficial na sociedade cristã. Porém, as práticas de boas obras não impediram a corrupção, principalmente a partir do século XI, devido à falta de exemplo e autenticidade da maior parte da hierarquia. Esse período marcado por guerras, pela Inquisição, pelas cruzadas, dominação da pobreza, riqueza do alto clero, passou a ser marcado também por protestos e pelas vozes dos profetas mostrando a realidade, e desejando a purificação da Igreja¹¹⁷.

Comblin diz que durante séculos, ouvia-se dentre os cristãos o desejo de uma reforma, porém, o que se via era a volta da cristandade ao paganismo. Chegando enfim, a reforma em forma de insurreição contra o Papa e a hierarquia, o que se testemunha na história é o cisma, por não ser aceita¹¹⁸. Para o autor: “Lutero foi radical na afirmação da fé, fazendo da fé o centro da salvação, e separou os dois reinos: o reino terreno – não tendo nada a ver com Cristo e que não salva, e o Reino de Cristo, que não está ligado a este mundo e onde se vive numa pureza não contaminada pelo paganismo”¹¹⁹, iniciou-se nesta época na história do Cristianismo: a era da fé.

Pe. Bernhard Haring observou que a vida cristã, na Idade Média, expressava a mensagem do amor. No período de Reforma e Contra-Reforma a vida cristã concentrava-se na fé, e em nossa época, a esperança deveria ser o foco de concentração, e que realmente vivemos um período histórico, no qual a vida cristã carece enxergar a esperança¹²⁰.

A Contra-Reforma católica manteve as instituições medievais, porém mudou o seu conteúdo, focalizando a salvação das almas, dedicou-se à fé, que distinguia os cristãos dos pagãos e era a base de salvação. Católicos e protestantes passaram a priorizar a fé. Para os protestantes, a Bíblia era o objeto da fé, sua base; para os católicos, a base e objeto era o seu magistério. Católicos e protestantes passaram a combater entre si com o intuito de defender, cada qual, o conteúdo de sua fé. Muitas

¹¹⁷ Cf. COMBLIN, José. *O Caminho...*p.13.

¹¹⁸ Ibidem, p.14.

¹¹⁹ Idem.

¹²⁰ Cf. B.Haring, *Livres e fiéis em Cristo – Teologia moral para sacerdotes e leigos*. São Paulo: Paulus,1982, p. 363.

peças sábias, no decorrer desses mais de 400 anos, desprestigiaram o Cristianismo, e ainda o fazem, devido a esse conflito¹²¹.

Entre a Reforma do século XVI e o Iluminismo¹²² do século XVIII, os rumos do Cristianismo foram grandemente afetados, devido ao questionamento quanto às verdades tradicionais da fé. Com a situação crítica emergente em toda a Europa, constata-se, então, a crise do Cristianismo, que, durante séculos havia proporcionado respostas às perguntas existenciais das pessoas, fornecido diretrizes da moral e dos costumes, orientado o povo em todas as questões importantes. Diante de tantas dificuldades que denominam esse período como “século da angústia”, tanto o Catolicismo como o Protestantismo apresentam-se como religiões da angústia e do sofrimento¹²³, tal a intensidade da incerteza, miséria e desgraça resultando na profunda angústia das pessoas.

Spener ¹²⁴ descreve assim esse período de transição na Europa:

Na religiosidade popular, a fé cristã misturava-se, muitas vezes, com elementos de magia, astrologia, e crença em “bruxas”. Acontecimentos importantes foram interpretados como sendo “sinais dos tempos”, resultantes de decisões de Deus. Tentou-se descobrir nas profecias bíblicas o plano salvífico de Deus para com

¹²¹ *ibidem*, p.15.

¹²² Termo utilizado para expressar o pensamento da época, marcada pela supremacia da razão humana, em todos os aspectos do seu pensamento e ação, tendo uma duração de cerca de cem anos, assinalou forte influência na Europa Ocidental refletindo na América, no século XVII. NICHOLS, Robert Hastings. História da Igreja Cristã p. 202. O Iluminismo, mais do que um sistema filosófico, foi um movimento espiritual, típico do século XVIII e caracterizado por uma ilimitada confiança na razão humana, considerada capaz de dissipar as névoas do mistério, que obstruíam o espírito humano, e de tornar os homens melhores e felizes, iluminando-os e instruindo-os. O Iluminismo é, em essência, um antropocentrismo, um ato de fé apaixonado na natureza humana, considerada com seus caracteres universais, comuns a todos os homens, e não na natureza individual e original de cada um. Os olhares eram dirigidos para o futuro; era um novo evangelho, uma nova era, na qual o homem, vivendo em conformidade com a sua natureza, seria plenamente feliz. MONDIN, Battista. *Curso de Filosofia. Os filósofos do Ocidente*. v.2 São Paulo: Paulinas, 1981, p.153.

¹²³ SPENER, Jacob Phillip. *Mudança para o Futuro: Pia Desideria*, Encontro Editora e Inst. Ecum. Pós-Grad.em Ciências da Religião, 1994.p.9-10.

¹²⁴ Nascido em 13 de janeiro de 1635, em território alemão, Philipp Jacob Spener, em sua formação espiritual, recebeu forte influência de livros de edificação ingleses sobre o verdadeiro cristianismo, aprofundou-se na teologia de Lutero, o reformador, e nos pensamentos de teólogos ortodoxos sensíveis para os desafios colocados pela crise da época. Foi pastor luterano, professor, doutor em teologia, presidente do colégio de Frankfurt, pregador e tornou-se o pai do pietismo luterano na Alemanha. SPENER. Op.cit. p.14 e 15.

o mundo. Houve quem se apresentasse como novo profeta, prometendo nova certeza de salvação.

Em meio à desgraça, miséria e angústia, as pessoas esperavam receber por parte da igreja: consolo, aconselhamento e edificação espiritual. Entre os séculos XVII e XVIII, mais uma vez o Cristianismo caminhava da angústia para a esperança. Renasceu a esperança por tempos melhores. Esperava-se da iminente segunda vinda de Cristo ou do Juízo Final, o fim de toda desgraça. A sociedade deu sua resposta à crise que a havia ameaçado, a valorização do trabalho. Numa perspectiva religiosa, o trabalho passou a ser visto como manifestação da virtude cristã e caminho indicado por Deus para a superação do pecado e a melhoria da moral. Aprofundou-se a ética do trabalho, o objetivo foi a promoção do bem comum. O que Max Weber chamou de “Espírito do Capitalismo”¹²⁵ nasceu no contexto de minorias protestantes em países católicos e, em países protestantes, de minorias dissidentes e de refugiados¹²⁶.

Entre a elite intelectual desenvolveu-se uma nova maneira de filosofar para reinterpretar a existência humana e o mundo. O francês René Descartes (1596-1650)¹²⁷ pretendeu criar uma nova ordem dos pensamentos e dos valores. Em seus primórdios, as ciências modernas andaram muitas vezes de mãos dadas com a escatologia cristã. Na Inglaterra, o filósofo Francis Bacon (1561-1626) estava convicto de que todo trabalho científico ajudava a libertar as pessoas do pecado e a restabelecer o paraíso perdido. O cientista mais famoso da época, o inglês Isaac Newton (1643-1727), foi um homem profundamente religioso. O progresso científico e tecnológico foi interpretado como presente de Deus à humanidade caída e indício da proximidade do fim dos tempos.

¹²⁵ Em fins do século passado, o sociólogo e economista alemão Max Weber (1864-1920) defrontou-se com uma insólita estimativa. Em estatísticas, ele lera que os protestantes eram muito mais hábeis no comércio que os católicos. Max Weber tentou montar uma resposta para essas questões ao editar um conjunto de ensaios, publicados em 1905, conhecido mais tarde pelo título *A Ética Protestante e o Espírito do Capitalismo*. Weber, Max. *A Ética Protestante e o Espírito do Capitalismo*. Erfurt, Alemanha, Múnaco, 1920.

¹²⁶ SPENER, op. cit, p. 13.

¹²⁷ René Descartes (1596-1650), pai da tradição subjetiva e idealista na filosofia moderna, sua teoria central era a primazia da consciência. Descartes tinha o desejo de explicar o mundo inteiro, exceto Deus e a alma, por leis mecânicas e matemáticas. DURANT, Will. *A História da Filosofia*. Tradução de Luiz Carlos do Nascimento Silva. São Paulo: Nova Cultural Ltda, 2000. p.157.

Até o século XX, católicos e protestantes, permaneceram concentrados em sua luta a respeito da doutrina e da fé, sem se darem conta da emancipação do mundo moderno, tanto em relação a um como do outro segmento. Moderno é a novidade, o trabalho da ciência, da tecnologia, da nova concepção da sociedade. O pensamento moderno é que o homem se faz a si mesmo, e que o mundo está em suas mãos, não nas mãos de Deus. “A modernidade não nega a existência de Deus na origem do mundo, mas entrega o mundo ao ser humano, que faz demonstrações de sua capacidade”¹²⁸. Há três séculos vem crescendo esse pensamento e, homens e mulheres tornam-se conscientes de que podem mudar o mundo, gerando uma nova esperança, a de um mundo novo criado pelos seres humanos, e acarretou na rejeição da visão estática da cristandade.

Com o conceito de progresso e rejeição da visão estática e histórica da cristandade, nascia também a esperança de ver um mundo novo criado pelos seres humanos, um mundo emancipado, livre das forças reacionárias das Igrejas, cuja estrutura estável e imutável recebia um valor divino absoluto¹²⁹.

O Cristianismo, cujas raízes marcadas pela tradição judaico-cristã, analisa ou interpreta Deus como sujeito da história, isto é, ainda que este Deus esteja fora da história e do mundo a dirige e determina. Jung Mo Sung diz que “o Deus transcendente, que está além dos limites do mundo humano, era visto como sujeito e a história como objeto da sua vontade e ação. O mundo moderno substituiu esta noção de Deus como sujeito da história pela noção de ser humano como sujeito da história”¹³⁰.

Comblin observa que houve uma evolução teológica no século XX: a teologia helenizada deixou de ser a referência obrigatória e a ruptura com a interpretação grega da Bíblia proporcionara o diálogo com “uma humanidade não mais orientada pelo pensamento grego”¹³¹. Segundo Comblin, Moltmann¹³², foi um dos precursores

¹²⁸ COMBLIN, José. *O Caminho...* p. 17.

¹²⁹ Idem.

¹³⁰ SUNG, Jung Mo. *Sujeitos e Sociedade Complexas: Para repensar os horizontes utópicos*. Petrópolis: Vozes, 2002, p.52.

¹³¹ COMBLIN, Ibidem, p.19-20.

¹³² Segundo José Comblin, Jurgen Moltmann foi o maior teólogo cristão da segunda metade do século XX, era professor de teologia, reformado e de tendência calvinista, através de sua obra “A

e notável participante dessa abertura através da teologia da esperança, por ele produzida¹³³. Nas palavras de Comblin:

Se o Cristianismo é uma caminhada - vindo de um passado, vivendo um presente precário e rumo a um futuro desconhecido -, claro que a esperança é a disposição fundamental do cristão, a base da sua vida. Nossa vida é o Reino de Deus neste mundo, as promessas, os esperados dons do Espírito, a aspiração para a revelação do Espírito e o discernimento, o acolhimento e a coragem, a audácia, palavra evangélica básica, frente a um futuro ainda inseguro, mas dentro deste mundo em primeiro lugar¹³⁴.

2 A FÉ CRISTÃ E A CONTRADIÇÃO COM O MUNDO

A fé é uma coisa, e sua representação, outra (...). A fé, enquanto atitude da pessoa diante de Deus, fundamentalmente sempre foi a mesma, mas sua representação variou muito no decorrer dos séculos¹³⁵.

José Comblin afirma que a fé pode ser confundida com adesão a dogmas. Isto ocorre quando se torna um exercício puramente intelectual, porém, o apelo da fé não implica apenas o nível do conhecimento, mas o conhecimento que provém da fé orienta para a ação. Ele lembra que Jesus nunca separava a fé do agir: “O agir é justamente a fé que entra na realidade e não permanece na pura

teologia da Esperança” promovendo abertura para uma avaliação acerca da situação teológica da Igreja. Idem.

¹³³ Idem.

¹³⁴ Ibidem, p.23.

¹³⁵ Ibidem, p.79.

representação”¹³⁶. Comblin, ao analisar o ser humano, ressalta que há uma grande distância entre o pensar e o agir.

Comblin aponta a diferença entre o discurso religioso e o testemunho de fé autêntica. As ideologias serviram, ao longo do tempo, para encobrir o agir verdadeiro. Hoje o discurso tem se transformado em estratégias nas ofertas de produtos ou serviços, atribuindo-lhe qualidades ou características que na verdade não possuem, ou seja, transmitindo mensagens enganosas e mentirosas. A verdade da fé, no entanto, está no agir, essa verdade não pode ser conhecida apenas por meio de operações intelectuais: “não se conhece a Jesus por via intelectual, mas pelo agir, pelo amor: quem não ama, não conhece”¹³⁷.

Comblin lembra que Jesus identificou-se com seu povo, não com a parte do povo que se corrompia pelas elites de seu tempo, mas com a parte do povo que tinha esperança, que teve um início com Abraão, e esta esperança pode alcançar todos os povos, a esperança da chegada do Reino de Deus, ou seja, da transformação da humanidade a reino de justiça e de paz¹³⁸.

Clóvis P. de Castro, em comentário a respeito do processo democrático em nosso país, diz que “ no Brasil, busca-se a construção de um lugar melhor para se viver, a possibilidade de um país com igualdade social, sem excluídos, sem miseráveis, onde todos tenham atendidas suas necessidades básicas, vivam com justiça e possam desfrutar do bem-estar social”¹³⁹.

O autor faz referência à questão bíblica relacionada à preocupação com a construção de um espaço bom, agradável para se viver, um lugar onde não haveria violência ou sofrimento, que ele identifica, segundo a Bíblia, com “a cidade do *shalom*, novos céus e a nova terra, nos quais habita justiça”¹⁴⁰, onde há evidência do

¹³⁶Ibidem, p.103.

¹³⁷Ibidem, p.104.

¹³⁸Ibidem, p.107.

¹³⁹ CASTRO. Op.cit., p. 92.

¹⁴⁰ 2 Pe 3:13. Clóvis Castro, identifica *shalom* (um estado de integridade, harmonia, inteireza e unidade) como o conteúdo do Reino de Deus, e esta, diz ele está intimamente relacionada com a

propósito de Deus “de restaurar o mundo” de tal modo, que o ser humano possa desfrutar de paz (*shalom*) existente no mundo originalmente criado por Deus¹⁴¹. Clóvis lembra que, em diversas situações em sua história, o povo de Israel viveu momentos de injustiça, opressão, corrupção, mas que manifestava o seu desejo em ver a restauração de Deus, aonde pudessem ver a Sua justiça. Em linguagem bíblica, esta nova ordem é conhecida também como Reino de Deus¹⁴², que se refere a um círculo de idéias relativas ao bem-estar social que inclui o bem estar individual, comunitário e nacional, e seria “a imagem de uma sociedade em plenitude de vida alicerçada na justiça”¹⁴³.

No conceito de Jon Sobrino, o Reino de Deus “é o conteúdo concreto daquilo que é boa notícia, a totalidade apresentada pelo Evangelho, dentro da qual se articulam as realidades fundamentais de que fala o Evangelho: o Deus do reino, o Cristo que o anuncia, a utopia de seu conteúdo, seus destinatários, a prática dos homens para corresponder a esse reino¹⁴⁴”. Para ele, o problema da correspondência ao Evangelho traduz-se de maneira eficaz na correta e adequada correspondência ao reino de Deus.

Sobrino sustenta que uma sintonia com o reino anunciado e iniciado por Jesus implicaria numa correta relação com o reino, com Deus e com Cristo. Assim, a correspondência a esta realidade deveria fazer-se em diversos níveis de práxis e sentido, de esperança e de transformação da realidade, de aceitação e superação do destino imposto. A correspondência como reino de Deus não se dá somente na esperança de que este chegue, mas também na prática para que chegue a ser. No Novo Testamento aparece a exigência à dimensão prática, a um fazer, um realizar, que se pode chamar realização do reino. Sobrino reforça sua colocação dizendo que “a vontade de Deus é que o reino chegue, que os homens atuem de determinada

justiça; para alcançar o *shalom* é necessário praticar a justiça. Segundo Clóvis, na ótica do Novo Testamento, o termo “boas obras” traduz a justiça, com base na definição de José Diaz Alonso, a saber, “las obras buenas son acciones de misericordia a favor de todos los hombres que tienen necesidad de ellas, y son obras de pacificación que eliminan la discordia entre los hombres”. ALONSO, José Diaz. *Fe y justicia*. Salamanca, Sigueme, 1981, p.14. In: CASTRO, Idem.

¹⁴¹ Isaías 11:1-9.

¹⁴² CASTRO. Op.cit. p.87.

¹⁴³ Ibidem, p.96.

¹⁴⁴ SOBRINO, Jon. *Ressurreição da Verdadeira Igreja. Os pobres, lugar teológico da eclesiologia*. São Paulo: Paulinas, 1982, p.51.

maneira, e que essa atuação objetivamente tenha um conteúdo que corresponda ao conteúdo do reino de Deus”¹⁴⁵.

Possivelmente, a má compreensão em relação à fé tem provocado uma certa alienação por parte de muitos cristãos, levando-os a ignorar ou conformar-se diante do clamor dos que padecem. Uma vez que os cristãos fazem parte da sociedade, podem se tornar capazes, a partir de uma compreensão clara em relação à implicação da fé em suas vidas, de contribuir com a mesma, de forma ativa e comprometedora. Clóvis Pinto de Castro afirma que “vivenciar a fé nos dias atuais não é uma tarefa fácil, especialmente para aqueles que têm uma visão mais ampla da fé cristã e sabem o significado de palavras como doação, serviço, compromisso, sacrifício, cruz, solidariedade, entre outras, que indicam a vivência de uma espiritualidade encarnada e com uma dimensão pública”¹⁴⁶.

A fé quando interpretada de maneira a se compatibilizar com a ideologia atual de busca por prazeres materiais e instantâneos, pode se interiorizar e, ao invés de atrair seres humanos para orientá-los a viver uma vida de liberdade, aprisioná-los, tornando-os mais individualistas e ansiosos em sua busca ao “sucesso e vitória”¹⁴⁷.

Tillich alerta que a fé, quando mal compreendida, “causa mais desorientação do que cura. Ela confunde as pessoas, levando a extremos como ceticismo ou fanatismo, resistência pela razão ou sujeição emocional, rejeição de religião genuína”¹⁴⁸.

Jung Mo Sung diz que a fé está fundada na confissão de que Jesus de Nazaré ressuscitou. Ela seria o núcleo da nossa fé. Confessar que Jesus, derrotado, condenado e morto pelo Império Romano e o Templo, ressuscitou, seria crer num

¹⁴⁵ Ibidem, p.54.

¹⁴⁶ CASTRO. Op.cit.p.107.

¹⁴⁷ Termos conhecidos no meio evangélico, mais particularmente entre os pentecostais e neopentecostais, adeptos da teologia da prosperidade, que condicionam a presença das “bênçãos” de Deus através das conquistas materiais e constante vitória em todas as situações de suas vidas, ou até mesmo ausência de problemas.

¹⁴⁸ TILLICH. Op.cit., p.5.

Deus que não está associado com o vencedor (o Império e o Templo). Essa fé permitiria distinguir a vitória e o poder da verdade e justiça e que “ao descobrirmos que Jesus, o crucificado, ressuscitou, descobrimos que a ordem social estabelecida e os detentores do poder não são justos e nem representam a vontade de Deus”. O autor diz que essa fé move os cristãos a testemunhar a ressurreição de Jesus de um único modo possível: “defendendo a vida e a dignidade humana dos pobres e pequenos”¹⁴⁹.

Segundo Sung, a fé na ressurreição de Jesus seria uma revolução epistemológica, uma revolução na maneira de conhecer, que permitiria a descoberta da verdadeira face de Deus e do ser humana. Como consequência, a real possibilidade de “construir uma sociedade mais humana e justa”¹⁵⁰.

Ao falar sobre a esperança da fé, em perspectiva escatológica, Moltmann diz que a fé se apóia sobre a esperança, apesar da realidade da morte e do sofrimento, e crer significa transpor fronteiras, transcender, porém sem ignorar a realidade. Diz que a morte é verdadeira morte e que o sofrimento pode não ter uma resposta imediata. Mas que na aceitação do Cristo ressuscitado do sofrimento, da morte, do abandono de Deus e do túmulo, a fé ganha perspectiva para a amplidão. Onde não há sofrimento, ela vê na ressurreição de Jesus Cristo não a eternidade do céu na terra, mas o futuro da própria terra na qual está plantada a sua cruz. Para o autor, “ela reconhece em Cristo o futuro da humanidade, pela qual ele morreu, por isso para ela a cruz é a esperança da terra. Aceita com realismo a terra arrasada e a humanidade desonrada, pois lhe está prometido o reino da terra”¹⁵¹.

Moltmann esclarece que, de outro lado, significa que aquele que assim espera nunca se sentirá satisfeito com as leis e as necessidades desta terra, nem com a inevitabilidade da morte, nem com os males que geram outros males. Diz que a ressurreição de Cristo não seria somente um consolo em meio a uma vida ameaçada e condenada à morte, “mas também a contradição criada por Deus contra

¹⁴⁹ SUNG, Jung Mo. *Desejo, Mercado e Religião*. Petrópolis: Vozes, 1998, p.38.

¹⁵⁰ Ibidem, p.39.

¹⁵¹ MOLTSMANN, Jurgen. *O Caminho de Jesus Cristo: Cristologia em dimensões messiânicas*. Tradução de Ilson Kayser. Petrópolis: Vozes, 1993, p.6-8.

o sofrimento e a morte, contra o rebaixamento e a ofensa, contra a maldade do mal. Cristo é, para a esperança, não só consolo em meio à dor, mas também o protesto da promessa de Deus contra o sofrimento¹⁵².

Para Moltmann, se o apóstolo Paulo 'chama a morte o último inimigo' (I Cor 15:26), o Cristo ressuscitado e, baseada nele, a esperança da ressurreição devem ser vistos como o inimigo da morte e do mundo que para esta se encaminha. A fé, dessa maneira, entraria e participaria dessa contradição, e se tornaria ela mesma uma contradição contra o mundo da morte. Moltmann afirma que:

Por isso a fé, sempre que se desenvolve em esperança, não traz quietude, mas inquietude; não paciência, mas impaciência. Quem espera em Cristo não pode mais contentar-se com a realidade dada, mas começa a sofrer por causa dela, a contradizê-la. Esta esperança torna a Igreja cristã perpetuamente inquieta em meio às sociedades humanas. Ela faz da comunidade cristã fonte de sempre novos impulsos para a realização do Direito, da Liberdade e da Humanidade aqui mesmo, à luz do futuro predito e que virá. Esta comunidade está obrigada a "responder pela esperança", que nela está. Sempre que isto acontece, o Cristianismo se encontra na sua verdade e é testemunha do futuro de Cristo¹⁵³.

3 A FÉ CRISTÃ E O DESAFIO DA PRÁXIS TRANSFORMADORA

O ser humano é um grande colaborador da história, podendo ser considerado potencialmente agente responsável pelo seu andamento, e as conseqüências de suas decisões, escolhas e atitudes podem influenciar e interferir na vida de pessoas

¹⁵² Idem.

¹⁵³ Ibidem, p.9.

ao seu redor, quer política, social, religiosa, intelectual ou economicamente. Nas últimas décadas vem crescendo significativamente a atenção de muitos autores frente à necessidade de uma compreensão realista da degradação atuante e progressiva na sociedade mundial.

Leonardo Boff escreve que, “do coração dos vários países que formam a América Latina está subindo ao céu um clamor cada vez mais impressionante; é o grito de um povo que sofre e que reclama justiça, liberdade e respeito aos direitos fundamentais dos homens e dos povos”¹⁵⁴. Grande parte da população vive em situação de marginalidade relativa, e outra parte é condenada a sobreviver apenas com um salário mínimo. Muitos são os brasileiros que trabalham, porém dormem famintos.

Boff afirma que “esta situação conscientizada constitui um verme na consciência dos cristãos que não nos deixa descansar; é o fermento que dinamiza o compromisso crescente das Igrejas na luta pela justiça”¹⁵⁵.

No Brasil, a situação de pobreza pode ser evidenciada em várias regiões (principalmente Norte e Nordeste)¹⁵⁶, há milhares de pessoas necessitando de um auxílio, enquanto a maior concentração e atenção de alguns segmentos cristãos tem girado em torno de seu próprio interesse local. Tal situação mostra uma séria falha estratégica e organizacional. Assmann faz uma séria pergunta a respeito: “há evidência da fome, da miséria, da exclusão de incontáveis seres humanos das lógicas imperantes. Temos certeza ou não de que faz sentido colocar-nos do seu lado?” E ele mesmo responde: “Faz sentido, porque é o próprio sentido da fé”¹⁵⁷.

¹⁵⁴ BOFF, Leonardo. *Igreja Carisma e Poder*. Petrópolis: Vozes, 1982, p. 42.

¹⁵⁵ Idem.

¹⁵⁶ Grande parte de agências missionárias e igrejas protestantes tem se preocupado em enviar missionários bem como auxílios afins para a África e Oriente Médio, enquanto no Brasil há diversas carências a serem supridas.

¹⁵⁷ ASSMANN, Hugo. *Desafios e Falácias...*, 1991, p.71.

Casiano Floristan diz que “podemos considerar a tradição cristã como transmissão de práticas e ações. Neste sentido, o Cristianismo se configura como comunidade de narração de uma práxis profética e messiânica. Na Bíblia, práxis é a obra ou ação produzida pelo homem com uma determinada conduta e perspectiva religiosa. A práxis de Jesus, que para os crentes é salvadora, se traduz na realização da obra de Deus. Toda a vida e obra de Jesus foi práxis”¹⁵⁸. Floristan lembra que os cristãos possuem um ponto de referência, que é a Palavra de Deus interpretada pela igreja e assumida pela fé ¹⁵⁹.

José Comblin afirma que a “Igreja está a serviço do mundo. Não pode sair dele” ¹⁶⁰, ainda que seu papel pareça limitado nas transformações do mundo. Esse papel, no entanto, pode ser eficaz e significativo. Pode também passar ao lado dele e perder chances históricas ¹⁶¹.

No que se refere à compreensão da Igreja Cristã, quanto a sua importância de se manifestar e conquistar espaço numa efetiva participação dos cristãos nas questões sociais, Ronaldo Muñoz diz que “a Igreja e suas comunidades hão de oferecer às pessoas o espaço e as condições de que necessitam para dizer sua própria palavra, expondo seus problemas, sua visão da vida e da convivência humana, sua fé e sua esperança. Hão de dar-lhes o espaço de que necessitam para criar e multiplicar seus gestos de solidariedade nas necessidades, no trabalho, gestos que devem antecipar um mundo novo, como sinais da presença do reinado de Deus que alimentam a esperança de sua plenitude futura” ¹⁶².

Nicanor Lopes, numa explanação sobre o papel da igreja cristã na sociedade diz:

A ação da Igreja oferece o sentido transcendente da vida e da história, coloca os fundamentos básicos para que as

¹⁵⁸ FLORISTAN. Op.cit.p. 184.

¹⁵⁹ Idem.

¹⁶⁰ COMBLIN, José. *Cristãos Rumo ao século XXI. Nova caminhada de libertação*. São Paulo: Paulus, 1996, p. 6.

¹⁶¹ Ibidem, p. 17.

¹⁶² MUÑOZ, Ronaldo. *Solidariedade Libertadora: missão da Igreja*. Tradução de Aluísio D. de Menezes. Petrópolis: Vozes, 1982, p.30.

pessoas se sintam valorizadas, motivadas e convictas da realidade de viver em comunhão e juntas construir um mundo onde a dignidade humana é valorizada¹⁶³.

A fé é capaz de produzir efeitos notáveis e realizar milagres nos mais diversificados contextos da esfera humana. Como define Arendt, “milagre é a capacidade humana de iniciar algo novo pela ação que interrompe os processos automatizados”¹⁶⁴.

Em seu livro *Amor Líquido*, Zygmunt Bauman faz colocações realistas e confrontadoras a respeito da dificuldade da expressão da fé, enquanto ação efetiva do amor ao próximo. Ele diz: “Com efeito, pergunta-se por que devo amar o próximo? Que benefício me trará? Se eu amo alguém, ela ou ele deve ter merecido de alguma forma”¹⁶⁵, pode parecer uma expressão rígida, porém em certas situações é justamente dessa maneira que parte da igreja cristã pensa, enquanto o ideal seria a compreensão de que “aceitar esse preceito é um ato de fé; um ato decisivo, pelo qual o ser humano rompe a couraça dos impulsos, ímpetos e predileções “naturais”, assume uma posição que se afasta da natureza, que é contrária a esta, esse torna o ser “não-natural” que, diferentemente das feras, os seres humanos são”¹⁶⁶.

Para Bauman, aceitar o preceito do amor ao próximo é o ato de origem da humanidade, e pode exigir um salto de fé, e que o resultado é o ato fundador da humanidade e também é a passagem decisiva do instinto de sobrevivência para a moralidade, ou seja, com esse ingrediente, a sobrevivência de um ser humano se torna a sobrevivência da humanidade no humano¹⁶⁷.

¹⁶³ LOPES, Nicanor. *Responsabilidade Social e Terceiro Setor: Uma análise crítica da Associação Beneficente Campineira da Igreja Metodista à Luz da Teologia Prática*. São Bernardo do Campo, 2003, (Dissertação de Mestrado) p.92.

¹⁶⁴ ARENDT, Hannah. *Entre o passado e o futuro*. São Paulo: Perspectiva, 1972, p.217.

¹⁶⁵ BAUMAN, Zygmunt. *Amor Líquido. Sobre a fragilidade dos laços humanos*. Tradução Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2004, p. 97 (No próximo capítulo será abordado o tema “amor ao próximo)

¹⁶⁶ BAUMAN, op.cit. p.98.

¹⁶⁷ Idem.

A fé pode atingir uma dimensão operante na sociedade, visando a manifestação do duplo mandamento do amor que se resume na vida cristã. Floristan afirma que “cristão é quem pratica o amor mediante ações e práxis realmente humanas”¹⁶⁸. Tal prática da esperança e do amor ao próximo constituem a essência da fé. Observa, porém, que nem toda atividade ou ação do homem é práxis, ainda que toda práxis seja atividade ou ação humana. Atividade humana, que denota práxis é a ação consciente sobre um objeto, com um projeto, ou uma perspectiva quanto ao resultado e que este resultado se conclui, se concretiza, o resultado ideal torna-se real¹⁶⁹.

A práxis da fé cristã tem estado presente no meio cristão no momento em que sua fé se manifesta na sociedade como práxis de uma libertação salvadora. Os cristãos podem efetivamente alcançar êxito a partir da sua movimentação, mobilizar-se em prol das dificuldades humanas. Como afirma José Comblin:

O Cristianismo está fundado na convicção de que os homens são chamados à liberdade e, pela liberdade, ser sujeitos históricos. A sua fé faz com que possam, além das estruturas tradicionais, dar nascimento a outra humanidade. Ainda que seja modesta a eficácia da sua ação. Por humilde que seja, ela é o que dá valor à existência e constitui o início do reino eterno de Deus¹⁷⁰.

CONSIDERAÇÕES SOBRE O CAPÍTULO

No assunto abordado neste capítulo, a saber, a compreensão a respeito da fé cristã e sua contribuição na sociedade, analisamos um desafio não apenas para que

¹⁶⁸ FLORISTAN, Casiano. Op.cit., p.188.

¹⁶⁹ Idem.

¹⁷⁰ COMBLIN, José. A força da Palavra- “No princípio havia a palavra”. Petrópolis: Vozes, 1986, p. 63

os estudiosos se aprofundem na questão, mas também uma oportunidade de avaliação sobre o papel da Igreja e de seus seguidores. Esta avaliação se faz necessária como forma de os cristãos poderem evidenciar seu entendimento quanto ao que professam.

Muitas são as referências históricas e sociais que revelam a intenção da Igreja em manifestar a justiça na terra. Tais referências e exemplos são totalmente merecedores de atenção, visto que marcaram épocas e milhares de vidas no decorrer da história da Igreja Cristã e geraram a confiança de que a fé em Cristo e em seus ensinamentos pode contribuir e transmitir esperança em prol dos que se encontram desesperados. Com afirma José Comblin: “Ter fé é acreditar no caminho de Jesus e tornar-se como ele, sinal para os desesperados”¹⁷¹.

A fé pode ser compreendida de maneira a gerar os resultados necessários para que se torne presente na sociedade. Cada expressão utilizada pelos autores citados possui um valor de extrema importância para erguerem sua voz e demonstrarem o que há em seu próprio coração, a tentativa de transformar a organização e a direção da sociedade, tanto no âmbito econômico, como político e social¹⁷².

¹⁷¹ COMBLIN, José. *O Caminho...*p.25.

¹⁷² FLORISTAN, Casiano. *Op.cit.*, p. 181.

CAPÍTULO III

O AMOR E A LIBERDADE CRISTÃ NO MUNDO DE HOJE

Vimos no primeiro capítulo que a questão do neoliberalismo tem exercido influência em todos os segmentos da sociedade até mesmo na Igreja Cristã. No segundo capítulo vimos que os seguidores de Jesus têm a liberdade de caminhar segundo os seus ensinamentos compreendidos pela relação amigo-inimigo, cumprindo um propósito de superar a lógica da exclusão.

No terceiro capítulo apresentaremos, sob a ótica de José Comblin, o sentido do amor ao próximo como prerrogativa fundamental para a ação dos cristãos na sociedade, bem como a liberdade a eles proporcionada pelo Cristianismo ao evidenciar este amor.

Estudaremos também as reflexões efetuadas por João Batista Libânio sobre a situação do Cristianismo frente ao sistema neoliberal, assim como as reflexões de Jon Sobrino sobre o que ele entende por uma verdadeira Igreja Cristã e teremos a oportunidade de observar alguns aspectos do Credo Social Metodista, aonde lançaremos mão de uma proposta para essa efetiva participação dos cristãos nesses dias. Por fim apresentaremos uma reflexão, utilizando o pensamento de José Comblin, sobre a Igreja como representante dos pobres e oprimidos clamando por justiça na sociedade.

1 A Igreja cristã frente ao neoliberalismo na América Latina

Temos mostrado nesta dissertação que diversos setores da sociedade têm sido afetados pela ideologia neoliberal, inclusive o religioso. No primeiro capítulo vimos que os neoconservadores estimam que a contribuição da religião cristã para a

salvação do capitalismo é fundamental. Pois acham que encontram no neoliberalismo o caminho que leva à restauração da ordem espiritual e moral que é o objeto das suas aspirações. Mencionamos também a afirmação de Comblin de que, no fundo, o que se pretendia era que o Cristianismo mantivesse a sociedade para que o capitalismo pudesse continuar destruindo-a. Comblin analisa a situação das Igrejas Cristãs perante esta tarefa e entende que seria interessante para as Igrejas, pois elas estariam ansiosas por recuperar a visibilidade social. Querem sair da privatização da modernidade e ter de novo via pública. Muitos aceitariam, não perceberiam que assumiriam uma posição de puros empregados e servidores das grandes empresas ¹⁷³.

Comblin diz que “o capitalismo precisa de servidores dedicados, submissos, sempre disponíveis, sempre capacitados”¹⁷⁴, diante disso “quem prepararia novas gerações dotadas desse espírito? Eles (os neoconservadores) acham que seria tarefa das Igrejas”¹⁷⁵. Consideram que as Igrejas poderiam fornecer às empresas pessoas dedicadas, sacrificadas, submissas, obedientes, sempre conformadas com o que se lhes dá, que aceitam o desemprego quando não são mais necessárias e se contentam com qualquer emprego que o sistema lhes oferece. As elites dirigentes são cínicas, mas temem que os subordinados se tornem cínicos também. As Igrejas teriam que preparar empregados totalmente ingênuos, totalmente escravizados. Imaginam que as Igrejas teriam o domínio total nos cérebros das pessoas e poderiam inculcar-lhes qualquer disposição: capacidade de sacrifício, dedicação, submissão.

As Igrejas seriam máquinas de disciplinar os pensamentos e os desejos das pessoas. Fariam com os seres humanos o que a indústria faz com a matéria. Porém, Comblin ressalta que as virtudes dependem da situação social em que a pessoa está inserida. As disposições morais precedem das possibilidades oferecidas às pessoas e não há manipulação. As Igrejas podem ensinar e formar dentro dos limites que as situações sociais oferecem.

¹⁷³ Cf. Comblin. O Neoliberalismo...p.79-80.

¹⁷⁴ Ibidem, p.80.

¹⁷⁵ Idem.

As virtudes tradicionais se desenvolveram numa sociedade pré-capitalista, o Cristianismo teria inculcado estas virtudes numa sociedade de pequenos proprietários independentes, agricultores, pequenos comerciantes ou artesãos. A sociedade capitalista, no entanto, destrói pouco a pouco esta herança moral e cultural. Durante muito tempo o capitalismo atingiu somente uma parte da sociedade. Nas últimas décadas, envolveu quase a totalidade da população, inclusive as mulheres.

O neoconservadorismo não teria sido aceito na América Latina de modo explícito, porém, observa Comblin,

“chega a contaminar a religião implícita e quase inconscientemente, pelo menos nas classes altas”¹⁷⁶ (...) Na prática, a Igreja aceita o modelo neoliberal e se adapta muito bem a ele. Em momento algum as entidades que estruturam a implantação do modelo neoliberal se sentiram incomodadas ou restringidas pela ação da Igreja¹⁷⁷.

Nesta mesma linha de crítica feita por Comblin às Igrejas cristãs que caminham na direção de individualismo e dos valores pregados pela ideologia neoliberal, João Batista Libânio diz que

A religião assume diretamente o sistema neoliberal. Torna-se sua coluna vertebral, sua religião. Posição de identificação.

A religião assimila a cultura pós-moderna sem tomar nenhuma posição explícita diante do sistema econômico, nem aceitação, nem rejeição. Simplesmente se conforma à nova cultura. Restringe-se a alimentar-se e a alimentar o clima religioso reinante. Termina indiretamente favorecendo o sistema neoliberal. Posição de adaptação cultural.

¹⁷⁶ Cf. Comblin. Ibidem, p.81.

¹⁷⁷ COMBLIN. Ibidem, p.83.

A religião fecha-se diante da cultura moderna e pós-moderna numa atitude defensiva. Rejeita-lhe os valores que corroem o sistema religioso. Posição de gueto.

A religião não só se cerra diante da cultura moderna e pós-moderna, mas também toma uma atitude agressiva contra ela. Posição de cruzada, de fundamentalismo agressivo.

A religião enfrenta o sistema neoliberal, a cultura moderna e pós-moderna. Ao fazê-lo, reforça sua identidade institucional e a partir dela discerne a realidade exterior, ora rejeitando, ora aceitando¹⁷⁸.

Um enorme desafio se concentra em discernir se a presente configuração dada pela globalização, de cunho neoliberal, pode ser transformada com alguma plausibilidade. Contra a retórica avassaladora ainda dominante, as falas de vários dirigentes de organismos internacionais e instituições civis constatando erros e limites das políticas empregadas, os dados fornecidos por estatísticas oficiais e centros de pesquisa apontando a crise no crescimento econômico mundial, e os movimentos crescentes antiglobalização, sinalizam que há mutações importantes¹⁷⁹.

Wanderley ressalta que seria preciso “reencantar o humano, globalizar a solidariedade e democratizar o mundo, unindo utopias e ações concretas”. Na mesma linha de pensamento João Libânio diz que “o momento atual está repleto de dúvidas e incertezas, (...) o Cristianismo precisa iluminar o peregrinar humano na história contemporânea. A crise dos valores da modernidade age diretamente sobre a fé cristã”¹⁸⁰.

Compreendendo que o sistema neoliberal tem sido um fenômeno social que individualiza o ser humano, levando a sociedade a correr riscos quanto à sua noção de unidade em busca do bem comum, achamos necessário efetuar uma reflexão sobre a verdadeira Igreja Cristã, pois, está inserida no contexto da sociedade e

¹⁷⁸ LIBÂNIO, João Batista. *A religião no início do milênio*. São Paulo, Loyola, 2001, p.152.

¹⁷⁹ Cf. WANDERLEY, Luiz Eduardo. Globalização, Religiões, Justiça Social: Metamorfoses e Desafios. *In Cristianismo na América Latina e no Caribe*. p. 266.

¹⁸⁰ Cf. LIBÂNIO, João Batista. *As Lógicas da Cidade: Impacto sobre a fé e sob o impacto da fé*. São Paulo: Loyola, 2001, p.189.

como tal pode contribuir assumindo uma posição de efetiva participante nos diversos setores sociais.

Para Sobrino a reflexão teológica sobre a Igreja deveria partir objetivamente da realidade atual da Igreja no que esta tem de cristã, de manifestação atual de Deus. Sobrino diz que, “ao menos na América Latina, o núcleo da atual manifestação de Deus está em seu escandaloso e imparcial amor aos pobres e em seu desígnio de que estes pobres tenham vida, iniciando-se assim seu reino”¹⁸¹.

Sobrino ressalta que correlativamente, a maneira concreta de corresponder a Deus consiste na práxis para a justiça do reino de Deus e em realizar esta práxis a partir dos pobres. Para o autor, a reflexão sobre a Igreja parte, portanto, deste fato real; trata de esclarecê-lo e promovê-lo. A partir daí, trataria de integrar tudo o que legitimamente a tradição exprimiu sobre a Igreja. Diz o autor que sem este “a partir daí”, a reflexão não teria um objeto real, mas um objeto somente pensado e por isso seria vã histórica e teologicamente¹⁸².

Jon Sobrino entende que o tipo de Igreja que aparece no NT de um ponto de vista teológico pode ser denominada Igreja dos pobres e ele apresenta a relação entre a Igreja e Cristo para que esta se mantenha autêntica.

Na concepção do autor, uma afirmação fundamental seria que a Igreja surge depois da ressurreição de Cristo. Mas esse depois não seria meramente fático como se Cristo pudesse ter ressuscitado e a Igreja ter surgido ou não ter surgido. O fato de que exista a Igreja seria parte integrante da própria ressurreição de Cristo. O ‘depois’ seria uma descrição cronológica de algo que por essência compete à mesma ressurreição de Cristo. Esta seria impossível sem que, por sua vez, desencadeasse uma história. A Igreja seria, então, parte integrante e essencial do próprio fato da ressurreição de Cristo.

Sobrino diz que “aí onde Cristo se dá a conhecer, surge um movimento histórico. A Igreja que surge não é somente a depositária de uma verdade sobre a

¹⁸¹ SOBRINO, Jon. *Ressurreição da Verdadeira Igreja*. São Paulo: Loyola, 1982, p. 14.

¹⁸² Idem.

ressurreição de Cristo, mas é, em si mesma, expressão em nível histórico, da novidade que aconteceu a Cristo”¹⁸³. Nesta mesma linha, Moltmann diz: “Sem uma nova vida, sem o poder do amor e a coragem da esperança no domínio de Cristo, a fé na ressurreição teria degenerado em fé em coisas sem nenhuma importância”¹⁸⁴.

Para Jon Sobrino

a Igreja que teria surgido da ressurreição não esqueceu que o ressuscitado é o crucificado. O que capta de plenitude, tanto na ressurreição de Cristo como em seu próprio surgimento, passa pela superação de um escândalo: o abandono a que Jesus é submetido na cruz por parte de Deus, e o abandono histórico de seus discípulos. O ressuscitado que faz surgir a comunidade não é qualquer homem, nem qualquer Cristo, mas o crucificado Jesus de Nazaré¹⁸⁵.

Sobrino diz que pode-se afirmar que a Igreja, segundo o Novo Testamento, teria surgido certamente do fato da ressurreição de Cristo. Estaria em correspondência não só com um símbolo de plenitude, mas também com uma vida concreta solidária com os pobres e a seu serviço. Ele diz que em nível histórico, se a primeira Igreja não era elitista, e apesar disso crescia em número de gente popular, no fundo era pela espontânea correlação entre esperança do povo e mensagem de Jesus. Qualquer que fosse a apresentação concreta dessa esperança e se o povo tendia para a Igreja era porque tinha necessidade de esperança e via na Igreja nascente uma esperança. Os pobres, os escravos, os pecadores, os desprezados, viam algo nesse Jesus ressuscitado em profunda correlação com sua atual situação de miséria.

A afirmação de Sobrino “é que nos últimos anos Cristo tornou a aparecer na América Latina; a muitos cristãos concedeu-se a graça de ‘vê-lo’ nos pobres, e estes videntes se converteram, como os do NT, em ‘testemunhas’ prontas para uma nova

¹⁸³ Ibidem, p.96.

¹⁸⁴ MOLTSMANN, Jurgen. *La Iglesia, Fuerza del Espíritu*. Salamanca, 1978, p.126. Apud Sobrino, Idem.

¹⁸⁵ SOBRINO. Op.cit., p. 98.

missão, que configura uma nova Igreja ou uma nova forma de ser Igreja”. Ressalta o autor que os pobres seriam os que levantam para a Igreja a direção de sua solução, porque os pobres levantam o problema de buscar a Deus, sem pressupor que a Igreja o possua de uma vez para sempre, e oferece o lugar para encontrá-lo. A práxis cristã recuperaria sua concretização, direção e sentido a partir deles; teriam a última palavra sobre o último do Cristianismo, o amor, sobre o que realmente é. A compreensão cristã do pecado se concretizaria “a partir deles; eles o sofrem como ninguém na própria carne; eles tornam patente que o pecado é que dá a morte, que dá determinado tipo de morte e a hierarquização da própria morte”¹⁸⁶.

Nestes anos aparece cada vez mais claro para muitos cristãos que a Igreja, se quiser ser fiel ao Deus de Jesus Cristo, deverá tomar consciência de si mesma, a partir das bases, dos pobres deste mundo, das classes exploradas, das raças desprezadas, das culturas marginalizadas. Deve descer aos infernos deste mundo e comungar com a miséria, a injustiça, as lutas e as esperanças dos condenados da terra, porque neles está o Reino dos céus¹⁸⁷.

2 Fé Cristã e Amor ao Próximo

Ainda que eu falasse línguas, as dos homens e as dos anjos, se eu não tivesse o amor, seria como bronze que soa ou como címbalo que tine. Ainda que tivesse o dom de profecia, o conhecimento de todos os mistérios e de toda a ciência, ainda que tivesse toda a fé, a ponto de transportar montanhas, se não tivesse o amor, nada seria. Ainda que distribuísse todos os meus bens aos

¹⁸⁶ Ibidem, p.100-101.

¹⁸⁷ GUTIERREZ, G. *Teología desde el reverso de la historia*, Lima,1977, p.54. Apud em SOBRINO, op.cit. p.95.

famintos, ainda que entregasse meu corpo às chamas, se não tivesse o amor, isso nada me adiantaria ¹⁸⁸.

Comblin faz referência ao ensinamento do apóstolo Paulo à comunidade cristã de sua época e destaca a importância de se ensinar “a primazia do amor”¹⁸⁹. A partir deste mesmo ensinamento, o apóstolo João afirmava que ‘Deus é amor’ e concordava com Paulo ao identificar o dom do amor como o maior dentre os outros dons. Analisa Comblin que através de “uma virada completa da existência”, a conversão, o ser humano pode experimentar a maior transformação de sua vida, e isso não se relaciona apenas com a pertença a uma religião.

José Comblin diz que neste último meio século na teologia latino-americana, assim como na teologia geral, não se tem tratado sobre o tema do amor; o Cristianismo teria sido vivido mais espontaneamente como esperança. Para o autor, no entanto, fica claro que há uma escala de valores a ser seguida e que o tema do amor se encontra em destaque. Segundo ele, a primeira razão para que o tema do amor tenha sido negligenciado seria porque a teologia latino-americana deu mais ênfase ao sujeito coletivo do que ao sujeito individual na libertação dos oprimidos. A justiça seria o fruto da luta do sujeito coletivo contra a opressão e a consideração das estruturas seria mais importante do que a das pessoas.

A segunda razão seria o pensamento dos teólogos desse período que se voltava à crença de que a transformação social viria através do Estado, seria um problema político. No entanto, Comblin afirma que não basta mudar as leis e entregar ao Estado a missão de transformar a sociedade e utiliza como exemplo a situação ocorrida na Nicarágua, que mesmo tendo suas leis de reforma agrária não houve transformação da mentalidade humana básica: não criam no amor, no sentido cristão da palavra.

Nas palavras do autor: “O capitalismo, como instituição de competição, não é simplesmente uma imposição dos poderosos, mas é também a preferência de uma

¹⁸⁸ 1 Coríntios 13:1-3.

¹⁸⁹ COMBLIN. *O Caminho...*, p.135.

grande parte da população¹⁹⁰ – pois estimula o sentido do egoísmo que está no coração de todos”¹⁹¹. Comblin ressalta que, teoricamente, as lideranças políticas são representantes dos menos privilegiados, dos pobres e oprimidos, porém na prática as lideranças não assumem posição de defensores, e esta situação também estaria se repetindo no Brasil. Sendo assim, “há necessidade de se retomar o tema do amor, pessoal e coletivo”¹⁹². Nisto a Igreja Cristã pode efetivar sua participação aplicando os ensinamentos que vem recebendo nos diversos setores da sociedade.

O Cristianismo, diz Comblin, “tem seu centro no amor”¹⁹³. Ele afirma que tudo o que existe nas religiões pode expressar o desejo de aproximação de Deus, mas que isso não faculta o conhecimento de Deus e somente o conhece quem ama. Não seria somente através de meios intelectuais que se chegaria ao seu conhecimento, ou de experiências puramente espirituais, haveria necessidade de uma experiência humana completa, inclusive o amor.

A fé cristã afirma a unidade histórica do amor ao próximo com o amor a Deus. Por isso a fé cristã, como práxis efetiva na história, tem sempre uma relação fundamental com o nexos corporal da reciprocidade humana. Isso lhe confere uma dimensão social intrínseca e constitutiva. (...) Já que o amor a Deus não é real se não se encarna no amor ao próximo, a fé cristã não pode ser reduzida à interioridade meramente subjetiva ou ao puro plano de intencionalidades subjetivas. Ela só existe realmente quando se efetiva na história¹⁹⁴.

¹⁹⁰ Em seu texto “Exterioridade e dignidade humana”, Hugo Assmann, nesta mesma concepção antropológica, diz que “Os seres humanos são feixes de paixões e interesse, são o que são, e não o que imaginamos que deveriam ser; não se constroem sociedades complexas a partir de exigências máximas de moral solidária, mas apostando nos interesses próprios de cada qual, que, no entrelaço competitivo, se canalizarão, espontânea e naturalmente, para o bem comum”. ASSMANN, Hugo *Desafios e Falácias: Ensaio sobre a conjuntura atual*. São Paulo: Paulinas, 1991, p.10 – 11.

¹⁹¹ COMBLIN. O Caminho...p.138.

¹⁹² Idem.

¹⁹³ Ibidem, p. 141.

¹⁹⁴ *Corporeidade e teologia* / SOTER. Sociedade de Teologia e Ciências da Religião (Org). São Paulo: Paulinas, 2005 - P.10 e 11.

Nesta mesma linha, Sung reforça este sentido da fé cristã dizendo que a fé no Deus da vida, e em Jesus que veio para que todos tenham vida em abundância, e no Espírito Santo, o Espírito de amor e de liberdade, deveria ser testemunhada através da solidariedade na defesa da vida dos pobres e excluídos¹⁹⁵.

2.1 Obstáculos em demonstrar amor ao próximo

No decorrer da história, muitos segmentos do cristianismo deixaram de exercer atos de misericórdia para com pessoas mais sofridas e se voltaram para as questões internas da comunidade. Mas, infelizmente, mesmo nestes casos, a competição se tornou muitas vezes mais importante do que solidariedade no interior da comunidade.

Ao discorrer sobre a relação entre o amor ao inimigo e a liberdade, Comblin efetua um paralelo entre a situação social nos tempos de Jesus e hoje e diz que o homem busca segurança na aliança com amigos para se defender dos seus inimigos e que a luta contra os inimigos seria a base de sua segurança em todos os níveis: psicológica, econômica, política, militar, etc.¹⁹⁶

Comblin ressalta que em vários momentos os evangelhos repetem a instrução que Jesus fez observando a lei: 'Ouvistes o que foi dito: Amarás o teu próximo e odiarás o teu inimigo. Eu porém vos digo: Amai os vossos inimigos'¹⁹⁷. Para o autor, o modelo maior de caridade é demonstrado na parábola do samaritano que ama seu inimigo. Segundo Comblin havia uma estrutura entre os judeus, e que também pode ser observada em nossos dias, cuja denominação seria a de amigo-inimigo. Esta estrutura formaria a base tanto no nível pessoal quanto na sociedade universal.

Ele diz que Jesus rompeu a estrutura que seria também a base de todos os sistemas de dominação e que o apelo de Jesus para amar o inimigo seria introduzir

¹⁹⁵ SUNG, Jung Mo. *Desejo, Mercado e Religião...*p.45.

¹⁹⁶ Cf. COMBLIN, *A Liberdade Cristã*. Petrópolis: Vozes, 1977, p.111.

¹⁹⁷ Mateus 5:43-44.

a subversão e uma mudança radical em todas as formas históricas de ordem política, social, econômica, cultural, religiosa; introduzir um princípio de insegurança, aceitar que o inimigo existe e seja para tudo e todos uma ameaça e renunciar à segurança e viver com a possibilidade de ser contestado, sofrer reivindicações, de ter sua segurança invadida. “A ordem social e pessoal se baseia na proteção e nas defesas contra os inimigos, na manutenção das barreiras que reprimem ou pelo menos tornam ineficazes¹⁹⁸”. Para Comblin, Jesus teria reconhecido aos inimigos o direito de existir.

A busca da segurança seria a causa de segregação entre ricos e pobres gerando os sistemas de defesa e proteção da acumulação. “A posse de bens materiais é o que gera a necessidade de defesa e a obrigação de criar sistemas de repressão e contenção dos pobres: o medo dos pobres inventa os sistemas sociais de repressão, desde a organização material da força até o controle das idéias e dos comportamentos sociais”¹⁹⁹. Os ricos não teriam interesse em buscar a justiça, a necessidade de defender as suas posses limitaria as possibilidades de mudança social, pois estariam dispostos à justiça com a condição de não mudar nada. Por isso, estariam condenados a ignorar a presença dos pobres, escondê-la ou negá-la. Jesus, porém, teria quebrado tal estrutura, colocando os fracos, pobres e oprimidos em lugar de destaque perturbando todo o sistema social. Dessa forma teria desmascarado os sistemas de legitimação e mostrado a existência dos pobres, visto não ter se preocupado em explicar suas condições, mas sim em tornar clara a sua presença e existência, pois eram membros do povo e precisariam de reconhecimento e aceitação.

Podemos compreender que o amor ao próximo se evidencia através de compaixão, solidariedade, reconhecimento, etc. José Comblin enfatiza o reconhecimento e a compaixão que segundo ele foi uma das principais pautas da mensagem de Jesus e pode ser considerada grande desafio para o Cristianismo mesmo nos dias atuais.

¹⁹⁸ Idem.

¹⁹⁹ Ibidem, p.116.

Ao mencionar o bloqueio básico da solidariedade humana na conjuntura mundial atual, em referência à messianização de mercado, Hugo Assmann diz que “quando existe uma lógica acentuadamente excludente, como a do mercado, o discurso sobre a solidariedade humana é esvaziado de todo e qualquer sentido substantivo”²⁰⁰ e que apenas algumas emergências são atendidas, não recobrando o universo das vítimas. Assmann utiliza como exemplo as atuações da Cruz Vermelha que embora tenha permissão para auxiliar as vítimas de guerras, não a tenha para discutir a legitimidade da guerra. O autor se vale do termo “desumano” para descrever o modo de pensar na conjuntura atual que não considera como prioridade o planejamento de metas sociais.

Numa análise consciente e, segundo Assmann, “honesto”, a questão das freqüentes rupturas da solidariedade entre os próprios pobres também exige menção. Ele diz que também entre os pobres se pratica a violência e a exploração. Cita como exemplo o comportamento de grupos esfomeados em situações extremas, como os curdos e favelados, e diz que as imagens na televisão mostram que entre eles os mais fortes pisoteiam ou agridem os mais fracos para garantir a sua parte de alimento. Para o autor, as imagens transmitem uma mensagem ideológica, a de que “os miseráveis são naturalmente violentos entre si”²⁰¹. Porém, ele afirma mesmo assim que a solidariedade trata-se de um grande desafio, e que a questão deve ser inserida nos mecanismos desumanizadores globais da sociedade

²⁰⁰ ASSMANN. op.cit., p.16.

²⁰¹ Ibidem, p.17.

2.2 O Cristianismo e a liberdade para amar

Comblin procura fazer um paralelo entre a situação vivida pelo povo de Israel no Egito, quando encontrava-se escravizado e foi liberto de sua servidão por Moisés, e a libertação²⁰² em Jesus segundo a análise da teologia paulina.

O autor declara que a lembrança do Egito era “o centro da consciência do Israel antigo”²⁰³ e esta lembrança representaria a base da própria existência do povo israelita, uma vez que esta, quer individual quanto social se referia à sua libertação da servidão naquele país. Este importante acontecimento “constituía também a base de esperança para o futuro”²⁰⁴.

A história de libertação do povo de Israel relacionava-se à pessoa de Moisés, o libertador. Sendo assim, os anseios deste povo quanto ao seu futuro encontravam-se concentrados na figura de um novo Moisés. O êxodo, com seus acontecimentos seguintes, formaram uma “referência permanente para que o povo de Israel pudesse compreender, julgar e orientar todos os acontecimentos de sua história”²⁰⁵.

Jesus seria apresentado nos evangelhos como o novo libertador de seu povo. Sendo superior a Moisés, Jesus, para os discípulos, teria vindo para completar a obra de libertação iniciada por Moisés e essa obra era compreendida com a referência fundamental da própria história dos israelitas. Este entendimento por parte dos discípulos ficou por um certo tempo prejudicado devido à morte de Jesus.

Comblin, baseado na sua leitura de Paulo, se refere à obra de Jesus assemelhando-a à obra de Moisés no sentido de restaurar o povo de Israel. Nas narrativas de Paulo, em suas cartas pastorais, encontra-se o paralelismo entre o povo de Israel e a Igreja, em ambos os casos com o significado de assembléia de

²⁰² “A liberdade enquanto acontecimento concreto da libertação é, para a esperança cristã, o alvo escatológico da nova criação de Deus. Este futuro em Cristo e na ação do Espírito, através da libertação, já se projeta na história atual. Seus efeitos presentificam-se na experiência e na ação da libertação”. MOLTSMANN, Jurgen. *Paixão pela Vida*. São Paulo: Aste, 1978, p.77.

²⁰³ Comblin, José. *A Liberdade Cristã*. p.7.

²⁰⁴ Idem.

²⁰⁵ Ibidem, p.8.

Deus. Esta mesma definição é utilizada também em referência ao povo israelita, em relação à sua libertação do Egito.

Ao mencionar a controvérsia entre Jesus e os fariseus, Comblin ressalta que Jesus teria denunciado a lei que era por ele sintetizada como “amarás o teu próximo e odiarás o teu inimigo”. Para Jesus não havia distinção entre amigo e inimigo, ambos seriam o próximo. Jesus não demonstrava estima pela miséria, não há base para suspeitar do contrário, tão pouco desprezo pelo luxo; o que teria denunciado nos ricos seria a barreira que suas riquezas constituíam em relação ao próximo, a ausência de liberdade para amar o próximo. O autor afirma que “a denúncia que Jesus faz é de que o legalismo dos fariseus e doutores altera a aplicabilidade do amor ao próximo: a concepção da lei que eles querem impor tende a destruir ao próximo. Em lugar de libertar o homem descobrindo-o em face do irmão, ela tende a fechá-lo, a justificar as atitudes de defesa, a dividir a humanidade entre amigos e inimigos, e finalmente, a excluir os inimigos da convivência”²⁰⁶.

Essa lei serviria “para conferir um status, qualificar as pessoas de virtude (...) Em lugar de abrir para o próximo, ela fecha e exclui, fecha a pessoa em si própria”. A lei seria o instrumento que permitiria ao indivíduo isolar-se na autodefesa, na auto-suficiência, “organizando uma estrutura pessoal de proteção contra os ”intrusos”, contra os outros que não cabem dentro dela, contra os pobres, os pecadores, os publicanos, as prostitutas, os estrangeiros, samaritanos ou pagãos, de defesa contra o verdadeiro próximo²⁰⁷”.

Segundo Comblin, a liberdade não é a condição normal do homem, que não a exerce espontaneamente; é uma vocação, uma opção, o homem decide fazer a opção pela liberdade ou não. Essa vocação à liberdade, ressalta, “é um desafio”, pois sua proclamação como ação de Deus na história e como vocação do homem surge numa sociedade estabelecida na base de outros princípios. Conforme verificação de Paulo é estabelecida em função da lei e tal evidência perturba as estruturas já estabelecidas. Para o autor, a salvação do homem é a liberdade, o

²⁰⁶ Ibidem, p.118.

²⁰⁷ Ibidem, p.120.

homem que não aceita este desafio é um homem perdido²⁰⁸. Os escribas e fariseus cumpriam as prescrições mais minuciosas, mas transgrediam o essencial: a justiça, a misericórdia, a fidelidade.

A mensagem de liberdade de Jesus seria um apelo para a destruição dessa estrutura de defesa e abertura ao outro, ao próximo. Segundo Comblin

o limite radical da liberdade fica dentro do homem que gera essa lei, em sua atitude de defesa e nas estruturas sociais, econômicas, políticas. A liberdade é paz: consiste em depor as armas e expor-se ao próximo. O homem que se deixa interpelar pelo próximo se abre a uma existência nova, libertando em si próprio, forças novas de amor. O amor é capaz de romper as barreiras individuais e de gerar um novo tipo de sociedade. Uma sociedade livre é uma sociedade que aceita colocar a sua segurança em segundo plano e a pôr em discussão as suas próprias estruturas²⁰⁹.

Comblin ressalta que a novidade cristã seria a interrogação feita por todos os grupos e pessoas que não valem, não contam, não têm poder e prestígio, todos esses seriam o próximo. Uma sociedade no sentido de Jesus seria uma sociedade colocando o amor ao próximo em primeiro plano²¹⁰.

2.2.1 Definição de liberdade segundo Paulo

José Comblin atribui a autoria da doutrina da liberdade ao apóstolo Paulo por ter sido responsável pela definição das bases do povo cristão. Ao fazê-lo, oferecia respostas à confrontação com o sistema judaico que lhe era tão familiar, utilizando

²⁰⁸ Cf. Ibidem, p. 27.

²⁰⁹ Ibidem, p.121.

²¹⁰ Cf. Comblin, Idem.

para isso os próprios recursos por ele conhecidos na civilização grega, permitindo-lhe o anúncio do Cristianismo.

A liberdade da qual Paulo fala, para o autor, atinge um nível mais radical e mais significativo para a existência humana. De acordo com o contexto do apóstolo, em confrontação com a lei, essa liberdade é a capacidade de construir uma vida baseada no amor e não num sistema de leis, preceitos, costumes ou necessidades. Há dois aspectos verificados pelo autor na liberdade anunciada pelo Evangelho:

Essa liberdade é dom de Deus, visto que anuncia e proclama uma ação de Deus e esta ação consiste em suscitar a liberdade no homem, não é um objeto que se recebe de uma vez. Trata-se de um processo lento e progressivo. Deus está efetuando esta obra no ser humano. Um dia o homem era livre conforme Deus o fez, e tal liberdade perdida está sendo reconstruída por Deus. No entender de Comblin, esse é o Evangelho.

Deus age no homem a partir do núcleo do seu ser, ou seja, a ação de Deus é também ação do homem; sendo assim, esse anúncio é também um apelo para que este se torne livre. “A liberdade vem da parte de Deus, que está tornando o homem livre, chamado a assumir a sua liberdade”²¹¹, parafraseia Comblin.

O Espírito substituíra a lei e constituía um novo princípio de ação e um novo fundamento para a sociedade humana e a própria pessoa humana. Paulo se referia à lei de Israel e utilizava o exemplo de Abraão para ilustrar a liberdade, uma vez que este patriarca viveu anteriormente à lei de Moisés.

Através do conceito de Paulo a respeito de ser livre da lei, Comblin afirma que “entre todos os tipos de leis havia um elemento comum, um aspecto de alienação, o homem recebia orientação de fora, sua ação não seria realmente sua, mas induzida a partir de fatores externos. Desse modo, a totalidade do sistema de normas e preceitos que organizava a vida do povo de Israel ficava suprimida para os membros do novo povo de Deus, sendo substituída por um novo princípio: a liberdade”²¹².

²¹¹ Ibidem, p.26.

²¹² Ibidem, p.38.

Para Paulo, a norma que preside essa liberdade seria o amor. Essa liberdade, comenta Comblin, “cria escravos do amor, visto que o amor produz uma inversão de todo o sistema de valores”²¹³, indica que este amor implicaria em obras, tendo os seres humanos como objeto, pois somente elas poderiam ser alcançadas. Através dessa forma de compreensão, confere-se ainda que Paulo expressasse seu entendimento claro acerca do ensinamento de Jesus, que o amor ao próximo seria o centro do Cristianismo e da nova vida, e as atitudes, ações e reações da pessoa recriada em Cristo pelo Espírito expressariam essa mensagem. Como vimos anteriormente, Comblin ressalta que o homem fora criado livre, e a partir do momento em que supera a lei, ele é restaurado à sua natureza original e autêntica, o amor. A liberdade produz o amor²¹⁴.

Outro aspecto que a lei conferia ao homem seria a sua segurança pessoal, ou seja, ao cumprir a lei o homem se convencera de sua justiça própria, baseava sua segurança em sua própria conduta, assim estaria justificado, podendo até mesmo buscar seus direitos diante de Deus.

O amor por outro lado, não teria medida ou regra, seria uma exigência sem limites, não forneceria apoio ao homem, estaria obrigado a entregar-se à fonte que o move e sustenta. Dessa maneira não teria como basear sua segurança em si próprio ou em seus méritos. Visto a liberdade do amor proceder de Deus, a liberdade seria a submissão a Deus.

Nenhuma lei, afirma Comblin, exprime a plenitude da consideração e desejo de procurar eliminar a dor do próximo. Jesus fazia objeções à tradição dos fariseus de sua época justamente pelo abandono do amor e pela radicalidade em cobrar do povo o cumprimento da lei de Moisés.

²¹³COMBLIN. O Caminho... p.142.

²¹⁴ Ibidem, p.39

2.2.2 O conteúdo da liberdade

Paulo sempre fala ao povo, sua mensagem dirige-se ao povo de Deus, este é o objeto de preocupação. A vocação à liberdade é vocação para formar um povo livre, um povo recriado de acordo com os primeiros desígnios do Criador. Em sua mensagem, afirma Comblin, Paulo oferece a verdadeira liberdade, o início de um processo histórico novo na base do processo de libertação inaugurado no Novo Testamento e destinado a passar da fase das promessas e figuras para a fase das realizações presentes²¹⁵.

Na observação do autor, Paulo não se referia apenas ao povo de Israel, enquanto descendentes de Abraão, Isaque e Jacó, mas pensava além, na formação de um povo novo, em que todas as fronteiras e hostilidades fossem superadas. Para Paulo, seria clara a idéia de que Jesus veio para abolir a separação entre Israel e o resto do mundo, visto que essa barreira era o obstáculo a uma autêntica liberdade. A liberdade, assim sendo, se basearia na superação das fronteiras de qualquer tipo para buscar uma convivência no respeito mútuo e na aceitação mútua.

O evangelho da liberdade é o termo final do processo de libertação iniciado na história de Israel narrado do Antigo Testamento, porém constituindo uma nova etapa radicalmente diferente. Para o antigo Israel, a libertação incluía a exaltação de uma nação em oposição a outras. Na mensagem de Paulo, seu apelo modifica essa condição, pois inclui judeus e não judeus, para aqueles no sentido de destruírem todas as barreiras impostas por sua interpretação da lei; para estes a fim de que entrem no processo de libertação iniciado no Antigo Testamento sem a necessidade de observar ou seguir as tradições de Israel, mas aceitando a vocação de Deus para a liberdade a partir do Espírito em Jesus Cristo²¹⁶. A liberdade é a marca do homem novo criado em Cristo pelo Espírito, a marca própria do povo de Deus novo e definitivo.

²¹⁵ Ibidem, p.30.

²¹⁶ Ibidem, p.32.

2.3 Como aplicar o amor ao próximo ?

Para Comblin o amor seria objeto de um anúncio, um amor diferente, que não exclui e não subestima as experiências humanas. Nas religiões haveria muitos sinais e palavras destacando a importância e o valor das crenças, dos ritos, dos preceitos morais e da submissão à instituição. Em contraponto, a mensagem do Cristianismo trazendo expressões como: ‘não amemos com palavras, nem com a língua, mas com obras e em verdade’²¹⁷.

O autor diz que a partir de uma visão renovada da sociedade e da pessoa, pode-se enxergar a questão do amor em nossos dias. Para isso, destaca alguns aspectos:

O reconhecimento do outro. A sociedade atual tem procurado se isolar do mundo dos pobres e definir um sistema de relações sociais ignorando a sua existência. Comblin ressalta que justamente pelo fato de “o outro” ser diferente “de mim” é que “me provoca e me questiona”. O outro não seria parte “do meu” mundo, mas penetra-o sem um convite, por isso perturba, pois, quem faz parte do “meu mundo” não é “outro”. Comblin diz que o olhar do outro seria de interrogação, de denúncia, acusação, petição, julgamento, este olhar seria o pobre que mesmo sem poder questiona e desequilibra “meu mundo” e que nesses tempos essa descrição se encaixa com a situação vivida por milhares de pessoas.

A compaixão procedente do amor. O autor lembra que no meio religioso o evangelho valoriza a compaixão, e que não pode haver uma real evidência do amor sem a prática da compaixão. Se assim ocorrer, o resultado será indignação, e esta pode resultar em protesto e revolta e não necessariamente em amor. Porém, diz Comblin, “sem indignação não se chegará a amar na prática” e que “da compaixão ativa surge o compromisso, o evangelho expressa que amar é fazer, não somente falar ou sentir, é uma opção de vida, e por isso resulta de uma conversão – aquela que constitui a orientação definitiva da nossa vida”²¹⁸.

²¹⁷ 1 João 3:18.

²¹⁸ Ibidem, p.140.

Nos debates e controvérsias de Jesus com os doutores da Lei, evidencia-se a dificuldade na compreensão da mensagem de Jesus. A fidelidade e o amor a Deus para os judeus se resumia no cumprimento da Lei de Moisés. Jesus, porém, defende a prioridade do amor ao próximo, identificando-o como amor ao próprio Deus, e superior a qualquer prescrição da Lei. Dessa forma, (a Lei) chegaria à perfeição.

Comblin observa que:

Jesus diz que amar a Deus e amar ao próximo é uma só coisa, um só mandamento. Como pode ser isso? Como é que o amor ao outro é também amor a Deus e o amor a Deus se realiza no amor ao próximo? Historicamente podemos constatar que uma pessoa pode amar o próximo e não amar a Deus, e quem ama a Deus pode não amar o próximo. São habitualmente dois movimentos autônomos. Há pessoas que se dizem atéias e praticam o amor ao próximo, e há místicos que vivem isolados dos outros. O segredo do evangelho de Jesus é justamente este: aproximar os dois movimentos para fazer deles um só²¹⁹.

3 O DESAFIO CRISTÃO NA SOCIEDADE

Analisando a questão da pobreza e justiça social, bem como propostas e desafios relacionados a estes temas, Luiz Eduardo W.Wanderley diz que “um dos maiores escândalos que perpassa a história da humanidade e constitui um desafio para as religiões se fixa no tema da justiça e seu aguilhão, a pobreza”²²⁰. Na concepção deste autor, se a pobreza e as injustiças têm permeado a história da

²¹⁹ Ibidem, p.142.

²²⁰ Cf. WANDERLEY. Op.cit., p.246.

humanidade, em teoria e no discurso, as religiões mundiais as têm denunciado e procurado se empenhar para combatê-las e minimizá-las com propostas concretas.

Considerando a prática efetiva dos cristãos, o autor afirma que profetas, santos, autoridades têm feito denúncias, elaborado medidas para que a mensagem evangélica não fique nas palavras e leve a ações e que inúmeros analistas, de várias correntes teóricas, mesmo com diferenças entre suas concepções, têm mostrado os impactos das mudanças trazidas pela globalização no sentido de ampliar a pobreza como resultante desse processo em curso: desemprego estrutural, flexibilização do trabalho, exclusão social²²¹. Como vimos no primeiro capítulo desta dissertação.

O autor ressalta que haveria o compromisso das religiões com uma nova ordem mundial e faz referência à Declaração para uma Ética Mundial, elaborada pelo Parlamento das Religiões do Mundo, em Chicago em 1993:

Nós, homens e mulheres provenientes de diversas religiões e regiões deste planeta, dirigimo-nos portanto a todos os seres humanos, religiosos ou não-religiosos. Queremos expressar a convicção que partilhamos:

Todos nós somos responsáveis por uma ordem mundial melhor.

Nosso posicionamento em favor dos direitos humanos, da liberdade, justiça, paz e preservação da terra dá-se de modo incondicional.

Nossas tradições religiosas e culturais diversas não nos devem impedir de assumir um posicionamento ativo e comum contra todas as formas de desumanidade e era favor de mais humanidade.

Os princípios manifestados nesta declaração podem ser assumidos por todos os seres humanos que sustentem convicções éticas, sejam elas de fundamento religioso ou não.

²²¹ Idem.

Nós, no entanto, como pessoas religiosas ou de orientação espiritual que fundamentam suas vidas sobre uma realidade última, da qual retiram força e esperança espiritual em uma atitude de confiança, de oração ou meditação, em palavras e pelo silêncio, estamos especialmente comprometidos com o bem da humanidade como um todo, e preocupados com o planeta Terra. Não nos consideramos melhores que outras pessoas, mas temos confiança em que a sabedoria milenar de nossas religiões seja capaz de apontar caminhos, também para o futuro²²².

Casiano Floristan se refere ao Cristianismo como “prática em que se realizam a verdade e a fé” na sociedade. Ele ressalta que a verdade seria prática, não apenas teoria e contemplação, mas algo que se pensa e que se faz. E diz que a verdade da fé cristã seria Jesus e crer significa ativamente a realização desta verdade, significa realizar a justiça. Floristan diz ainda, que pode-se entender a prática da Igreja como prática dos “pobres para transformar sua situação injusta e constituir-se como povo de Deus”²²³.

3.1 Atuação social do Cristianismo no início de sua história

Casiano Floristan tem contribuído de maneira contundente na atual discussão da Teologia Prática na América Latina. Ele faz uma descrição da prática de Jesus e da Igreja primitiva que serve para descobrir critérios para a atual ação da Igreja. Ele destaca a identidade de Jesus como profeta cuja missão seria de proclamar a boa nova da chegada do reino de Deus, a liberdade da opressão romana, a justiça social, a paz e o bem estar, o governo de Deus. O reino de Deus estaria parcialmente presente na prática de Jesus e é esperado como alvo escatológico, os seus protagonistas seriam os pobres, os que sofrem e precisam de justiça²²⁴.

²²² Ibidem, p.250.

²²³ FLORISTAN. Op.cit., p.185-187.

²²⁴Cf. Ibidem, p.9-10.

Em referência ao conceito de pobre, “entendido como sujeito de mudança social transformadora, (...) pobres são um fenômeno coletivo, são as classes, as massas, povos inteiros, a maioria da população nos países subdesenvolvidos. Os pobres não são algo natural, mas foram produzidos pelo sistema e, nesse sentido, são empobrecidos”²²⁵. Na concepção de Wanderley, os pobres seriam todos os oprimidos que buscam a libertação, mas ele também afirma que existem outras pobreza de caráter sociocultural, situadas dentro da pobreza socioeconômica, ocasionadas pelas discriminações racial, étnica e de gênero: os negros, os índios e as mulheres. Em concordância com Jorge Pixley e Clodovis Boff, ele afirma que “a opção pelo pobre é a opção por Jesus Cristo, num ágape pelos irmãos e preferencialmente pelos oprimidos, feita pela mediação da justiça; e daí surge a trilogia indissociável e articulada Cristo-justiça-pobres”²²⁶.

Na prática de Jesus, nos milagres como ações libertadoras, no perdão aos pecadores e na comunhão de mesa, o reino de Deus se tornaria o valor supremo que motiva para uma mudança de valores. O círculo de discípulos chamado por Jesus seria “o modelo fundamental do novo povo de Deus e o lugar teológico do qual se origina a Igreja”. Nesta mesma linha, Floristan defende a idéia de que Jesus formou a Igreja “sem deixar um modelo perfeitamente delineado de organização comunitária (...) Jesus deu a seus discípulos princípios básicos de uma prática alternativa, crítica em relação ao sistema, que é a prática do Reino e base de uma vida comum na Igreja”²²⁷. Esses princípios seriam: no nível econômico, o compartilhar dos bens materiais com os pobres; no nível político, a esperança de justiça e igualdade que desemboca numa crítica dos poderosos; e no nível ético-social, a transformação dos valores possibilitada por uma visão de fé que visa a dignidade da pessoa, a solidariedade e um amor universal que supera os conflitos.

Analisando os Evangelhos, Comblin afirma que Jesus não teria apenas proclamado teoricamente os seus princípios, ele mostrou nos seus gestos sua aplicação. A sociedade de seu tempo se defendia contra as pessoas que

²²⁵ WANDERLEY. Op.cit.,p.250.

²²⁶ WANDERLEY. Op.cit., p.250-251.

²²⁷Ibidem, p.45-51.

ameaçavam a sua segurança pela exclusão e muitas medidas de defesa justificadas por leis atribuídas ao próprio Deus. Lembra Comblin que todas as pessoas que não observavam as leis eram segregadas: as prostitutas, publicanos, samaritanos, pobres camponeses, pastores nômades. Jesus buscou os membros perdidos do povo de Israel com o propósito de destruir a barreira de segregação e restituí-los ao seu povo. Agindo assim, escandalizou todos os cidadãos bons e organizados, pois na concepção destes, Jesus estava introduzindo o princípio da desordem²²⁸.

Comblin analisa a ação de Jesus dizendo que “Jesus não institui uma sociedade nova, mas denuncia a sociedade que existe: mostra que a ordem que existe em Israel contradiz a vocação da nação²²⁹”. O autor afirma que a liberdade consiste em saber aceitar no seio do povo aqueles que não têm nenhum lugar definido, que não cabem dentro das categorias. As pessoas do samaritano, da prostituta, do leproso, do publicano exigem reconhecimento e que tudo mude para lhes dar um lugar.

3.2 Exemplo de posicionamento social cristão

Podemos verificar que na história da Igreja, cristãos de diversas épocas mantinham seu posicionamento de proteção, reconhecimento e auxílio concretos aos rejeitados e excluídos da sociedade. Poderíamos utilizar alguns exemplos práticos em nossa própria época que nos otimiza e nos gera esperança no fato de haver uma representação efetiva do Cristianismo na sociedade.

Utilizaremos o exemplo do Credo Social da Igreja Metodista para representar tal posicionamento que se fez presente desde seus primórdios, quando em 1908, a Igreja Metodista no Brasil tornou-se autônoma de seu vínculo originário da Igreja Metodista Episcopal do Sul (EUA). O referente documento passou a fazer parte dos seus Cânones desde 1934 e sob a ótica brasileira da posição metodista em relação

²²⁸ Cf.COMBLIN. *A Liberdade Cristã*, p.114-115.

²²⁹ Ibidem, p.115.

às diversas questões sociais do Brasil e do mundo veio a assumir características nacionais em 1960²³⁰.

“O Credo Social da Igreja Metodista pretende ser uma formulação da doutrina social ou da responsabilidade da Igreja Metodista no Brasil”²³¹. Seu significado é uma tomada de consciência dessa responsabilidade social em termos da situação brasileira. Consciência e responsabilidade iluminadas pelo discernimento do Evangelho de Jesus Cristo.

Negar a responsabilidade social do cristão só é possível, para a Igreja Metodista no Brasil, negando-se o Evangelho e a tradição do metodismo no mundo. Afirmá-la, traduzi-la renovadamente em termos das constantes transformações da sociedade é, segundo o significado do metodismo, a atitude e o testemunho que correspondem a cada geração metodista²³².

Parte do texto abaixo mencionado é fruto da revisão do Credo Social efetuada em julho de 1997, aprovada no 16º Concílio Geral da Igreja Metodista no Brasil, baseada na realidade atual do Brasil, visando a leitura, reflexão e prática “como uma exigência do Evangelho nestes tempos em que há o imperativo de se fazer uma opção pela vida e de se lutar contra a morte e todas as forças que a produzem”²³³.

Problemas sociais são manifestações patológicas do organismo social como um todo; originam-se de situações estruturais da sociedade e da mentalidade das pessoas conduzindo-as a condições de vida subumana e produzindo a marginalização sócio-econômica e cultural de indivíduos e populações.

Os problemas sociais são causa e efeito da marginalização passiva ou ativa das pessoas e dizem respeito

²³⁰ Cf. Jorge Hamilton Sampaio *in A história do Credo Social da Igreja Metodista. Credo Social*. Igreja Metodista. Biblioteca Vida e Missão. Documentos – no 10, Editora Cedro, sob licença da Imprensa Metodista, 1999, p.7-9.

²³¹ *Ibidem*, p.13.

²³² *Ibidem*, p.15.

²³³ *Ibidem*, p.9.

às carências nos setores básicos de Alimentação, Educação, Habitação, Saúde, Cultura, Carência de Fé Cristã, Recreação, Trabalho, Comunicação Social, Seguro Social e as manifestações da conduta humana que se opõem às normas estabelecidas por determinada sociedade. Os problemas sociais são próprios de uma determinada comunidade em determinada época e, por isso, precisam ser analisados dentro do contexto sócio-econômico e cultural específico.

A Igreja Metodista considera que:

1 - O ser humano, como pessoa criada à imagem e semelhança de Deus, é a realidade para a qual devem convergir todos os valores e recursos da sociedade.

2 - A pessoa humana é membro do corpo social e dele simultaneamente agente e sujeito.

3 - A sociedade é um todo social, sujeito permanentemente à influência de fatores que o modificam e que o pressionam, impondo mudanças profundas no comportamento humano.

4 - Para que uma sociedade traduza o sentido cristão de humanidade é necessário que, a par com a mudança das estruturas sociais, se processe uma transformação da mentalidade humana. O sentido cristão de humanidade só pode ser alcançado em uma sociedade na qual as pessoas tenham vida comunitária, consciência de solidariedade humana e de responsabilidade social.

5- Individualismo e massificação são causas graves de problemas sociais: ambos negam o Evangelho porque despessoalizam o ser humano²³⁴.

Através das observações do Credo Social da Igreja Metodista, temos um modelo social a ser seguido. Assim sendo, as mesmas podem ser utilizadas como bússola / orientação para aqueles que desejam viver uma vida cristã com responsabilidade social. O Credo Social Metodista pode ser de grande valia em uma

²³⁴ Ibidem, p.16-30.

sociedade envolvida em um sistema capitalista e individualista carente de boas ações aos menos favorecidos.

3.3 Olhando para os cristãos com otimismo

José Comblin diz que “a Igreja é a voz que se levanta diante de Deus clamando por justiça pelos pobres e oprimidos; é a voz dos marginalizados que não têm mais como expressar-se e se sentem sem forças”.²³⁵ Afirma o autor, que o clamor dos cristãos seria a expressão do clamor dos oprimidos do mundo, prolongando o clamor de Jesus em toda a sua extensão e contribuindo para que esse clamor envolva o mundo de geração em geração, quebrando o silêncio do mundo sobre essa realidade, superando e vencendo o medo, pela fé na possibilidade de uma sociedade mais justa e habitável ²³⁶.

A fé seria a confiança no triunfo, apesar de todo o visível. A força de Deus pode parecer escondida, a injustiça dominar o mundo e esmagar todos os esforços de mudança. Apesar de tudo, os filhos perseveram, não desanimam e afirmam a sua fé, confiando que Deus realizará a libertação de um povo humilhado²³⁷.

O ato de fé na Igreja seria a presença atual do ato de fé de Jesus na cruz²³⁸. Tal como Jesus, que depositou a sua confiança no Pai e aguardou o futuro no momento em que tudo parecia no auge do desespero, assim fizeram os discípulos. Pois a fé não seria a expressão da tomada de consciência do existente; a expressão do que se vê, mas do que não se vê. Esse clamor manifestaria a maneira de viver a fé, e o cristão viveria a fé a partir da opressão, do alto da cruz, momento em que o

²³⁵ Comblin, *O clamor dos oprimidos, o clamor de Jesus...*, p.52.

²³⁶ *Ibidem*, p.58.

²³⁷ *Idem*.

²³⁸ “Reconhecer Deus no Cristo crucificado significa entender sua história trinitária, a nós e o mundo. Deus não morreu. A morte está em Deus. Ele sofre por nós. Conosco. Deus não rejeita ser humano algum nem poderá ser finalmente rejeitado. No caminho oculto da cruz o Deus triúno vai na direção de ser ‘tudo em todos’, pois ‘nele nós vivemos, nos movemos e temos o nosso ser’. Deus não está morto. Pende da cruz de seu amor e glorifica o seu sacrifício com a ressurreição. A miséria que causamos e a infelicidade que experimentamos são suas. Nossa história de sofrimento foi tomada em sua história de sofrimento. Assim, seu futuro torna-se nosso, e a felicidade de seu amor é a ressurreição de nossa vida”. MOLTSMANN, Jurgen. *Paixão Pela Vida...*, p.64.

Espírito se faz presente para suprir todas as deficiências das percepções, revelando o invisível e inspirando confiança no ausente²³⁹.

Comblin ressalta que o clamor dos cristãos pode invocar a ressurreição de Jesus²⁴⁰, pois ela é o sinal da promessa que não foi feita em vão, sendo ela mesma ato de fé. Tudo está envolvido na fé, na fé que mostra que o triunfo de Deus já começou, e o grito de vitória já ecoou. Invocamos o Pai, apoiados no fato da ressurreição.

Voltando atrás e percorrendo toda a evolução do clamor dos pobres desde as suas origens, observamos um lento amadurecimento. Como diz Paulo, antes da escravidão no Egito, a escravidão e a opressão imperavam no mundo, e essa opressão não afetou apenas o povo de Israel, mas a criação inteira. Com Moisés, com Israel no Egito, Deus começou a manifestar-se, estabelecendo uma aliança. A partir daí, Israel podia invocá-la não mais num gemido, mas num verdadeiro clamor²⁴¹.

O clamor de Israel era ouvido por Deus porque na realidade, era inspirado pelo Espírito de Deus; de Deus provinha e a ele havia de chegar. Através do clamor de Israel, Deus ia preparando o clamor do próprio Filho na cruz, clamor esse repetido desde então por milhões de vozes em todos os quadrantes da terra.

Segundo Comblin, o clamor de Israel oprimido teria culminado no clamor de Cristo e da Igreja. Contudo, o clamor de Cristo e da Igreja não estariam desvinculados um do outro, mas compreenderiam os clamores análogos do Antigo Testamento. Pois a opressão culmina, mas não termina na cruz. Ela continua na voz dos oprimidos que clamam a Deus, unindo o seu clamor ao de Jesus e de todo o seu corpo.

²³⁹ COMBLIN, *O clamor dos oprimidos, o clamor de Jesus*. p.59.

²⁴⁰ Nesta mesma linha, Sung diz: "A nossa esperança no Deus que ressuscitou Jesus deve ser a base da nossa espiritualidade para sermos sementes de esperança no meio do povo. Esperança e sonho de um mundo solidário e humano. SUNG, Jung Mo. *Desejo, Mercado e Religião...*, p.45.

²⁴¹ *Ibidem*, p.60.

A epístola de Tiago lembra o realismo do evangelho. A opressão é caracterizada de modo bem concreto: a figura dos ceifadores aos quais não se paga o salário devido. Fato em si quase trivial, pois não acontece isso todos os dias, em milhões de casos? O clamor de Jesus e da Igreja se alicerça em um material imenso, de que a opressão de Israel teria sido apenas um episódio ao lado do que aconteceu desde então. Porém, pouco a pouco, os ceifadores dos campos alheios estariam aprendendo a levantar a voz, a confiar, a vencer o medo e a denunciar as mentiras pelas quais foram mantidos na servidão e no silêncio.

Comblin diz que o clamor não permanece sem resposta, deve realizar uma mobilização geral das consciências, pois o clamor dos pobres injustiçados seria sagrado e prioritário para todos os cristãos²⁴².

Para o autor, o clamor da Igreja, do qual fala Paulo, e o clamor dos ceifadores seria um único, cada um recebendo valor e significado do outro. Ambos formando os dois pólos de um só clamor. O clamor dos ceifadores teria valor porque seria elevado por Jesus ao Pai assumido pela Igreja de Cristo. O clamor de Jesus tornar-se-ia algo concreto em cada época porque ele seria o reflexo do caso dos ceifadores e de todos os demais trabalhadores explorados e iludidos²⁴³.

A resposta do Pai estaria no próprio clamor e na sua força histórica. Ao assumir esse clamor, a Igreja e todo o povo cristão o tornariam um fator histórico²⁴⁴.

Em toda América Latina, a Igreja exerceu a função de porta-voz de modo mais visível hoje do que no passado. Vencendo o medo como Jesus o venceu, uma boa parte dela se solidarizou com os oprimidos, os pobres e marginalizados. A defesa dos direitos humanos seria a forma atual do clamor do povo de Deus. Entre os direitos humanos mais sagrados está o direito dos trabalhadores de defenderem os próprios direitos e de serem tratados como pessoas, com dignidade, seja no trabalho seja na sociedade. Quando este direito não é respeitado, o direito supremo e último recurso seria clamar.

²⁴² Cf. *Ibidem*, p.62.

²⁴³ *Idem*.

²⁴⁴ *Idem*.

Comblin observa que de modo algum poderia a Igreja, como organização humana, servir-se do clamor dos oprimidos para promover a própria expansão. A palavra da Igreja está a serviço do clamor: “Abba, Pai”, e não o clamor do Espírito a serviço da igreja. Este clamor “Abba, Pai” seria o clamor ainda hoje pronunciado pelo povo de Deus oprimido, desempregado, pelo povo que tem que viver do salário mínimo ou menos ainda, pelo povo ao qual não se faz justiça porque não se acha quem lhes advogue as causas²⁴⁵.

Algumas parábolas de Jesus teriam ilustrado claramente o seu modo de agir, como a da ovelha perdida, e teriam também a finalidade de explicar a sua ação, aclarar sua tarefa: buscar os homens perdidos, fazer com que o que estava perdido se achasse. A ação social de Jesus, segundo José Comblin era

fazer com que aparecessem no povo aqueles que foram rejeitados do meio dele. (...) Essa foi a práxis de Jesus; a sua ação libertadora. Essa ação permanece como norma ora esquecida, ora lembrada durante toda a história da Igreja. A ação da Igreja trata-se de uma ação de tipo pessoal no sentido de fazer com que as pessoas apareçam. Trata-se de uma ação de reconhecimento público da pessoa do próximo, da pessoa desprezada, rejeitada. A ação cristã vai à busca da pessoa esquecida, a pessoa que não cabe dentro das estruturas e das categorias e coloca essa pessoa no centro da atenção. Trata-se de um descobrimento da pessoa negada pela sociedade estruturada e estabelecida²⁴⁶.

CONSIDERAÇÕES SOBRE O CAPÍTULO

Neste capítulo, abordamos o amor e a liberdade cristã no mundo de hoje. Iniciamos falando sobre a Igreja Cristã frente ao neoliberalismo na América Latina,

²⁴⁵ Ibidem, p.63.

²⁴⁶ COMBLIN. *A Liberdade Cristã*, p.129.

que segundo Comblin estaria incluída nos propósitos dos neoconservadores, no sentido de preparar seus participantes para uma melhor adequação a este sistema, vimos também que na concepção de João Batista Libânio, a religião tem, ora se omitido, ora aderido à ideologia neoliberal. Efetuamos uma consideração acerca da verdadeira igreja em leitura a Sobrino, onde ressalta que a maneira concreta de corresponder a Deus consiste na práxis para a justiça do seu reino e em realizar esta práxis a partir dos pobres.

Em seguida discorremos entre a fé cristã e amor ao próximo, que segundo o pensamento de Comblin pode ser compreendido como prerrogativa fundamental para a ação dos cristãos na sociedade. Falamos sobre a liberdade proporcionada aos cristãos para evidenciar o amor ao próximo. Entendemos que o Evangelho de Jesus propõe ao homem uma vida nova, onde este é liberto de conceitos e preconceitos que o impedem de perceber a existência do outro passando a vê-lo como alguém digno de ser incluído na sociedade.

Abordamos o desafio cristão na sociedade, utilizando Luiz Eduardo Wanderley para esclarecermos sobre a importância da participação dos cristãos frente aos desafios nela evidenciados. Mencionamos o comprometimento da Igreja Cristã no início da sua história e o entendimento a respeito da sua missão, a saber, tornar práticos os ensinamentos e princípios de Jesus Cristo, sua atitude para com os oprimidos e menos favorecidos. Pudemos ver que a Igreja no Novo Testamento não é apresentada como uma comunidade alienante, mas como uma comunidade que abrange o homem em seu contexto social. Como exemplo de participação social na efetivação e representação da fé cristã, fizemos referência ao Credo Social Metodista, que propõe um direcionamento e propósito aos seus integrantes.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao abordar o assunto Fé Cristã e Compromisso Social, pudemos perceber como o sistema neoliberal tem envolvido os indivíduos e assolado a sociedade com sua filosofia individualista e sua insensibilidade frente aos sofrimentos dos pobres.

Diante da atual situação de exclusão social bem como dos sentimentos de insensibilidade e individualismo, podemos notar que as mudanças e exigências da sociedade, no âmbito profissional também contribuem para o distanciamento das pessoas quanto às necessidades alheias. Como diz Sung,

Vivemos num mundo ao mesmo tempo fascinante e estarrecedor. Tudo parece estar em efervescência e aceleração. As chances e os desafios alcançaram extremos para os quais a experiência cotidiana de boa parte da espécie humana não os preparou. Não é exagerado dizer que muitos acontecimentos do mundo atual nos agarram de surpresa. Não poucos se sentem empurrados para dentro de vórtices de mudanças (...) Portanto, o tema incontornável da exclusão adquiriu hoje uma faceta antes menos evidente: a exclusão social já não é solucionável sem tomar em conta seu forte ingrediente novo ligado à exigência de um aprender incessante para continuar qualificado como empregável²⁴⁷.

Constatamos que atualmente as dificuldades verificadas na sociedade exigem da Igreja uma posição prática e sólida para não apenas envolver-se através da conscientização e realização de projetos, mas fundamentar e tornar visível e concreto o amor de Jesus Cristo. Além de agir por misericórdia e compaixão aos carentes, Jesus doou-se totalmente para que seus seguidores pudessem compreender os princípios que O levaram a assim fazer. Daí então, a necessidade

²⁴⁷ Assmann, Hugo e Sung, Jung Mo. Op. Cit. p.13.

de atentarmos para a questão solidária tornando as palavras de Jesus reais, produzindo nos cristãos os resultados esperados. Como diz Comblin:

A Igreja tem um papel limitado nas transformações do mundo. Esse papel, no entanto, pode ser eficaz e significativo. Pode servir eficazmente ao advento do reino de Deus. Pode também passar ao lado dele e perder chances históricas²⁴⁸.

A vivência da fé por parte dos cristãos pode e precisa ser manifesta também através de práticas religiosas e sociais que modifiquem ou influenciem a sociedade. Pois, os cristãos podem e devem efetivamente comprometer-se com ações sociais enquanto povo de Deus, mobilizar-se em prol das pessoas que vivem graves dificuldades humanas e sociais.

Muitas são as referências históricas, sociais e bíblicas que revelam o propósito de Deus em manifestar na terra sua justiça e amor. Tais referências e exemplos são totalmente merecedores de atenção, observação e atuação. Ensinos estes que marcaram épocas e milhares de vidas no decorrer da história da Igreja Cristã, e geraram a confiança de que a fé em Cristo e em seus ensinamentos podia e pode contribuir e transmitir esperança em prol dos que se encontram desesperados.

Há duas atitudes que os cristãos podem adotar com relação ao compromisso social: uma é a fuga, voltar as costas ao mundo, em alienação às injustiças sociais e endurecer o coração frente aos agonizantes gritos de socorro. A segunda posição é engajar-se, ou seja, voltar o rosto para o mundo em atitude de compaixão, sofrer e gastar-se pelo serviço deste e sentir no fundo do ser o comovente e incontido amor de Deus por toda humanidade.

Como mencionado, a Igreja teve grandes oportunidades históricas para sua efetiva participação e contribuição. Através da história da Igreja Cristã podemos

²⁴⁸ COMBLIN, José. *Cristãos Rumo ao século XXI. Nova caminhada de libertação*. São Paulo: Paulus, 1996, p.17.

notar que tal contribuição se fez ora presente, ora ausente, e em cada situação vemos a importância significativa da ação dos cristãos.

Uma vez olhando para além das fronteiras de sua própria realidade e expressando sua fé, numa demonstração de que esta pode ser considerada como saída para fora de suas paredes, a Igreja Cristã poderá superar a insensibilidade e individualismo existente, partindo para a ação, concretizando assim a missão de vivenciar o Evangelho de Jesus Cristo.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALBERT, Michel. *Capitalismo x Capitalismo*. São Paulo: Fundação Fides/Loyola, 1992.

ALLMEN, Jean-Jacques Von. *Vocabulário Bíblico*. São Paulo: ASTE, 1972.

ALONSO, José Diaz. *Fe y Justicia*. Salamanca: Sigueme, 1981.

ARENDT, Hannah. *A Condição Humana*. Tradução Roberto Raposo. 10.ed. Rio de Janeiro: Editora Forense Universitária, 2004.

ASSMANN, Hugo e HINKELAMMERT. *A Idolatria do Mercado. Ensaio sobre economia e teologia. Série V: Desafios da vida na sociedade*. São Paulo: Vozes, 1989.

_____. e SUNG, Jung Mo. *Competência e Sensibilidade Solidária: Educar para a Esperança*. 3.ed. Petrópolis: Vozes, 2003.

_____. *Desafios e Falácias. Ensaio sobre a conjuntura atual*. São Paulo: Paulinas, 1991.

BARBIERI, Sante Uberto. *A Ação Social da Igreja*. S.I.P. Junta Geral de Ação Social da Igreja Metodista do Brasil, s.d.p.

BARTH, K. *Fé em Busca de Compreensão: Fides quaerens intellectum*. São Paulo: Novo Século, 2000.

BAUDRILLARD, Jean. *A Sociedade de Consumo*. Rio de Janeiro: Elfos, 1995.

BAUER, Johannes B. *Dicionário de Teologia Bíblica*. Tradução de Helmuth Alfredo Simon. v.1, São Paulo: Loyola, 1979.

BAUMAN, Zygmunt. *Amor Líquido. Sobre a Fragilidade dos Laços Humanos*. Tradução Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Zahar, 2004.

_____. *Modernidade Líquida*. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.

BERKLEY, James. *A Essência do Cristianismo: A relevância do verdadeiro cristianismo nos dias atuais*. São Paulo: Vida, 2002.

BERGER, Peter e LUKMANN, Thomas. *A Construção Social da Realidade: tratado de sociologia do conhecimento*. Petrópolis: Vozes, 1985.

BITTENCOURT, Filho J. *Matriz Religiosa Brasileira: Notas ecumênicas*, in *Tempo e Presença*, nº 264, Rio de Janeiro: CEDI, 1992.

BOFF, Leonardo. *E a Igreja se fez Povo*. 2.ed. Petrópolis: Vozes, 1986.

_____. *O Destino do Homem e do Mundo: Ensaio sobre a vocação humana*. 9.ed. Petrópolis: Vozes, 2000.

BOSCH, David J. *Missão Transformadora*. São Leopoldo: Sinodal, 2002.

BROWN, Colin. *O Novo Dicionário Internacional de Teologia do Novo Testamento*. Tradução de Gordon Chown. São Paulo: Vida Nova, 1982.

BUARQUE, Cristovam. *A Desordem do Progresso, Paz e Terra*: São Paulo, 1991.

_____. *O Colapso da Modernidade Brasileira e um Programa de Proposta Alternativa*. São Paulo: Paz e Terra, 1992.

CARNEIRO, Ricardo (Org.). *Os Clássicos da Economia*. São Paulo: Ática, 1997.

CARVALHO, E. de A., MORIN, E. et al. *Ética, Solidariedade e Complexidade*. São Paulo: Palas Athena, 1998.

CASTRO, Clóvis Pinto de. *Por uma Fé Cidadã: A Dimensão Pública da Igreja. Fundamentos para uma Pastoral da Cidadania*. São Paulo: Loyola, 2000.

CHONCHOL, Jacques. *Formas y Consecuencias de la Globalización*. Cuadernos ARCIS-LOM. La invención y la herencia. Santiago, 1997.

CLAI. Quarta Assembléia Geral. Missão, Unidade e Identidade da Igreja. Quito, Ecuador, 2000.

CODINA, V. *Renascer para a solidariedade*. São Paulo: Loyola, 1984.

COMBLIN, José. *O Caminho: Ensaio sobre o seguimento de Jesus*. São Paulo: Paulus, 2004.

_____. *A Força da Palavra – “No princípio havia a palavra”*. Petrópolis: Vozes, 1986.

_____. *A Igreja e Sua Missão no Mundo*. 2.ed. São Paulo: Paulinas, 1989.

_____. *A Liberdade Cristã*. Petrópolis: Vozes, 1977.

_____. *A Oração de Jesus*. Petrópolis: Vozes, 1973.

_____. *A Sabedoria Cristã*. São Paulo: Paulinas, 1986.

_____. *Cristãos Rumo ao Século XXI: Nova caminhada de libertação*. 2. ed. São Paulo: Paulus, 1996.

_____. *Educação e Fé. Os princípios da educação cristã*. São Paulo: Herder, 1962.

_____. *O Neoliberalismo: Ideologia dominante na virada do século*. Petrópolis: Vozes, 1999.

_____. *O tempo da Ação. O Tempo da Ação: Ensaio sobre o Espírito e a história*. Petrópolis: Vozes, 1982.

_____. *O Clamor dos Oprimidos, o Clamor de Jesus*. 2.ed. Petrópolis: Vozes, 1985.

Corporeidade e Teologia / SOTER. Sociedade de Teologia e Ciências da Religião (Org). São Paulo: Paulinas, 2005.

CORREIA, Adolfo Machado. *A Carreira Cristã*. São Paulo: Independente, 1970.

COSTA, Maria Cristina Castilho. *Sociologia. Introdução à Ciência da Sociedade*. São Paulo, Moderna, 1997.

COUTINHO, L. Terceira Revolução Industrial e Tecnológica: As grandes tendências de mudança. *Revista Economia e Sociedade*, Campinas, n.1, ago., 1993.

Credo Social. *A História do Credo Social da Igreja Metodista*. Igreja Metodista. Biblioteca Vida e Missão. Documentos – nº 10. São Bernardo do Campo: Cedro, sob licença da Imprensa Metodista, 1999.

DEJOURS, Christophe. *A Banalização da Injustiça Social*. 4.ed. Rio de Janeiro: FGV, 2001.

DRUCK, M. G.. Terceirização: (Des) Fordizando a Fábrica - Um estudo do complexo petroquímico da Bahia. Tese (Doutorado em Ciências Sociais), Unicamp, 1995.

DURANT, Will. *A História da Filosofia*. Tradução de Luiz Carlos do Nascimento Silva. São Paulo: Nova Cultural Ltda, 2000.

DURKHEIM, Émile. *As Formas Elementares de Vida Religiosa*. São Paulo: Paulinas, 1989.

DUSSEL, Enrique. *Ética Comunitária*. Petrópolis: Vozes, 1987.

FEATHERSTONE, Mike. *Cultura de Consumo e Pós-modernismo*. São Paulo: Studio Nobel, 1995.

FLORES, Alberto Vivar. *Antropologia da Libertação Latino Americana*. Tradução de Luiz Laurentino da Silva. São Paulo: Paulinas, 1991.

FLORISTAN, Casiano. *Teologia Practica. Teoria y Práxis de la Accion Pastoral*. Salamanca: Sigueme, 2000.

FUKUYAMA, F. *O Fim da História e o Último Homem*. São Paulo: Rocco, 1992.

FURTADO, Celso. *O Capitalismo Global*. São Paulo: Paz e Terra, 1998.

GAD, Thomas. 4-D Branding: Cracking the corporate code of the network economy. London: financial times-Prentice Hall. 2000.

GEFFRÉ, Claude, *Como fazer Teologia Hoje*. São Paulo: Paulinas, 1989.

GONZALEZ, Justo L. *E Até aos Confins da Terra: Uma história ilustrada do Cristianismo - A Era dos Mártires*. Tradução Key Yuasa. v.1. São Paulo: Vida Nova, 1995.

GUTIERREZ, Gustavo. *Teologia da Libertação*. Petrópolis: Vozes, 1975.

_____. *A Força Histórica dos Pobres*. Tradução de Álvaro Cunha. Petrópolis: Vozes, 1981

HARING, B. *Livres e Fiéis em Cristo: Teologia moral para sacerdotes e leigos*. São Paulo: Paulus, 1982.

JOSAPHAT, Carlos. *2000 Em Nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo: Comunhão divina, solidariedade humana*. São Paulo: Loyola, 2000.

KLAIBER, Walter e MARQUARDT, Manfred. *Viver a Graça de Deus: Um Compêndio da Teologia Metodista*. São Bernardo do Campo: Cedro, 1999.

LAKATOS, Eva Maria. *Metodologia Científica*. São Paulo: Atlas, 1991.

LIBÂNIO. João Batista. *A Religião no Início do Milênio*. São Paulo: Loyola, 2002.

_____. *As Lógicas da Cidade: Impacto sobre a fé e sob o impacto da fé*. São Paulo: Loyola, 2001.

LOPES, Nicanor. *Responsabilidade Social e Terceiro Setor: Uma análise crítica da Associação Beneficente Campineira da Igreja Metodista à luz da Teologia Prática*. Dissertação (Mestrado em Ciências da Religião) São Bernardo do Campo, 2003.

MADI, Maria Alejandra Caporale. *Milton Friedman: Estabilidade com regras monetárias. Os clássicos da economia*. São Paulo: Ática, 1997.

MARDONES, José Maria. *Capitalismo y Religión. La religión política neoconservadora*. Santander: Sal Terrac, 1991.

MARTELLI, Stefano, *A religião na sociedade pós-moderna*, São Paulo: Paulinas, 1995

MATOS, Alderi Souza de. *A Caminhada Cristã na História: A Bíblia, a Igreja e a sociedade ontem e hoje*. Viçosa: Ultimato, 2005.

MONDIN, Battista. *Curso de Filosofia. Os filósofos do Ocidente*. v.2 São Paulo: Paulinas, 1981.

MOLTMANN, Jurgen. *Diaconia: Em el Horizonte Del Reino de Dios*. Guevara: Sal Terrae, 1987.

_____. *O Caminho de Jesus Cristo: Cristologia em dimensões messiânicas*. Tradução de Ilson Kayser. Petrópolis: Vozes, 1993.

_____. *Paixão pela Vida*. São Paulo: Aste, 1978.

MUÑOZ, Ronaldo. *Solidariedade Libertadora: Missão da Igreja*. Tradução de Aluísio D. de Menezes. Petrópolis: Vozes, 1982.

ORMEROD, P. *A Morte da Economia*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

RAHNER, Karl. *Curso Fundamental da Fé. Introdução ao conceito de cristianismo*. São Paulo: Paulus, 1989. (Coleção Teologia Sistemática)

Reestruturação Produtiva, Globalização e Neoliberalismo: Capitalismo e exclusão social neste final de século. Disponível em: <http://www.globalizacion.org> - Acesso em: 30 mar. 2007.

RIBEIRO, Hércion. *A Condição Humana e a Solidariedade Cristã*. Petrópolis: Vozes, 1998

RICARDO, David. *Princípio da Economia Política e Tributação*. São Paulo: Abril Cultural, 1982. (Os Economistas)

SADER, E. (org.) *Pósneoliberalismo: As políticas sociais e o Estado Democrático*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1995.

SALVODI, Valentino. *O Evangelho da Solidariedade: Jesus com os pobres, os pecadores*. São Paulo: Paulinas, 1997.

SANCHEZ, W.Lopez (Org). *Cristianismo na América Latina e no Caribe*. São Paulo: Paulinas, 2003.

SHERMAN, Amy L. *Preferencial Option. A christian and Neoliberal Strategy for Latin American 's Poor*. W. Erdmans. Grand Rapids, 1992.

SCHNEIDER-HARPPRECHT, Cristoph. *Teologia Prática no Contexto da América Latina*. ASTE / Sinodal, 1998.

SOBRINO, Jon. *Ressurreição da Verdadeira Igreja: Pobres, lugar teológico da eclesiologia*. São Paulo. Loyola, 1982.

_____. *A Fé em Jesus Cristo: Ensaio a partir das vítimas*. Tradução de Ephraim F. Alves. Petrópolis: Vozes, 2000.

_____. *O Princípio Misericórdia. Descer da cruz os povos crucificados*. Petrópolis, Vozes, 1994.

SPENER, Jacob Phillip. *Mudança para o Futuro: Pia Desideria*, Encontrão Editora e Inst. Ecum. Pós-Grad.em Ciências da Religião, 1994.

STOTT, W. R. John. *Mentalidade Cristã - Posicionamento do Cristão em uma Sociedade Não-Cristã*. Tradução de Sileda S. Steuernagel. 4.ed. Niterói: VINDE, 1994.

SUNG, Jung Mo. *Desejo, Mercado e Religião*. Petrópolis: Vozes, 1998.

_____. *Deus Numa Economia sem Coração: Pobreza e neoliberalismo: Um desafio à evangelização*. 3.ed. São Paulo: Paulus, 1998.

_____. *Educar para Reencantar a Vida*. Petrópolis: Vozes, 2006.

_____. *Sementes de Esperança. A fé em um mundo em crise.* Petrópolis: Vozes, 2005.

_____. *Teologia e Economia. Repensando a teologia da libertação e utopias.* 2.ed. Petrópolis: Vozes, 1995.

TILLICH, Paul. *Dinâmica da Fé.* Tradução de Walter O. Schlupp. 7.ed. São Leopoldo: Sinodal, 2002.

_____. *A Era Protestante.* Tradução de Jaci Maraschin. São Paulo: Ciências da Religião, 1992.

_____. *Perspectivas da Teologia Protestante nos Séculos XIX e XX.* Tradução de Jaci Maraschin. São Paulo: ASTE, 1986.

TORRES, Queiruga. *O Cristianismo no Mundo de Hoje.* São Paulo: Paulus, 1994.

WEBER, Max. *A Ética Protestante e o Espírito do Capitalismo.* 3.ed. São Paulo: Pioneira, 1983.